

**ESPECIAL CORONAVIRUS**  
**42 PÁGINAS**



Editora ABRIL  
edição 2679 - ano 53 - nº 13  
25 de março de 2020

# veja

www.veja.com



O infectologista  
Moacyr Silva Junior:  
"Nunca trabalhei  
tanto na minha vida"

## HERÓIS DE GUERRA

VEJA teve acesso exclusivo à dramática rotina da equipe médica do Hospital Albert Einstein, instituição que confirmou o primeiro caso positivo de Covid-19 no Brasil e tem mais de vinte infectados em seus leitos

# Canal Único PDF O Jornaleiro



Cadê o Jornaleiro, gente?!

Acesse nosso Canal no Telegram:

[t.me/jornaiserevistas](https://t.me/jornaiserevistas) ou [@jornaiserevistas](https://t.me/@jornaiserevistas)

**Neste momento  
de tantas  
preocupações,  
queremos tirar  
pelo menos uma  
da sua cabeça.**

Você, cliente Itaú pessoa física e micro ou pequeno empreendedor, que tem empréstimos em dia, pode pagar a próxima parcela daqui a 60 dias mantendo a mesma taxa de juros. A gente sabe que, neste momento, tem outras coisas que você não pode deixar para depois. Mas essa você pode.

**Acesse [itau.com.br](https://itau.com.br) e saiba como contratar.**



# veja

EDIÇÃO 2679  
ANO 53 | Nº 13

- 5 VEJA.com
- 6 Carta ao Leitor
- 9 Entrevista Jussi Toivanen
- 12 Leitor
- 18 Veja Essa
- 20 Datas
- 21 Conversa Mário Gomes
- 22 SobeDesce
- 22 A Lista
- 23 Sensacionalista
- 24 Radar

## ECONOMIA

- 68 **Infraestrutura** A relevância estratégica da Transnordestina

## GERAL

- 72 **Gente**
- 74 **Tecnologia** Os influentes avatares com milhões de seguidores nas redes sociais
- 77 **Coluna** Claudio de Moura Castro
- 78 **Comportamento** A onda dos drinques em lata
- 79 **Estilo** Os novos fones ostensivos
- 80 **Polícia** Najila e Neymar, o retorno
- 82 **Arqueologia** O Egito reabre a pirâmide mais antiga
- 84 **Gastronomia** Os chefs viraram fazendeiros
- 86 **Bebida** O Rio Grande do Sul colhe sua melhor safra vinícola

## CULTURA

- 88 **Livros** Os 100 anos de Agatha Christie
- 91 Os thrillers do americano Harlan Coben, autor da série *Não Fale com Estranhos*
- 92 **Televisão** Madam C.J. Walker, a primeira mulher a virar milionária nos Estados Unidos, é vivida por Octavia Spencer em série
- 94 *Garotas Perdidas* fala de uma mãe em busca da filha desaparecida
- 95 **Coluna** Raphael Montes
- 96 **VEJA Recomenda**
- 97 **Os livros mais vendidos**
- 98 **Coluna** Dora Kramer

REUTERS

# ESPECIAL CORONAVÍRUS

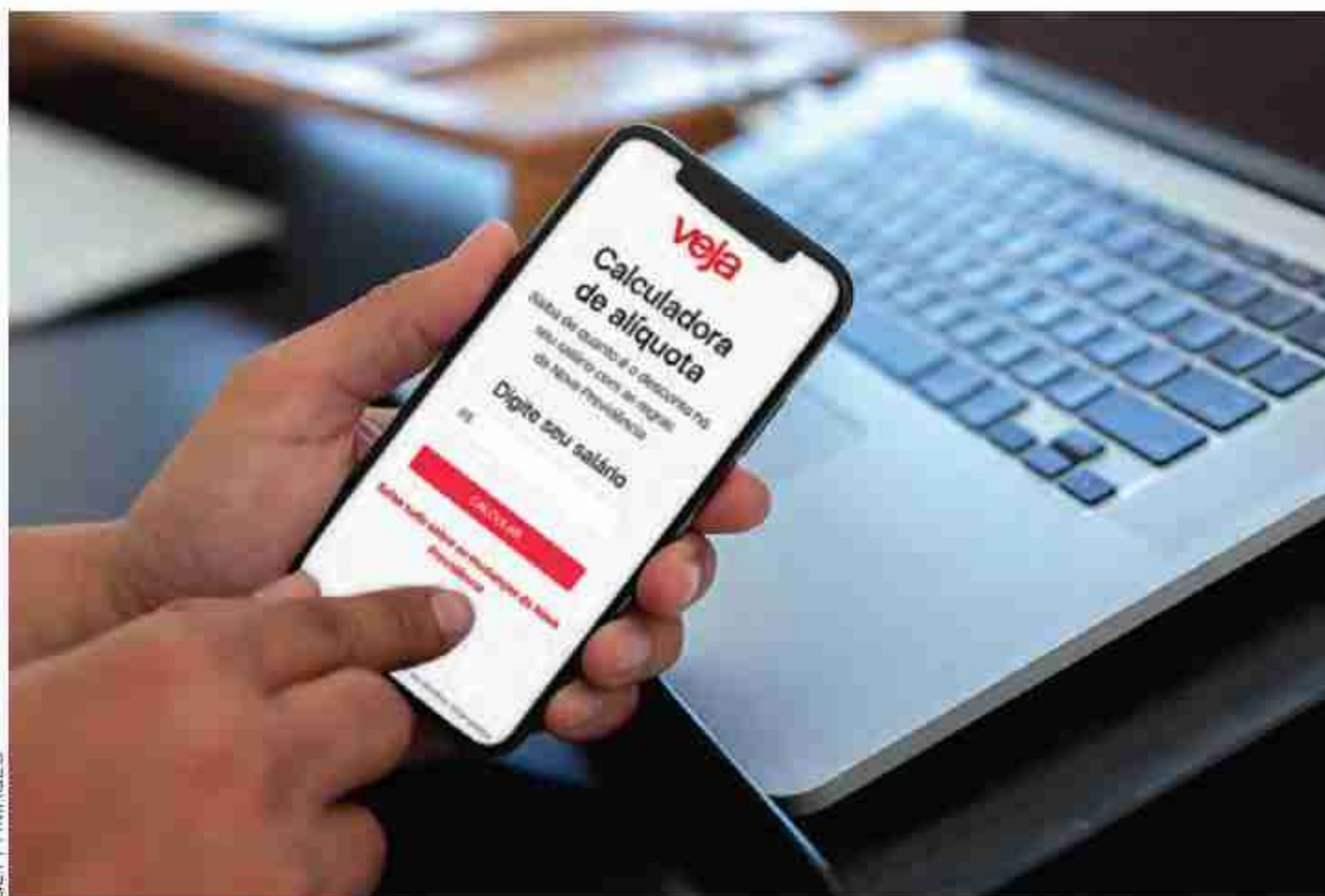
- 26 **Apresentação** O mundo e o Brasil em suspense
- 28 **Sociedade** A ciência é a resposta para o pânico
- 32 **Medicina** O cotidiano dos profissionais do Albert Einstein (SP)
- 38 **Poder** Bolsonaro tenta se aproximar do Congresso para não ser derrotado pelos estragos da Covid-19
- 42 **Estados** Governadores tentam ocupar vácuo político
- 47 **Coluna** Murillo de Aragão
- 48 **Religião** Abrir ou fechar templos e igrejas?
- 49 **Coluna** Alon Feuerwerker
- 50 **Crime** As rebeliões nos presídios começam a se propagar
- 52 **Brasília** Ministros e assessores do presidente da República foram contaminados com o coronavírus
- 54 **Conjuntura** A expectativa de crescimento naufraga na crise
- 57 **Coluna** Maílson da Nóbrega
- 58 **Finanças** Quebradeira e até morte marcam a bolsa de valores
- 60 **Europa** A vida na quarentena
- 64 **Estados Unidos** O custo eleitoral do vírus
- 66 **Primeira Pessoa** Ueze Zahran Stamatidis



## COMECE O DIA BEM INFORMADO

VEJA passou a publicar nesta semana em seu site o boletim matinal **CINCO ASSUNTOS PARA COMEÇAR SEU DIA**. É uma opção para se informar rapidamente sobre os principais temas em discussão no Brasil e no resto do mundo, com as notícias que circularam na noite anterior e

análises do que se deve esperar durante o dia. Em tempos de pandemia de coronavírus, desinformação e *fake news*, não há melhor estratégia do que buscar se manter por dentro do que realmente está acontecendo. Confira de segunda a sexta-feira, às 8 horas: [abr.ai/cinco-assuntos](http://abr.ai/cinco-assuntos)



**QUANTO VOU PAGAR?** Cinco meses após a reforma da Previdência ter entrado em vigor, seus efeitos passam a ser sentidos pelos brasileiros que contribuem para o INSS. Quem é assalariado sentirá no bolso, e quem é profissional liberal precisará se adaptar ao novo regime progressivo. Para ajudar a fazer a conta, VEJA preparou uma calculadora: [abr.ai/INSS-aliquota](http://abr.ai/INSS-aliquota)

### PARA OUVIR

[abr.ai/podcasts](http://abr.ai/podcasts)

PODCAST  
FUNCIONÁRIO DA SEMANA

**RONALDO CAIADO**  
Governador de Goiás

DISPONÍVEL PARA

### PARA ASSISTIR

[abr.ai/amarelas](http://abr.ai/amarelas)

PÁGINAS AMARELAS  
EM VÍDEO

**BORIS FAUSTO**  
Historiador e  
cientista político

## CARTA AO LEITOR



# O PAPEL DO JORNALISMO

**NOS ÚLTIMOS ANOS**, por horror à verdade e com claro projeto de manipulação da opinião pública, governantes populistas e suas hostes elegeram a “grande mídia” como inimiga e passaram a classificar de *fake news* as notícias que lhes desagradavam. O presidente americano Donald Trump foi quem acendeu o rastilho dos ataques ao trabalho da imprensa, ao deflagrar sua campanha, em 2016. Em seguida, foi copiado em outros países e até no Brasil. Talvez fosse desnecessário reafirmar a relevância do papel do jornalismo sério e cuidadoso, ancorado em fontes de informações confiáveis, mas a preocupante pandemia de Covid-19 abre uma nova janela de oportunidade para reconhecer a importância dos profissionais comprometidos com a verdade. A mentira e o diversionismo político, que se espalhavam como um vírus em tuítes presidenciais, precisam sair de cena. Cidadãos de todo o mundo, muitos já recolhidos em casa, em atitude adequada e esperada, buscam agora conhecimento por meio de revistas, jornais, emissoras de televisão e rádio, sites e podcasts de credibilidade. Não por acaso, mas por dever e em nome de um serviço de utilidade pública, VEJA, em consonância com a postura de outros veículos de comunicação, abriu gratuitamente a não assinantes, em seu portal, todas as postagens de sua equipe de reportagem sobre saúde.

Vivemos tempos difíceis, que pedem calma, clareza, grandeza e transparência. Assim, VEJA seguirá perseguindo neste momento uma meta que nunca abandonou, em



**DEVER DE INFORMAR** Egberto Nogueira e Adriana Dias Lopes nas instalações do Hospital Albert Einstein, em São Paulo: responsabilidade profissional em nome da verdade

seus mais de cinquenta anos de existência: a missão de informar corretamente os brasileiros. Entre as reportagens sobre a Covid-19 apresentadas na edição desta semana, a revista traz uma de conteúdo excepcional. Durante dois dias, a editora Adriana Dias Lopes e o repórter fotográfico Egberto Nogueira estiveram nas dependências do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, um dos mais respeitados do país, que recebeu o paciente número 1 (já curado) dos casos de coronavírus no Brasil e rapidamente se tornou referência no combate à doença. Ao mostrar o cotidiano de médicos, enfermeiros e toda a equipe de um hospital, legítimos heróis de nosso tempo, a dupla transporta o leitor para o coração da História, com H maiúsculo — sem exageros, sem acobertamentos, sem *fake news*, em suma. Movidos pela determinação do bom jornalista, algo que toda a redação de VEJA se orgulha de ostentar, Adriana e Nogueira se cercaram de cuidados em sua empreitada — ao ingressarem no front de batalha, as instalações do Einstein, vestiram macacões especiais, luvas e máscaras para circular por lá devidamente protegidos, como mandam as normas hospitalares internacionais. Depois do notável trabalho, entraram em quarentena. É o que chamamos, no jargão da profissão, de “esforço de reportagem”. Esforço que VEJA não freará, como nunca freou, em nome da matéria-prima que alimenta a contribuição dos órgãos de imprensa à sociedade: o zelo pela correção, pelo rigor, pelos fatos (e não suas versões), pela orientação sensata — enfim, pela notícia. ■

# W RESIDENCES SÃO PAULO. VIVA O EXTRAORDINÁRIO EM UM NOVO ESTILO DE MORAR.

Um conceito único de residência que oferece aos moradores serviços exclusivos do W Hotel, 24 horas, 7 dias por semana, com lazer sofisticado que privilegia o bem-estar. Uma concepção de design com alma brasileira, de cores, texturas e formas ousadas. Um novo estilo de morar, onde o coração de São Paulo bate mais forte.

## RESIDENCES DE 53 A 102 M<sup>2</sup> PRIVATIVOS. CONHEÇA OS DECORADOS.

Rua Funchal, 65 | T: +55 11 2478-3007  
A 300 m do Shopping JK Iguatemi.\*

wresidencessp.com.br

**Helbor**

**TOLEDO  
FERRARI**  
CONSTRUTORA E INCORPORADORA

A incorporação imobiliária do empreendimento HELBOR VILA OLÍMPIA HOME & STAY encontra-se registrada sob o R. 19, em 17/9/2019, na matrícula nº 108.072 do 4º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de São Paulo. O W Residences São Paulo não é de propriedade da Marriott International, Inc., nem está sendo desenvolvido ou comercializado por ela ou suas afiliadas ("Marriott"). A HESA 150 - Investimentos Imobiliários Ltda. usa as marcas comerciais e os nomes comerciais W@ sob licença concedida pela Marriott. A HESA 150 - Investimentos Imobiliários declara ser a única responsável pelo conteúdo deste material, isentando a Marriott de qualquer responsabilidade sobre ele. HB Brokers Gestão Imobiliária Ltda. - Av. Vereador Narciso Yague Guimarães, 1.145 - 15º andar - Mogi das Cruzes - SP, CNPJ 02.967.401/0001-40, CRECI/SP 014797-J - tel. 3574-8500 - helbor.com.br. LPS São Paulo - Consultoria de Imóveis Ltda. - Rua Estados Unidos, 1.971 - Jd. América, CEP 01427-002 - São Paulo - SP, CNPJ 15.673.605/0001-10, CRECI/SP 24.073-J - tel. (11) 3067-0000 - www.lopes.com.br. Previsão de abertura do hotel em 2023. Perspectiva artística da piscina. Todas as imagens do empreendimento são apenas para fins ilustrativos e estão sujeitas a alteração. \*Fonte: Google.

**W**

SÃO PAULO  
THE RESIDENCES





# oBoticário

Onde tem amor tem beleza

COMO ESTÁ SEU  
HUMOR AGORA?

# CAPRICHO

## MOOD

AS FRAGRÂNCIAS  
QUE TRADUZEM  
O SEU MOMENTO!

R\$ **49,90**

O KIT VEM COM UM  
FRASCO DE 10ML  
E UM BATOM!\*



\*CADA KIT É VENDIDO SEPARADAMENTE



DISPONÍVEIS EM



encontre.boticario.com.br

# COMO VENCER AS FAKE NEWS

O responsável pelo melhor programa do mundo contra notícias falsas conta como elas podem abalar a democracia e critica gigantes como o Facebook por não barrarem o fenômeno

MARIANA ZYLBERKAN



DIVULGAÇÃO

UM ESTUDO recente patrocinado pela fundação mantida pelo bilionário George Soros mediu o nível de educação midiática da população de 35 países europeus. Quanto maior a nota, maior a capacidade da sociedade de identificar *fake news*. A Finlândia ocupou o primeiro lugar do ranking, ratificando sua posição de modelo mundial nessa área desde que lançou, em 2014, um programa de combate ao fenômeno. Além de conclamar a população do país a ajudar na causa, seu presidente à época, Sauli Niinistö, criou uma área encarregada de ações variadas, que vai da implementação de disciplinas em salas de aula para ensinar a identificar notícias falsas ao apoio público a jornalistas contra campanhas difamatórias movidas por grupos interessados em espalhar desinformação. Atual responsável pelo programa, Jussi Toivanen, chefe de comunicação da primeira-ministra Sanna Marin, conta na entrevista a seguir os detalhes da bem-sucedida experiência finlandesa.

**Qual o poder de estrago das *fake news*, como vem ocorrendo agora com a disseminação de boatos sobre o coronavírus?** Realmente, já estão sendo disseminadas notícias falsas, desinformações e teorias da conspiração em relação ao coronavírus. As fontes têm sido variadas, mas com um objetivo em comum: causar confusão e desconfiança. São ações oportunistas de pessoas e grupos que querem usar o momento de temor mundial para divulgar os próprios interesses, como métodos que prometem curas milagrosas, ou, pior ainda, lucrar em cima da audiência inerente a assuntos que atraem a atenção de um grande número de pessoas. O fato é que crises mundiais como esta estimulam esse tipo de atividade nas redes sociais.

**No Brasil, o Congresso se debruça no momento em uma CPI das *Fake News* e há suspeitas de que a desin-**

formação é alimentada por uma rede controlada por um dos filhos do presidente. O senhor tem acompanhado o caso? É difícil traçar qualquer comentário sobre o caso brasileiro, uma vez que as investigações ainda estão em curso. Mas, na Finlândia, para evitar situações parecidas, elaboramos uma série de alertas sobre as maneiras como pessoas interessadas em disseminar *fake news* poderiam interferir na política por meio de mensagens em redes sociais. Uma das estratégias do nosso governo foi exaltar os motivos pelos quais o sistema eleitoral finlandês se tornou bastante robusto, e o principal deles é o fato de ser realizado em meio a uma sociedade acostumada a desenvolver o espírito crítico. Então, exaltamos isso em campanhas publicitárias, e deu certo.

**O que a Finlândia tem a ensinar ao Brasil no campo das *fake news*?** É difícil comparar a realidade finlandesa com a brasileira porque a história e o modo como as sociedades se formaram são diferentes. O tema das *fake news* passou a ser abordado de maneira oficial pela Finlândia a partir de 2014, quando demos início ao programa nacional. Muitas vezes essas publicações falsas deixam uma série de pistas que são facilmente reconhecíveis por quem está habituado ao seu mecanismo.

**Qual o peso da educação no programa finlandês *anti-fake news*?** A parte educacional começa no momento em que uma criança aprende a mexer no iPad. Para os maiores, temos treinamentos para mostrar como a desinformação é fabricada e como é possível reconhecer uma *fake news*. A educação e a alfabetização digital são importantes porque fazem com que as pessoas não embarquem tão facilmente em mentiras que acessam no ambiente virtual. Há um conhecimento que pode ser disseminado de forma simples

## “Não confio nos gigantes da mídia digital. O Facebook e outras empresas são ótimos em relações públicas, mas deveriam ter responsabilidade social no que diz respeito à disseminação de *fake news*”

sobre o que pode estar por trás de uma mensagem, e se pode haver interesses particulares por trás delas.

**Qual é a maior dificuldade em combater o problema?** Não se trata de um modelo único de atuação, e deve envolver desde grandes organizações do setor de tecnologia até os indivíduos engajados na comunicação virtual. As ferramentas das redes sociais são de graça e fáceis de usar, ou seja, o acesso é universal e de difícil controle. Por isso, esse campo representa um terreno fértil para quem está empenhado em abalar a democracia e limitar a liberdade de imprensa para impor a sua versão dos fatos em benefício próprio ou de um determinado grupo.

**Poderia citar o caso mais emblemático de *fake news* registrado na Finlândia?** Não tivemos um caso que merecesse um destaque especial. Os alvos da desinformação são quase sempre os mesmos de outros países do mundo.

Os ataques vêm de grupos anti-imigração e alinhados com a extrema direita. Lidar com esse tipo de atividade e contê-la é basicamente um trabalho diário. Quando digo “nós”, incluo a sociedade também, porque, como o país é inteiro é afetado, precisamos do envolvimento de todos os atores, e não somente dos governantes.

**A Justiça tem o poder de combater as *fake news*?** Esses casos caem na esfera criminal, uma vez que as acusações se convertem em injúria e difamação. Mesmo que a Justiça decida pela condenação, ela passa ao largo da discussão sobre mídia e comunicação e tem pouco impacto no eixo comportamental de quem dissemina as notícias falsas.

**Gigantes da mídia social como o Facebook estão empenhados o suficiente no combate à disseminação de notícias falsas?** Há um discurso bem elaborado sobre o assunto. O Facebook e outras companhias são ótimos em relações públicas e em realizar apresentações bonitas em PowerPoint, mas não sabemos se estão realmente fazendo o que divulgam. Eles têm de fato controle sobre o conteúdo de suas plataformas?

**Qual sua opinião a respeito disso?** Eu não confio nessas empresas. As ferramentas oferecidas pelas redes sociais acabam sendo usadas contra a sociedade e os indivíduos. A verdade é que o Facebook disponibiliza uma plataforma para pessoas mal-intencionadas afetarem as eleições de um país, por exemplo. Por isso, essas empresas devem ter uma responsabilidade social no que diz respeito à disseminação de *fake news*, o que não vemos acontecer com tanta clareza.

**Até onde os governos podem impedir a disseminação de *fake news*, já que o compartilhamento de mensagens**

**se dá no âmbito pessoal?** Na Finlândia, o papel do governo é agir na retaguarda e informar a população, além de manter atualizada a programação escolar nesse sentido. Por enquanto, essa tem sido uma boa estratégia no nosso país, porque é preciso estar preparado para um dos maiores desafios do futuro, que será conseguir diferenciar o que é real do que não é. Nem todos os países têm a mesma tática, alguns controlam o que as pessoas acessam, por exemplo.

**Os deepfakes são o maior problema atualmente das redes sociais?** Sim, e a perspectiva não é das melhores. O acesso a essas ferramentas de desvirtuar a realidade, como as usadas para criar o falso discurso do ex-presidente americano Barack Obama por um comediante, por exemplo, será cada vez mais fácil e barato. Quanto mais dúvidas tivermos de que algo é real ou não, mais danos poderão ser causados na sociedade. A manipulação da imagem pode ser feita, por exemplo, na comunicação entre indivíduos, quando conversamos com alguém por videochamada. No futuro, como vamos poder ter certeza de que a pessoa de fato existe?

**Há algo a ser feito em relação a isso?** Tendo a acreditar que a tecnologia está disponível para todos, então, pode ser que, assim como há pessoas que a manipulam para criar *deepfakes*, há outras que podem usar os mesmos recursos para ajudar a reconhecê-los e combatê-los. Vai ser uma espécie de jogo de gato e rato. Temos de nos preparar para os ataques da desinformação, porque vão ser uma realidade em um futuro próximo. Se formos pensar bem, o Cavalo de Troia foi o primeiro caso de desvirtuamento de informação da história, e hoje não passa de uma fábula, mas durante a Guerra de Troia era uma realidade assustadora. Os mecanismos tecnológicos estão sendo desenvolvidos tão rápido que podemos deparar

com uma série de episódios semelhantes, mas só saberemos se se trata de uma farsa muito tempo depois.

**Há diferença em relação a como as diferentes gerações reagem às fake news?** Sim, quando se observou esse comportamento durante as eleições americanas, constatou-se que os idosos são os que mais compartilham *fake news* em redes sociais, por exemplo. Por isso, aqui na Finlândia, voluntários organizam grupos de discussão em bibliotecas para se aproximar desse público, que ainda aprende — é claro que não de forma generalizada — a ter o mundo todo dentro de seu smartphone.

**O que acha da tática de políticos como o presidente americano Donald Trump e o brasileiro Jair Bolsonaro, que se apressam em tachar de notícia mentirosa qualquer menção na imprensa que os incomode?** Essa estratégia é mais uma forma de atacar a

**“A mídia é o vaso condutor da democracia. Quando há a intenção de ferir uma sociedade, a imprensa é o primeiro alvo para que uma nova ‘verdade’ se imponha”**

democracia e pôr em xeque um dos seus principais pilares, a liberdade de imprensa. O mais importante em toda sociedade é a confiança nas instituições. As pessoas devem confiar em seus governantes e em outros órgãos representativos, como a Justiça. A mídia é o vaso condutor da democracia. As pessoas ainda confiam na imprensa, e isso é bom, mas essa visão pode mudar com o tempo, já que é o primeiro alvo a ser atacado pelas *fake news*. Quando há a intenção de ferir uma sociedade, a imprensa é o primeiro alvo. Ela deve ser desacreditada para que uma nova “verdade” se imponha, ainda que baseada em mentiras.

**Até que ponto a crise de credibilidade do jornalismo profissional abriu espaço para a disseminação das fake news?** As empresas de comunicação enfrentam crises financeiras em todo o mundo, então, isso afetou a forma como o jornalismo é feito, com redações mais enxutas. Mas acredito que as *fake news* tomaram espaço apesar dessa crise. A confiança na mídia tradicional é um dos melhores antídotos contra a disseminação de falsas informações.

**Além da contaminação do ambiente político, qual é o maior malefício que a exposição às fake news pode causar a longo prazo?** Deixar as pessoas paranoicas, sem a sensação de poder confiar em nenhuma fonte de informação. É algo que os adeptos das *fake news* querem: deixar as pessoas descrentes nas fontes oficiais ou ao menos desconfiadas em relação ao que está publicado. É criado um ambiente de medo e pânico, ainda que, fora das plataformas on-line, na maioria das vezes não haja nada ameaçador concretamente. Esse comportamento pode se reverter no aumento da incidência de doenças psicológicas e emocionais nos próximos anos. Por isso, devemos manter a atenção em relação ao tema. ■

**PAULO GUEDES E O VÍRUS**

Paulo Guedes está correto em sua maneira de pensar (“A marcha da sensatez”, 18 de março).

Armando Mendes dos Santos  
São Paulo, SP (via Instagram)

Reforma é feita a longo prazo. Queremos efetividade a curto prazo. A reforma, a rigor, interessa apenas ao público de Guedes — que, definitivamente, não é o nosso, a plebe.

Maria Figueiredo  
Rio de Janeiro, RJ (via Facebook)

Reformas não fazem mágica.

Gil Lopes  
Linhares, ES (via Facebook)

Reformas? Com este Congresso?

Augusto Trigueiro  
São Paulo, SP (via Instagram)

Dinheiro não compra saúde nem faz a vacina sair tão rápido.

Melissa Oliveira  
Fortaleza, CE (via Instagram)

**REGINA DUARTE**

Quando surgiu o nome de Regina Duarte para a Secretaria da Cultura, um leitor de VEJA, com vezo profético, vaticinou que “pertencer à área da cultura não seria credencial suficiente em tal cargo”. Ao balançar o barco, na tentativa de remover o entulho encalhado na pasta, o alerta soa evidente (“Casamento em crise”, 18 de março). Mais do que fazer cara feia, apertando os lábios, é preciso muita malícia para enfrentar os tubarões famintos.

Elizio Nilo Caliman  
Brasília, DF

Regina é apenas um troféu nas mãos de Bolsonaro. Daqueles colocados em uma estante e que só de vez em quando são lustrados. Bolsonaro, ao olhar para a atriz, deve pensar: “Tomei a namoradina do Brasil da Rede Globo”.

Leila Lemos  
Rio de Janeiro, RJ (via Facebook)

**ASSUNTOS MAIS COMENTADOS**

Reportagem de capa  
(o coronavírus e a economia)

Regina Duarte

Damare Alves  
(Páginas Amarelas)

Página Aberta  
(Kátia Abreu, sobre autoescolas)

**AUTOESCOLA**

Excelente a iniciativa da senadora Kátia Abreu e de VEJA. Devemos dizer não a qualquer tipo de reserva de mercado, como a das carteiras de habilitação para dirigir (“Autoescola nunca mais”, Página Aberta, 18 de março). Existem ainda outras reservas de mercado inacreditáveis no Brasil, como a dos práticos, frentistas e cartórios. Recentemente quebramos um cartel muito forte no país: o dos taxistas, com a chegada dos aplicativos de transporte, que gerou mais empregos e mais distribuição de renda.

Ana Esther Freire  
Belo Horizonte, MG

Fazia tempo que eu não via uma proposta tão pertinente e que há anos tem

passado despercebida dos políticos, e de nós também. Kátia Abreu chamou a obrigatoriedade de fazer autoescola, muito educadamente, de “corporativismo”. Chegou a hora de enfrentá-la. Que seja opcional, frequente quem quiser.

Mônica Delfraro David  
Campinas, SP

Em 1963, fui ao DET (era esse o nome do departamento em São Paulo, hoje Detran). Fiz os exames e tirei a carteira de motorista profissional sem nunca ter pisado em uma autoescola. Já se dizia na época (e vale até agora): “Autoescola não ensina a dirigir. Ela só ensina a tirar a carteira de motorista”, o que não é a mesma coisa.

Antonio Sydney Cocco  
Santos, SP

**DAMARES ALVES**

Ministra, vá em frente. A senhora tem o apoio das mulheres brasileiras, independentemente de movimentos ou partidos. Queremos justiça contra abusos (“Virei a ministra pop”, Páginas Amarelas, 18 de março).

Cássia Resende  
São Paulo, SP (via Instagram)

Achei que não chegaria o dia em que concordaria com a ministra Damare Alves. Esse dia chegou.

Bianca Carvalho  
Picos, PI (via Instagram)

Não gosto da ministra nem aprovo o governo ao qual ela serve. Mas admiro muito a coragem dessa mulher.

Talita Lima  
Camocim, CE (via Instagram)

**CÉREBRO**

A ciência é meu Deus (“Música para o cérebro”, 18 de março).

Carlos Lukos  
São Paulo, SP (via Instagram)

# “A Meghan parece estar com sorriso de deboche, como se batesse palmas por dentro.” (“A família da cara amarrada”, Imagem da Semana, 18 de março)

Luciana Gonçalves  
Rio de Janeiro, RJ (via Instagram)



PHIL HARRIS/AFP

**OS WINDSOR** Harry e a princesa: agora rebaixados no ranking dos royals

## RONALDINHO GAÚCHO

Ronaldinho sempre se deixando levar pela ganância do irmão Assis (“Impedido no Paraguai”, 18 de março).

Marcio Kindlmann Alves  
Porto Alegre, RS (via Instagram)

Parabéns às autoridades paraguaias. Aprende, Brasil.

Marcelo Zetta  
São Paulo, SP (via Instagram)

## FERNANDO DE NORONHA

Por que os cruzeiros são ameaça a Fernando de Noronha (“Uma ilha cercada por todos os lados”, 18 de março)? Existem cruzeiros para as ilhas gregas, Polinésia, Galápagos etc.

Newton Pereira  
São Paulo, SP (via Instagram)

Estão querendo acabar com o paraíso de Fernando de Noronha só para embolsar dinheiro.

Claudia Rosanova  
São Paulo, SP (via Instagram)

## ANTÁRTICA

Adorei saber que a Antártica não tem dono (“O inesgotável arsenal científico da Antártica”, minidocumentário no site de VEJA).

Stela Regis  
Belo Horizonte, MG (via Instagram)

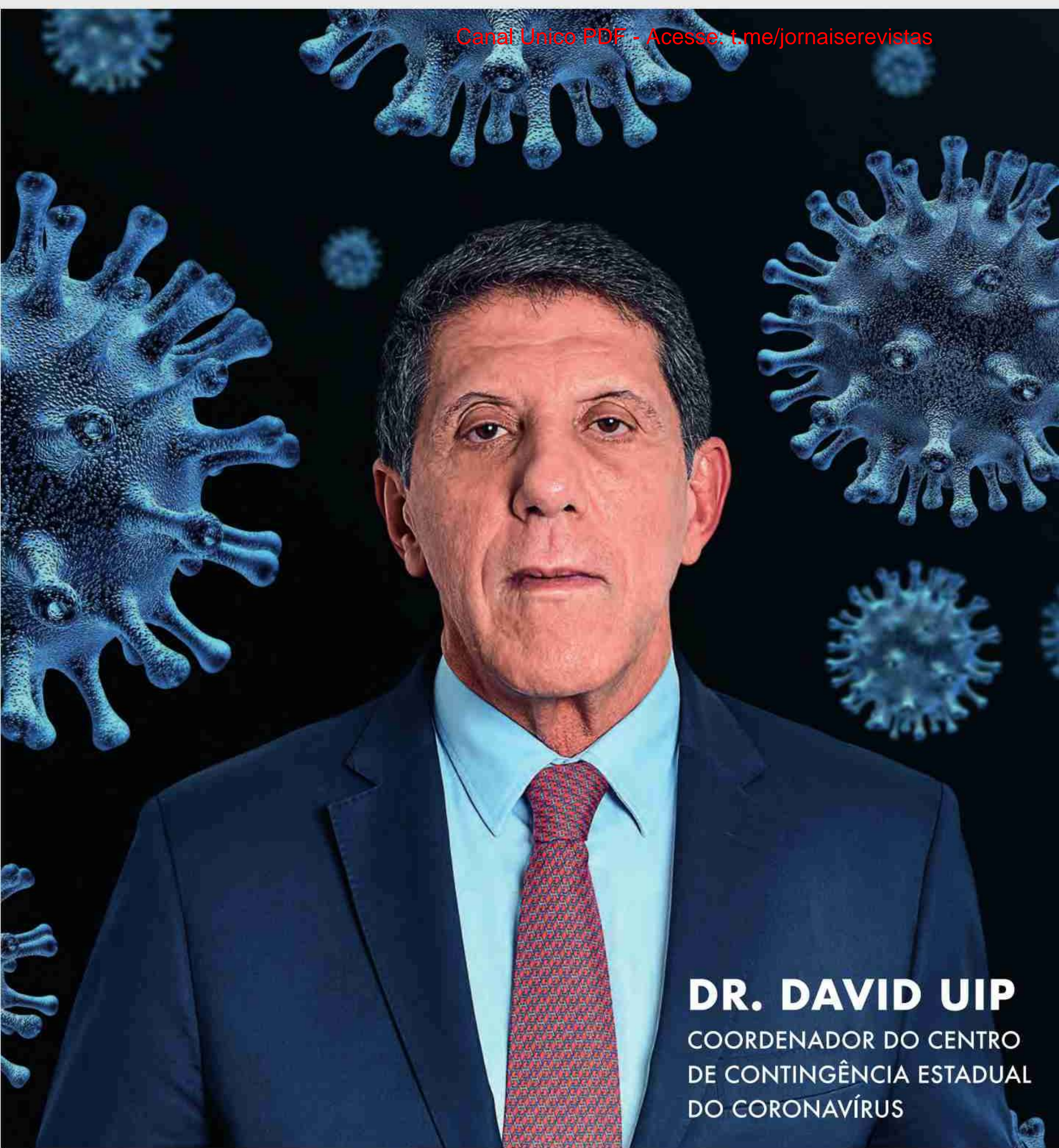
## CORREÇÃO

Ao contrário do que afirma a reportagem “Pátria conservadora”, de 18 de março, o ministro da Justiça, Sergio Moro, não fez nenhum comentário a respeito das manifestações de 15 de março.

## PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As mensagens para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, Avenida Otaviano Alves de Lima, 4.400, 6º andar, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP. E-mail: [veja@abril.com.br](mailto:veja@abril.com.br).

Por motivos de espaço ou clareza, as mensagens poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicados na edição imediatamente seguinte os textos que chegarem à redação até a terça-feira de cada semana.



**DR. DAVID UIP**  
COORDENADOR DO CENTRO  
DE CONTINGÊNCIA ESTADUAL  
DO CORONAVÍRUS

# CORONAVÍRUS.

“ NÃO PRECISAMOS TER MEDO.  
PRECISAMOS TER APENAS  
ALGUNS SIMPLES CUIDADOS. ”

DR. DAVID UIP

LAVAR BEM AS MÃOS E OS ANTEBRAÇOS COM  
ÁGUA E SABÃO DURANTE 20 SEGUNDOS,  
INCLUSIVE ENTRE OS DEDOS E DEBAIXO DAS UNHAS.

NÃO COMPARTILHAR OBJETOS PESSOAIS  
COMO TOALHAS, COPOS, CANETAS, CELULARES,  
COMPUTADORES E OUTROS.

COBRIR TOSSES E ESPIRROS COM OS BRAÇOS  
OU LENÇOS DESCARTÁVEIS. E, SE USAR AS MÃOS,  
LAVE-AS NOVAMENTE.

MANTER DISTÂNCIA DE 2 METROS DE PESSOAS  
TOSSINDO OU ESPIRRANDO.

AJUDE A COMPARTILHAR ESSAS SIMPLES ATITUDES.  
ASSIM O CORONAVÍRUS NÃO SE ESPALHA.



BAIXE O GUIA  
DE PREVENÇÃO

OU ACESSE [WWW.SAOPAULO.SP.GOV.BR/CORONAVIRUS](http://WWW.SAOPAULO.SP.GOV.BR/CORONAVIRUS)



# veja

## ÀS SUAS ORDENS

### ASSINATURAS

#### Vendas

[www.assineabril.com.br](http://www.assineabril.com.br)

#### Grande São Paulo:

(11) 3347-2121

#### Demais localidades:

0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

#### Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote

[assinaturacorporativa@abril.com.br](mailto:assinaturacorporativa@abril.com.br)

#### Atendimento

[www.abrilsac.com.br](http://www.abrilsac.com.br)

#### Grande São Paulo:

(11) 5087-2112

#### Demais localidades:

0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

#### Para baixar sua revista digital

[www.revistasdigitaisabril.com.br](http://www.revistasdigitaisabril.com.br)

### EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

### LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: [licenciamentodeconteudo@abril.com.br](mailto:licenciamentodeconteudo@abril.com.br)

### PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-2302

e-mail: [publicidade.veja@abril.com.br](mailto:publicidade.veja@abril.com.br)

### NA INTERNET

<http://www.veja.com>

### TRABALHE CONOSCO

[www.abril.com.br/trabalheconosco](http://www.abril.com.br/trabalheconosco)

EDITORA  **Abril**

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA  
(1907-1990)

ROBERTO CIVITA  
(1936-2013)

**Publisher:** Fabio Carvalho

**Diretor de Redação:** Mauricio Lima

# veja

**Redatores-Chefes:** Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

**Editora Executiva:** Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editores Seniores:** Marcelo Marthe, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alessandra Kianek, Alexandre Salvador, Carolina Lopes Giovanelli, Denise Chrispim Marin, Gustavo Machado da Costa, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, André Luis Lopes da Silva, André Siqueira Cardoso, Edoardo Ghirotto, Eduardo de Freitas Filho, Eduardo Gonçalves, Evandro Eboli, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, João Batista Jr., João Pedroso de Campos, Julia Teixeira Braun, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Manoel Francisco Schlindwein, Mariana Ferreira Rosario, Mariana Zylberkan, Meire Akemi Kusumoto, Roberta Paduan, Victor Irajá **Sucursais:** **Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editores Seniores:** Robson Bonin da Silva, Thiago Bronzatto **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Laryssa Borges, Marcela Mattos, Nonato Viegas Pereira **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Carolina Barbosa da Silva, Cassio Bruno Gomes Silva Gonçalves, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Marcela Capobianco Souza Pinto, Maria Clara Vieira, Mariana Soares Muniz **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto, Thais Anes Revelles **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Webdesigner:** Sidclei Sobral **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Sílvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisão:** Eduardo Perácio, Elvira Gago, Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Adriana Girona Rosa, Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Augusto Nunes, Cláudio de Moura Castro, Mailson da Nóbrega, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

[www.veja.com](http://www.veja.com)

**PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS** Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Willian Hagopian (Regionais) **DIRETORIA DE MERCADO** Carlos Nogueira **BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO** Andrea Abelleira **PRODUTOS E PLATAFORMAS** Guilherme Valente **DEDOC E ABRILPRESS** Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Avenida Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP. Tel.: (11) 3037-2292

Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: [www.publiabril.com.br](http://www.publiabril.com.br)

VEJA 2 679 (ISSN 0100-7122), ano 53/nº 13. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional.

**IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL** Avenida Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

IVC

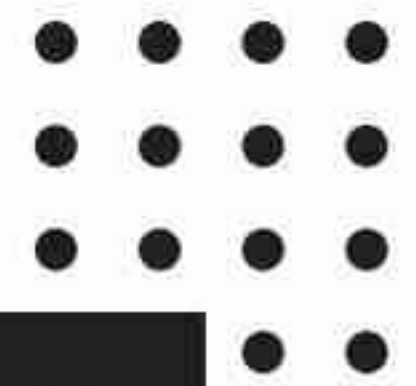
ANER

SIP

GRUPO  **Abril**

[www.grupoabril.com.br](http://www.grupoabril.com.br)

# O NOVO SITE DE VEJA ESTÁ NO AR!



ACESSE E EXPERIMENTE!

## STF retoma debate sobre decisão que pode afetar Lava Jato; acompanhe ao vivo

Placar é de 7 a 4 a favor da tese de que réus delatados se manifestem por último; entendimento pode anular condenações da força-tarefa

PGF: A posição de Arns sobre a questão



Novo design

Melhor experiência de navegação no computador e no celular

Matérias especiais, furos de reportagem e outros conteúdos exclusivos para assinantes

A opinião de alguns dos melhores colunistas do Brasil:

Dora Kramer  
Ricardo Noblat  
Augusto Nunes  
Robson Bonin  
entre outros



Utilize seu login de assinante para conteúdos exclusivos.

Acesse [veja.com](http://veja.com)



# veja

**“Embora vá continuar minha carreira em outro lugar, valorizo tudo o que alcançamos.”**

**TOM BRADY**, astro do futebol americano (e marido de Gisele), despedindo-se do Patriots, no qual jogou por vinte anos. Aos 42 anos, ele se tornou dono de seu passe e negocia com outras equipes

BILL SIKES/AP



**“Tenho canal direto com a pessoa encarregada na Casa Branca, e ela me pediu recomendações.”**

**KURT KLOSS**, médico, em mensagem de grupo a colegas. Ele é sogro do irmão de Jared Kushner, assessor especial de Donald Trump – que é, por sua vez, seu sogro. Kushner recebeu a missão de municiar o presidente de informações sobre o novo coronavírus e apelou para o médico da família

**“Estou mais otimista do que nunca quanto ao progresso da empresa e à sua capacidade de seguir beneficiando o mundo.”**

**BILL GATES**, fundador da Microsoft, ao anunciar seu total afastamento da direção do gigante de tecnologia

**“Vou ter problema para voltar para casa.”**

**THOMAS WAERNER**, norueguês que venceu o Iditarod, corrida de trenó puxado por cães que percorre 1600 quilômetros no Alasca e, no caso dele, durou nove dias e dez horas – praticamente a única competição esportiva ainda em andamento no mundo

**“Se a aparência das pessoas ou o ambiente não forem bons, o vídeo será muito menos atraente e pouco recomendado a novos usuários.”**

**MANUAL DO TIKTOK**, a muito popular rede social chinesa, dando a entender que imagens de “pobreza rural, favelas, barriga de cerveja e sorriso torto” são escondidas para não prejudicar a audiência. Segundo um porta-voz, as diretrizes, divulgadas pelo site The Intercept, ou não são mais usadas ou nunca existiram

**“Foi uma loucura. Não acho saudável. Não acho aconselhável. A gente precisa mexer as coisas lá embaixo.”**

**ORLANDO BLOOM**, ator, revelando que passou seis meses celibatário antes de começar a namorar a cantora Kate Perry, em 2016. Apesar do, digamos, desconforto, gostou da forma como se relacionou no período “com as mulheres e com o feminino dentro de mim”

**“Eu falava: ‘Não vai rolar, sou gay’. (...) Aí falavam: ‘Que desperdício’. Não entendia quanto esse comentário é violento.”**

**NANDA COSTA**, atriz, sobre as reações à sua orientação sexual no começo da carreira

**“Meu pecado da gula é chocolate amargo.”**

**GISELE BÜNDCHEN**, modelo e ativista politicamente correta até quando peca

**“Saí ontem para um mundo muito diferente. Um mundo que mudou para sempre. É de dar nó na cabeça.”**

**JARED LETO**, ator, em postagem na terça 17, logo depois de encerrar doze dias de meditação silenciosa no deserto, sem contato externo

**“Não tenho time de freiras.”**

**RENATO GAÚCHO**, técnico do Grêmio, aliviando seus comandados na briga em campo contra o Internacional que levou a oito expulsões. Mas condenou a pancadaria: “Vergonhosa”

**“Eu matei a Copa do Bill Clinton. E eles sabem disso. É vingança. Todo mundo diz que o Clinton é muito vingativo.”**

**RICARDO TEIXEIRA**, ex-presidente da CBF banido do futebol por corrupção, pondo seus processos na Justiça americana na conta de pura e simples perseguição. O ex-presidente apresentou a candidatura dos Estados Unidos para a Copa de 2022. Teixeira votou no Catar – daí a mágoa

**“Por que sempre querem que o pobrinho ganhe?”**

**MONIQUE EVANS**, apresentadora, levando ao Twitter seu desacordo com os critérios de eliminação do *BBB 20*



INSTAGRAM @NANDACOSTA

## O FAIXA-PRETA DE ALMA GENTIL



DANIEL MARENCO/AG. O GLOBO

**Gustavo Bebianno**, advogado por formação profissional, nutria admiração antiga pelo então deputado federal Jair Bolsonaro quando, em 2014, começou a lhe enviar e-mails apresentando-se como fã. Na primeira oportunidade de aproximação, correu ao encontro do parlamentar, oferecendo-se inclusive para defender o já candidato à Presidência em vários processos. Os dois estreitaram os laços, Bebianno se tornou peça-chave na engrenagem da campanha e, mais tarde, ministro da Secretaria-Geral da Presidência. Não durou, porém, mais do que 47 dias no governo que ajudou a montar. Bebianno foi defenestrado quando veio à tona um esquema de candidaturas-laranja no PSL, partido que presidia. Ele sempre negou responsabilidade pela farra das verbas distribuídas indevidamente, mas acabou na degola mesmo assim. Dizia que fora Carlos Bolsonaro, o Zero Dois, quem minara a amizade com o “capitão”. “Ele (*Bolsonaro*) tem conhecimento dos problemas do filho, mas não sabe como resolver a questão”, afirmou em entrevista às Páginas Amarelas de VEJA.

Formado pela PUC do Rio, com mestrado em finanças pela Universidade de Illinois, Bebianno havia sido recentemente lançado candidato à prefeitura do Rio pelo PSDB. Nunca se curou da ferida causada pelo banimento do governo. Tinha começado a escrever um livro que pensava batizar de *O Primeiro Traído*. Por trás do corpão de lutador faixa-preta de jiu-jítsu, havia um homem gentil, que escreveu em carta a Bolsonaro revelada após sua morte: “Recupere o Carlos pelo seu exemplo. Ele vai aprender. É um bom garoto”. Bebianno morreu no sábado 14, de infarto, aos 56 anos, em sua casa de Teresópolis. ■

**O PRIMEIRO TRAÍDO** Bebianno: a ferida aberta pela demissão nunca cicatrizou

Cássio Bruno



**REINVENÇÃO** Gomes: vida de vendedor na orla carioca, flertes com a política e apoio aberto ao governo Bolsonaro

## AMBULANTE, SIM. E DAÍ?

Sumido da televisão, o ex-galã Mário Gomes, 67 anos, reaparece como garoto-propaganda de funerária e conta que, depois de entrar para a “lista negra” da Globo, vive de vender sanduíches

**Ser garoto-propaganda de uma agência funerária lhe causa algum constrangimento?** Minha filha, hoje em dia caiu na rede é peixe. Eu sou um trabalhador, tenho filhos menores de idade para sustentar. Faço do limão uma limonada.

**O senhor também tem um trailer de sanduíches naturais na praia. Não dá mais para viver da carreira de ator?** Não dá, e sofro muito por isso. Nunca imaginei que passaria por nada igual. Mas não me deixo abater e encaro o trabalho de ambulante, que é meu ganha-pão. Tenho veia empreendedora. Agora minha profissão mesmo é ator. Estou rodando três filmes neste momento.

**Seu último papel de peso em uma novela foi em 2008. Falta espaço na TV para atores mais velhos?** A questão não é essa. Tanto assim que Fernanda Montenegro e Lima Duarte são mais velhos do que eu e ainda ganham bons papéis. Ao longo de décadas ajudei a emplacar novelas de sucesso e, sem falsa modéstia, continuo bonitão.

**Por que então foi dispensado da Globo?** Desde que me envolvi com a Betty Faria, o Daniel Filho (*diretor de novelas e ex-marido da atriz*) cismou comigo e me colocou na lista negra. Com o tempo, as portas foram se fechando. Meus personagens passaram a ser desprestigiados e tive de voltar a fazer testes de elenco.

**O senhor publicou recentemente um post de apoio ao governo Bolsonaro e à criação do partido Aliança pelo Brasil. A carreira política lhe interessa?** Já fui sondado, mas não tenho intenção de me candidatar. Não sou político. Só estou lutando por um Brasil melhor e admiro o Bolsonaro.

**Críticos do governo afirmam que ele caminha em direção à volta do autoritarismo. Isso o preocupa?** Como vou me preocupar com o retorno do autoritarismo se a ditadura nunca existiu de fato? O que aconteceu é que o Brasil corria perigo e os militares evitaram a expansão do comunismo. Bolsonaro está no lugar certo.

**O senhor apoia a escolha de Regina Duarte para a Secretaria da Cultura?** Sim. Acho que com ela a Lei Rouanet não vai mais privilegiar artistas famosos, que conseguem milhões e milhões. ■

Jana Sampaio

## SOBEDESCE

## SOBE

**PANELAÇOS**

A irritação da população com as recentes declarações de Jair Bolsonaro que minimizam o coronavírus e a reação dos grupos fiéis ao presidente trouxeram de volta protestos do tipo em várias cidades.

**SOLIDARIEDADE**

Ofertas de compras a vizinhos, cantoria nas janelas e agradecimento em massa a equipes médicas nos países atingidos pelo vírus tomaram as redes sociais.

**LVMH**

O grupo de luxo vai usar sua fábrica de perfumes para produzir álcool em gel de graça para o governo francês.

## DESCE

**PREVENT SENIOR**

A prefeitura de São Paulo passou a investigar o plano de saúde por suspeita de não ter comunicado às autoridades um caso de coronavírus, como manda a lei.

**VIÚVA NEGRA**

Prevista para 1º de maio, a estreia do filme, protagonizado por Scarlett Johansson, foi cancelada devido ao surto de Covid-19.

**CLÁUDIO HENRIQUE DO VALE VIEIRA**

O empresário virou símbolo do descaso com a Covid-19. Mesmo depois de testar positivo para a doença, ele ignorou a quarentena e viajou para Trancoso. Agora, será processado pelo governo da Bahia.

## A LISTA



JORDAN SIEMENS/BETTY IMAGES

## QUATRO NEGÓCIOS QUE NÃO ESTÃO PERDENDO O SONO COM A EPIDEMIA

### ■ Sexo virtual

O confinamento das pessoas ampliou o volume de serviços de sexo oferecidos na rede. O Pornhub, um dos maiores sites de conteúdo erótico do mundo, chegou a registrar em um só dia um aumento de quase 6% no tráfego desde o início da crise. Boa parte do incremento veio da Itália, onde a empresa liberou gratuitamente o serviço premium.

### ■ Streaming

Quanto mais tempo em casa, mais tempo na frente da TV. Dentro dessa lógica, sites de streaming como a Netflix têm sido considerados pelos analistas em uma posição privilegiada para enfrentar a montanha-russa que caracteriza o momento atual do mercado de ações.

### ■ Indústria farmacêutica

A corrida pela busca de um antídoto contra a Covid-19 colocou algumas companhias no radar dos investidores. Desde que a americana Inovio Pharmaceuticals anunciou que realizará testes clínicos de sua vacina no próximo mês nos Estados Unidos, as ações da empresa dobraram de valor. Pelo mesmo motivo, ocorreu também uma disputa por papéis das companhias Moderna e Novavax.

### ■ Videoconferência

Companhias desse setor viraram o grande porto seguro para manter escolas e negócios funcionando. Por isso, mesmo em meio à crise das bolsas, as ações de empresas desse mercado têm registrado altas. O aplicativo Zoom, um dos maiores da área, dobrou de valor neste mês à medida que escritórios ao redor do mundo passaram a fechar suas portas.

## Bolsonaro testa negativo para presidente



ADRIANO MACHADO/REUTERS

O presidente Jair Bolsonaro foi testado pela segunda vez para Covid-19, e, novamente, o resultado foi negativo. Até agora, seu governo não teve nenhum resultado positivo.

Outro teste feito por Bolsonaro todos os dias desde 2019 é o de estadista e líder de um país em crise econômica e social. O resultado todos os dias tem sido negativo. Extremamente negativo. A contraprova saiu logo, na forma de panelaços em todo o Brasil.

O último negativo foi dizer que o vírus que tem matado até 10% dos idosos infectados e que se espalha vertiginosamente é “histeria”. Bolsonaro pensa até em demitir o ministro da Saúde — cujos conselhos ignora — por excesso de competência. “Seria como o Weintraub saber escrever”, lamentou.

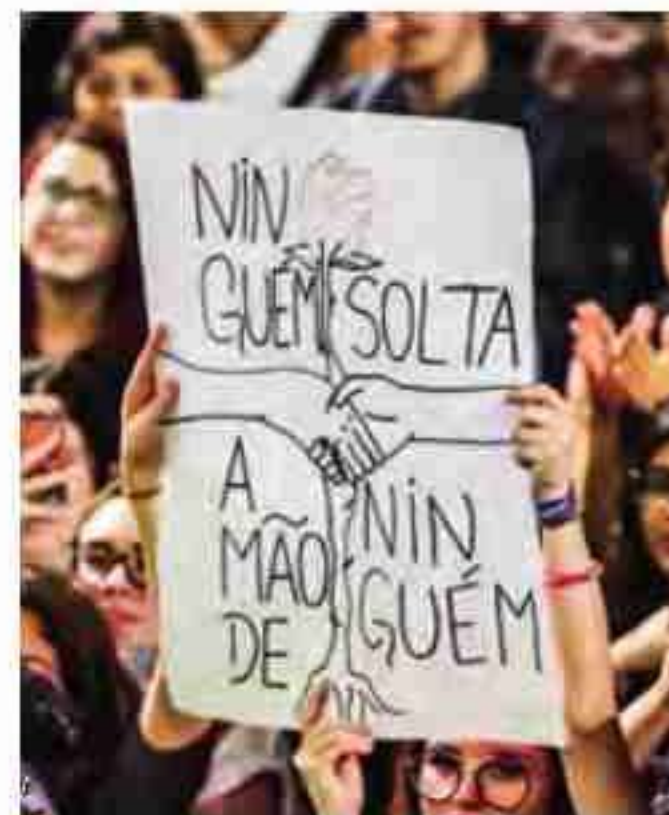
Adversários do presidente já começam a bolar slogans. Um dos mais ditos é “Melhor Jair Renunciando”.

## Bolsonaro diz que culpa pelo contágio é da esquerda por causa do “Ninguém solta a mão de ninguém”

Claro que o vírus tinha de ser comunista. Não respeita a família, a religião nem a propriedade — é nisso que acredita o presidente Jair Bolsonaro, que pretende, em rede nacional, culpar a esquerda pela transmissão da Covid-19. Em mais um surto de negação da realidade, ele disse que foi o slogan “Ninguém solta a mão de ninguém” — criado logo

após sua vitória nas eleições de 2018 — o responsável pelo crescimento da doença. Só esqueceu que no último domingo ignorou a quarentena e saiu apertando mãos de seguidores.

Há quem espere que o próximo passo do presidente seja chamar a Covid-19 para “brigar lá fora”. Para isso já estaria se preparando com 300 flexões de cabeça por dia.



## Adolescente que vivia trancado no quarto agora se recusa a ficar de quarentena

A família Sampaio tem vivido dias infernais. Isso porque o filho mais novo, Enzinho, resolveu que a partir de agora vai sair do seu quarto e virar esportista. Campeão brasileiro e fundador da associação carioca dos videogames de tiro em primeira pessoa, Enzinho vai mudar de vida. O problema é que tudo isso aconteceu justamente agora.

Enzinho nunca sai de casa. A própria associação fundada por ele jamais se reuniu: todas as conversas são por Skype. “Meus pais são um saco. Viviam me mandando tomar sol e sair de casa. Agora pedem pra eu ficar. Não dá, pô. Ninguém entende meu drama. Eles são do contra”, diz ele. ■

## Ações de empresas de papel higiênico salvam quebradeira na bolsa

Após semanas de resultados negativos e inúmeros circuit breakers, a bolsa de valores reagiu e voltou a registrar números positivos. Os investidores passaram a comprar um dos papéis com o maior índice de procura no mercado: o papel higiênico. Outros produtos que atraíram as atenções dos investidores foram o álcool em gel,

as máscaras de proteção e os psicólogos via Skype para as famílias sobreviverem ao confinamento.

A escassez de papel higiênico vem mudando o hábito dos consumidores brasileiros. Algumas famílias, por exemplo, estão driblando o desabastecimento e aprendendo a se limpar com notas de real.



JOAQUIN SARMIENTO/AFP





EVARISTO SA/AFIP

**DESCONTROLE** Planalto: território livre para o coronavírus e paranoias oficiais

## Tem mais

Jair Bolsonaro não conseguiu controlar a crise do coronavírus nem dentro de casa. O número de suspeitos e infectados no **palácio** é incerto e ninguém respeita o protocolo de segurança.

## Pegou geral

O GSI, de Augusto Heleno, por exemplo, tornou-se o epicentro da crise. O ministro esteve com muita gente, mas só na quinta, depois de infectado, autorizou o teletrabalho aos assessores.

## Acabou

Os testes para coronavírus no posto

médico do Planalto acabaram. Um ministro tentou fazer e não conseguiu. Se está assim lá, imagine no SUS.

## Estava no relatório

Assessores militares estão revoltados com a falta de prudência dos superiores. Relatórios de inteligência alertavam sobre a gravidade da crise ainda no começo do ano, mas Bolsonaro ou não leu ou achou melhor ignorá-los.

## Nervos à flor da pele

Bolsonaro tem se descontrolado cada vez mais nas reuniões. “O presidente anda muito irritado. Xingando além do normal”, diz um auxiliar.

## Tudo cancelado

A Abin passou os últimos meses marcando cursos no exterior para os agentes. Agora, corre para cancelar tudo.

## “O Brasil vai parar”

Na terça, no comitê de crise do Judiciário, Dias Toffoli deu a real: “Os próximos seis meses serão muito duros. O Brasil vai parar. É irreversível”.

## Abre o cofre, presidente

João Doria e os demais governadores assinaram uma carta em que pedem a Bolsonaro a suspensão por doze meses da dívida dos estados (BB, Caixa e BNDES) mais um repasse de 4,50 reais por paciente atendido.

## Salvos pelo vírus

Os corruptos na mira da Lava-Jato podem respirar aliviados na quarentena. “O vírus parou a Justiça. Só é aceitável soltar criminoso”, diz Marcelo Bretas, ironizando propostas que surgiram de liberar presos para desafogar cadeias.

## Não é no Telegram

O time de Deltan Dallagnol está em teletrabalho, com reuniões diárias por meio digital. A nova realidade, porém, tornou tudo mais lento. “Mas seguiremos firmes”, diz o procurador.

**DESTRAVE  
SUAS SÉRIES COM  
vivo  
FIBRA**

ASSISTA A  
STRANGER THINGS  
REQUER ASSINATURA DO SERVIÇO NETFLIX



## Parou por quê?

Os investigadores preparavam uma operação para prender um novo envolvido no assassinato de Marielle Franco. A ação também vai esperar.

## Quanta incompetência

A turma de Abraham Weintraub no MEC não sabe o paradeiro de Sérgio Cabral. O FNDE notificou por "edital" o ex-governador para que regularize pendências dos repasses feitos ao Rio.

## Quarentena garantida

O Comando da Aeronáutica em Natal (RN) acaba de comprar 1100 litros de vinho branco e tinto. Que beleza.

## Fazendo estoque

A Cielo já identificou variações no consumo entre domingo e quarta (18). As vendas em supermercados cresceram 55%. Já as de vestuário caíram 30%.

## Entregamos, claro

O Grupo Trigo (Spoletto, Koni e LeBontton) pôs suas 450 lojas para operar no delivery. As vendas presenciais haviam caído 36%.

## Efeito colateral

Dameres Alves quer os conselhos tutelares de prontidão para o risco de aumento da violência doméstica nesse período de confinamento das famílias.

## Clube dos imortais

André Lara Resende está de olho na vaga de Affonso Arinos na Academia Brasileira de Letras. Deve disputar a cadeira 17 com Gustavo Franco.

## Recordar é viver

O SporTV reformulou a programação para lidar com a série de cancelamentos de competições esportivas. Trouxe de volta jogos e momentos memoráveis do esporte mundial.

## Brasil-sil-sil

Os cinemas fecharam, mas os puxa-sacos da Ancine seguem na ativa. Alex Braga, presidente do órgão, baixou nova regra. A partir de agora, filme com recurso público tem de ter a bandeira do Brasil no cartaz e nos créditos.

## A derrota da rainha

O STJ encerrou um imbróglio de dez anos sobre a venda, nas redes, do polêmico filme *Amor, Estranho Amor*, em que **Xuxa Meneghel** aparece nua. A Corte entendeu que o site Mercado Livre, processado por Xuxa, não pode ser responsabilizado pelo anúncio do longa em sua plataforma. ■

NOTAS DIÁRIAS EM [WWW.VEJA.COM](http://WWW.VEJA.COM)

Com Evandro Éboli, Hugo Marques, Machado da Costa, Manoel Schindwein e Mariana Muniz



**ERROS DO PASSADO** Xuxa: derrota para tirar anúncio de filme da internet

ASSINE 100 E LEVE  
**300** MEGA  
por 12 meses

Só R\$ **99,99**  
/mês  
no Combo



Assine Vivo Fibra

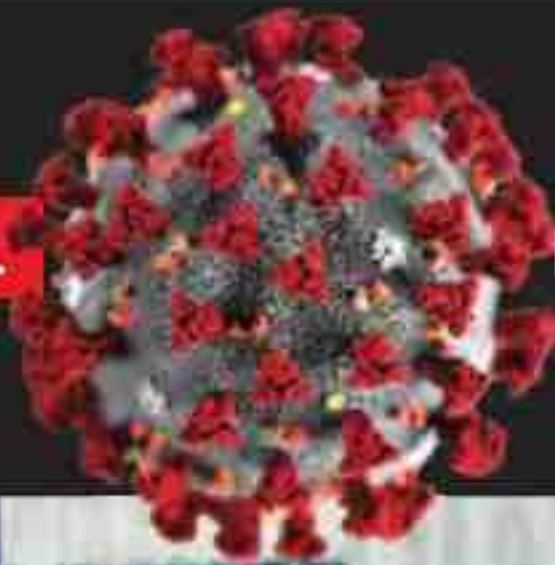
**NETFLIX**



Melhor banda larga para assistir à Netflix, segundo o ranking ISP.

ESPECIAL

IMAGENS DA SEMANA



# GUERRA AO V



## PANDEMIA

Escola fechada, o Cristo com bandeiras dos países infectados, UTI do Hospital Albert Einstein, protesto contra Jair Bolsonaro, Paulo Guedes em coletiva, cartaz na Itália, Times Square vazia e a Bolsa de Nova York: os efeitos da doença aqui e lá fora

FOTOS FRAMEPHOTO; REUTERS; EGBERTO NOGUEIRA/IMÁFOTOGALERIA; REPRODUÇÃO; AFP; GETTY IMAGES; AP



# ÍRUS



INDU	-1,215.18					VOLU	608,372,750
INDP	20,022.20					VOLUB	36,586,253
NYSE	-653.28					VOLUC	26,394,250
NYA	9,410.08					TRAN	6,841.84 -626.39
UTIL	746.74 -22.95	SPMI	2,391.00 -94.50	VIX	75.07 -0.84		
DXY	101.24 1.67	SPX	2,401.48 -127.71	RUT	1,032.45 -74.05		
TNX	11.09 1.12	SPH	2,393.50 -92.00	XES	2.14 -0.16		
TYH	135.63 -0.44	WTI	22.82 -4.13	REIT	1,579.53 -96.58		
RLX	1,998.05 -69.01	BRNT	26.08 -2.65	XSD	74.37 -3.77		
DRG	548.67 -19.15	GOLD	1,493.30 -32.50	KBE	26.64 -2.09		
FTSE	5,084.71 -210.19	FANG	2,604.66 -103.17	GDX	24.00 -1.50		



“Para males extremos, extremos remédios — levados ao máximo rigor — são os mais válidos.” A receita, digamos desse modo, é de ninguém menos que Hipócrates (c. 460 a.C.-377 a.C.), o médico grego reverenciado historicamente como o pai da medicina.

A esta altura, não parece haver dúvida de que o novo coronavírus seja um mal extremo — no mínimo, por causa de sua propagação (o cenário, afinal, é de pandemia). Mas quais serão os “extremos remédios” que, “levados ao máximo rigor”, poderão combatê-lo com eficácia? Certamente o pânico não está entre eles. E é na ciência que se encontra a chave para derrotar a doença — como mostra a primeira de uma série de reportagens desta edição, que ocupam as próximas quarenta páginas desta edição, que dedica 42 páginas ao tema da Covid-19.

“Estamos em guerra”, declarou, com razão, o presidente da França, Emmanuel Macron. Não se trata, porém, de uma guerra francesa — ela é mundial. Assim, no Brasil, cujo primeiro paciente com o novo coronavírus foi diagnosticado no fim de fevereiro, um dos fronts de batalha fica no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, onde ele se internou. Para esta cobertura especial, VEJA esteve dois dias naquela instituição, que se tornou referência no enfrentamento da Covid-19, registrando os trabalhos das equipes encarregadas de atender os portadores do vírus.

Para além da saúde, em si, dos brasileiros, o surto, como se lerá adiante, atingiu em cheio a política nacional, escancarando os equívocos do presidente Jair Bolsonaro na condução do problema, sobretudo por insistir em afrontar os demais poderes e demorar a admitir a gravidade da pandemia. Não por acaso, em um vídeo gravado na entrada do Alvorada, e que circulou nas redes sociais, um imigrante haitiano afirma ao chefe do Executivo: “Você não é presidente mais”.

Infectado pelo resto do planeta, e também de forma comunitária, o país acabou sendo varrido por um tsunami econômico, com seguidas quedas da bolsa e cotação inédita do dólar em relação ao real. Diante disso, explica outra seção da revista, as já modestas expectativas de crescimento simplesmente naufragaram.

Insista-se, no entanto, que tal situação não é nem de longe um efeito da Covid-19 que atinge somente o Brasil. A Terra, em certo sentido, parou. Há uma profusão assustadora de cidades fantasmas nos quatro cantos do globo, com populações inteiras vivendo em quarentena — um assunto incontornável apresentado aqui, a exemplo da ameaça que o novo coronavírus, mais do que qualquer candidato democrata, representa neste momento para a reeleição do presidente americano Donald Trump.

A série de reportagens fecha com o depoimento do empresário Ueze Stamatis, que fala de seu isolamento doméstico, após o diagnóstico de Covid-19. “Dentro de casa, acompanho o que corre pelo mundo e posso dizer: é hora de manter a calma”, aconselha ele. Sim, é hora de manter a calma, conclama VEJA no texto a seguir. É um remédio extremo, para um mal extremo. ■

Rinaldo Gama



# TOQUE DE RECOLHER

Com a eclosão de casos e as primeiras mortes em decorrência da Covid-19, o Brasil começa a reagir a caminho da única saída possível, por ora: o distanciamento social

GIULIA VIDALE E BRUNA MOTTA



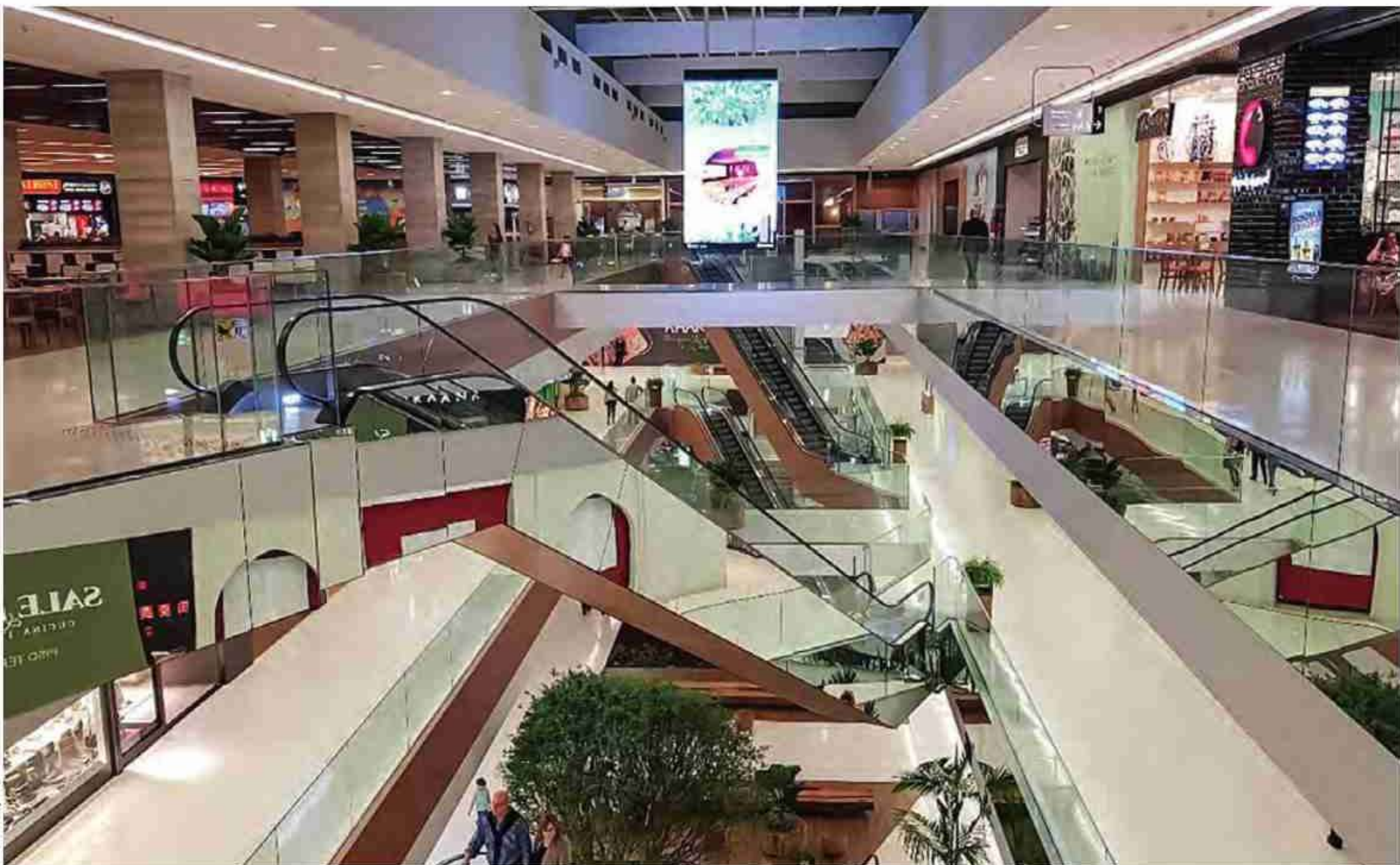
SERGIO MORAES/REUTERS

**FIQUEM EM CASA** Bombeiros no Rio: clamor para que as pessoas deixassem as praias no fim de semana

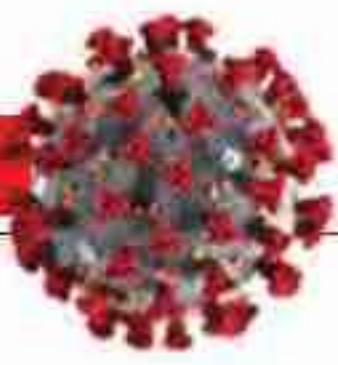
**U**m relato importado da França ajuda a entender o humor do Brasil nos primeiros dias depois da eclosão da Covid-19. O Café de Flore, em cujas cadeiras e banquetas de forro vermelho se sentavam Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, e a Brasserie Lipp permaneceram religiosamente abertos durante os dias plúmbeos da ocupação alemã, nos anos da II Guerra Mundial, ao som de Maurice Chevalier. Na semana passada, pela primeira vez na história, fecharam as portas. Disse um garçom, habituado a ouvir de seus colegas os relatos dos anos 1940: “Ao menos sabíamos contra quem estávamos lutando, os nazistas. Agora não temos a menor ideia”. Esse medo difuso, sem rosto, um tanto recôndito, visto pela frieza da estatística — eram mais de 500 casos positivos confirmados e sete mortes de brasileiros até o meio-dia da

quinta-feira 19 —, explica a movimentação algo em câmera lenta de mudança de comportamento no cotidiano do país. Não ajudou, é claro, o presidente Jair Bolsonaro ter dito que havia “histeria” coletiva e que, apesar de tudo, ele e a primeira-dama Michelle comemorariam seus aniversários como de costume, com “uma festinha tradicional”. O exemplo, como se vê claramente, não vem de cima. E o impacto acaba acontecendo na população. Nas praias do Rio de Janeiro, no fim de semana de 14 e 15, a Defesa Civil pôs carros de bombeiro com alto-falantes conclamando moradores a adotar o distanciamento social: “Por favor, para sua segurança e a de seus vizinhos, amigos e familiares, volte para casa. A hora é de conscientização”. Em um primeiro momento, que se estendeu mais que o desejado, o clamor mal foi escutado por ouvidos moucos, alheios à urgência. Diz o psicobiólogo Ricardo Monezi, professor da PUC-SP: “Diante de pandemias ou cri-

ses muito grandes, o cérebro tenta proteger sua integridade ao negar ou minimizar a situação para evitar exagerada ansiedade negativa associada ao medo”. É uma postura humana, demasiadamente humana, que em situações excepcionais como a de hoje exige alerta — sem pânico, porque na maioria dos casos, reafirme-se com estridência, a Covid-19 é leve. O índice de letalidade é de 4% — passa disso apenas a partir dos 60 anos de idade; 14,8% dos idosos com mais de 80 anos não resistem à doença. Mas cada dia de medidas preventivas é um dia em que vidas são salvas. A resposta necessária veio, finalmente, com decisões firmes de alguns governadores e prefeitos (*leia na pág. 42*), que impuseram a suspensão de aulas e o fechamento do comércio, e indicações equilibradas do Ministério da Saúde. E então, mas não como num passe de mágica, e sim como resposta a uma leva de informações precisas, ancoradas na ciência e na medicina, as



**COMPRAS PELA INTERNET** Shopping vazio em São Paulo: restrição de horários e fechamentos por todo o Brasil



**ESCOLAS FECHADAS** Sala de aula vazia na Unicamp: jovens, adultos e crianças agora educados a distância

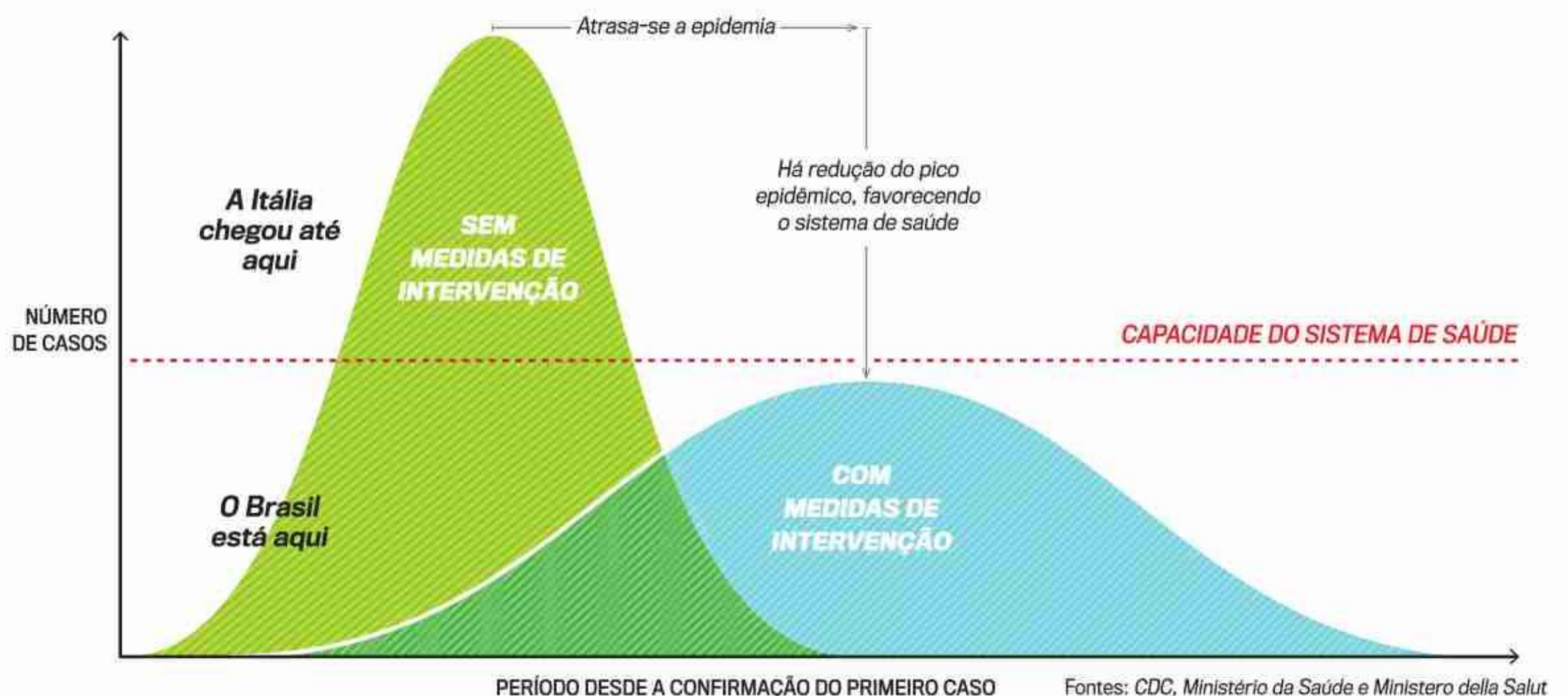
areias das praias começaram a se esva-ziar, os carros já não circulam tanto, o home office virou a expressão em inglês mais conhecida no Brasil, missas foram realizadas ao ar livre, torneios esportivos pararam, fronteiras foram fechadas, rolos de papel higiênico sumiram dos supermercados etc. Gestos banais e carinhosos como o beijo e o abraço, brasileiríssimos, foram trocados pelo toque de cotovelos. Para ficar com uma máxima coloquial: caiu a ficha (talvez menos a do presidente da República), e o vírus da sensatez circula descontroladamente, eis uma boa-nova.

E a ficha caiu, insista-se, adequada ao histórico de países que já estão alguns passos à frente da pandemia (como a China e a Itália) e atrelada a estudos epidemiológicos. A experiência do que houve no exterior e a sabedoria acumulada impõem, imediatamente, um só caminho: total adesão à única saída comprovadamente eficaz — o



## O IMPACTO DE MEDIDAS PROTETIVAS

Procedimentos de distanciamento social, autoisolamento e quarentena diminuem a propagação do vírus e são a única forma de reduzir o número de mortes e de infecções ao longo da epidemia





AMANDA PEROBELLI/REUTERS



CHRISTIAN RIZZI/REUTERS

corde abrupto da interação entre as pessoas, de modo a reduzir a toada de disseminação virótica. “Cada um precisa renunciar à sua liberdade individual para proteger a todos, especialmente os doentes e idosos”, diz Denise Cotrim, infectologista do Centro de Saúde-Escola Germano Sinval Faria, atrelado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O distanciamento social que se pede é diferente da quarentena, medida mais radical, de total apartamento, com proibição assinada pelo governo, como aconteceu na China e acontece na Itália, e indicada para casos confirmados ou suspeitos. O que deve ser feito, aqui e agora, é ficar em casa, sair o mínimo possível para a rua, evitar aglomerações, manter-se a pelo menos 1 metro e meio de distância de outra pessoa, além dos evidentes cuidados de higiene. Essa é uma intervenção que, comprovam le-

vantamentos feitos ao longo de décadas de epidemias, consegue “achatar” a curva de contaminação, evitando o saturamento do sistema de saúde, como mostra, com evidente e acachapante clareza, o gráfico ao lado.

E fica no ar a pergunta cuja resposta ainda inexistente, infelizmente: até quando vai a pandemia, até quando o esvaziamento do cotidiano será compulsório? Uma vez mais, o único atalho que autoriza alguma afirmação coerente é medir episódios anteriores. Na China, o pico se deu dois meses depois do primeiro caso. E apenas quatro meses após deflagrada a epidemia é que a vida retoma alguma normalidade, com o cancelamento de leis draconianas. Na Coreia do Sul, o surto explodiu em apenas quinze dias, como na Itália. Não há um tempo certo. As autoridades estimam que, no Bra-

### **NÃO PASSARÃO** Fronteira do Brasil com o Paraguai: fechada como medida de contenção

sil, o auge de casos acontecerá em meados de abril. E quando será possível respirar aliviado e dizer acabou? “Quando o vírus ficar sem pessoas suscetíveis à infecção e a Covid-19 não puder mais se propagar”, diz a epidemiologista Marília Sá Carvalho, da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. Isso pode ocorrer com menos pessoas circulando, com a medicação dos enfermos, já imunes, e a vacinação, procedimento ainda remoto. Até lá, o mundo e o Brasil, o Brasil e o mundo, terão de se comportar como o garçom francês que não vê o microrganismo, mas sabe que ele existe, insidioso — e não há nele nada de histeria, ao contrário, é a certeza entregue pelo conhecimento. ■



ESPECIAL

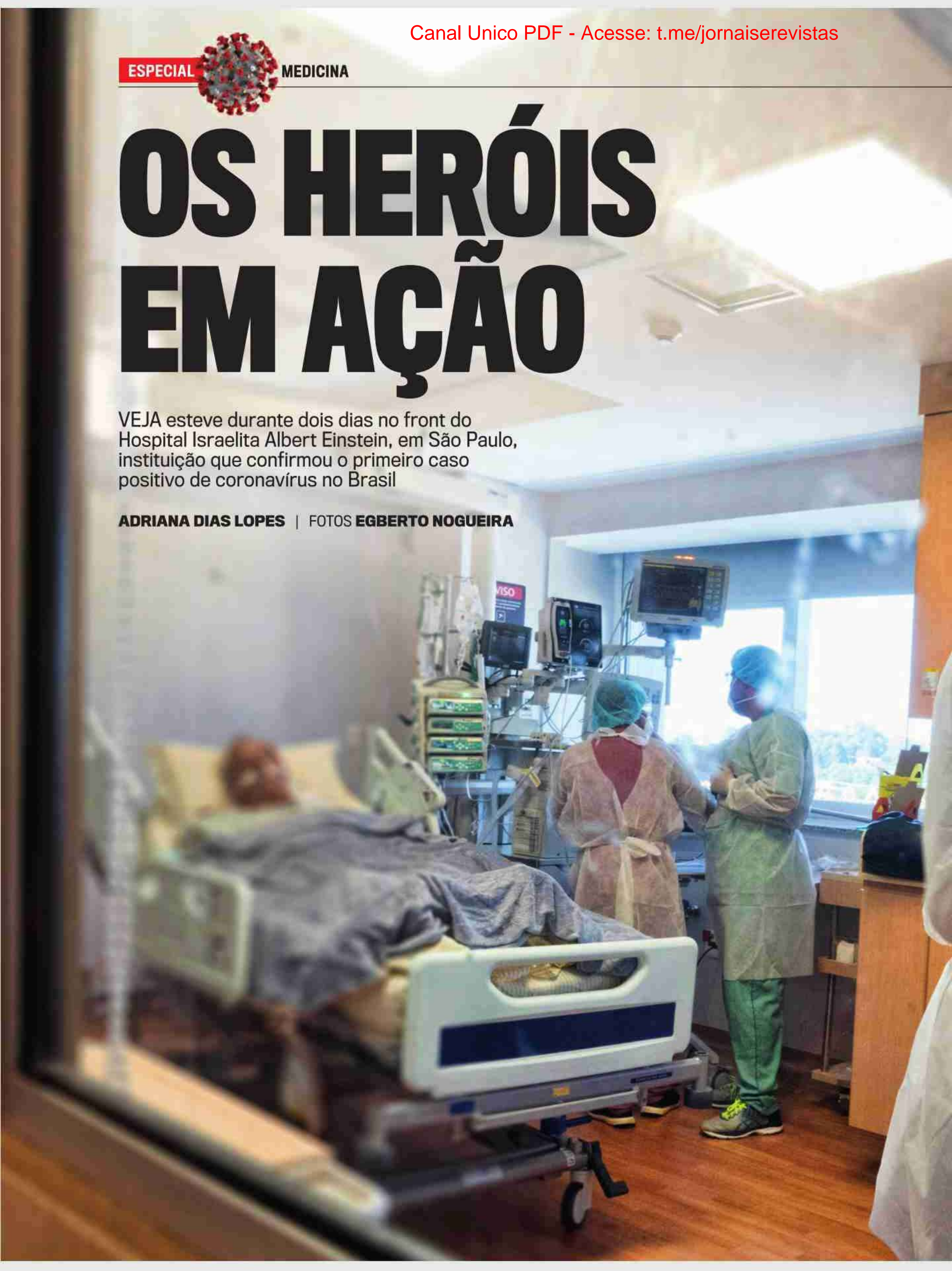


MEDICINA

# OS HERÓIS EM AÇÃO

VEJA esteve durante dois dias no front do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, instituição que confirmou o primeiro caso positivo de coronavírus no Brasil

**ADRIANA DIAS LOPES** | FOTOS **EGBERTO NOGUEIRA**



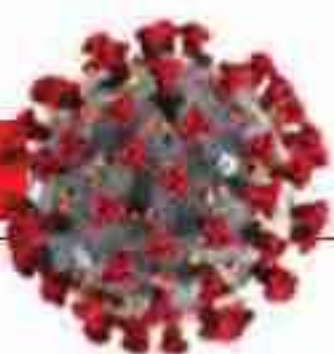


**N**a segunda-feira de Carnaval, 24 de fevereiro, em torno de 20 horas, a bióloga Rúbia Santana entrava em casa com as compras do supermercado quando recebeu uma mensagem pelo WhatsApp que transformaria

sua vida e a do país inteiro. O laboratório de biologia molecular coordenado por ela, no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, havia recém-concluído o primeiro teste positivo para a Covid-19. Rúbia deixou as sacolas cair no chão e, rapidamente, ligou para uma colega, em busca de confirmação da notícia. “Do ponto de vista profissional, de cuidados com a saúde, a sensação de ter trabalhado com o caso pioneiro é indescritível”, diz. Dois dias depois, o Ministério da Saúde anunciaria oficialmente a informação que Rúbia tivera em primeira mão. A partir dali, o Einstein se tornaria a principal referência do Brasil nos cuidados com a doença. Hoje, 90% do tempo de atividade dos cinco equipamentos de detecção de vírus e bactérias de amostras colhidas no hospital é destinado exclusivamente à nova cepa de coronavírus. Até 12 de março, o Einstein tinha confirmado 98 diagnósticos positivos. No dia 18, havia 45 pacientes internados com suspeita de ter o vírus — desse contingente, 21 eram ocorrências confirmadas; sete estavam em estado grave, na UTI. Ao longo de dois dias, a reportagem de VEJA foi autorizada a entrar no coração da instituição, de modo a acompanhar o cotidiano heroico dos profissionais de saúde, como Rúbia, que zelam pelos pacientes com a Covid-19.

São mulheres e homens, alguns na linha de frente, em contato direto com os enfermos, outros em laboratórios, mas todos imbuídos de uma missão:

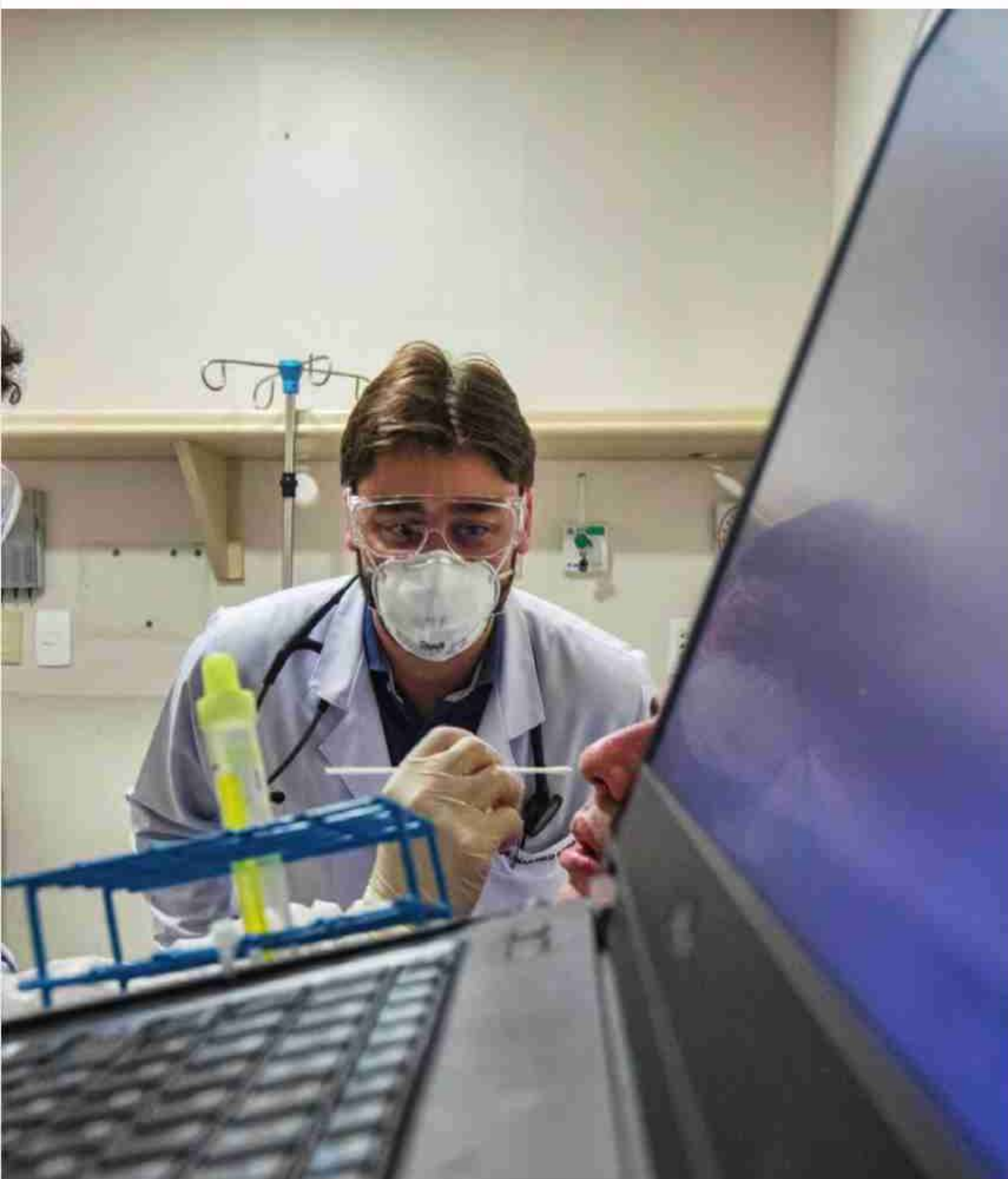
**UTI** O infectologista Moacyr Silva Junior: de domingo a domingo



### PELOTÃO

Cerco: o infectologista Fernando Gatti (à esq.) foi rápido no diagnóstico do primeiro caso da doença no país; o clínico Marcelo Bettega lida de perto com o desespero de pacientes; a bióloga Rúbia Santana se emocionou ao saber do primeiro teste positivo no Brasil, feito em seu laboratório

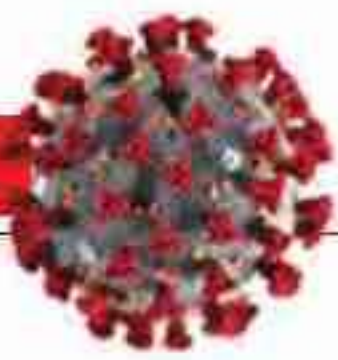




salvar vidas e proteger os doentes, a partir de protocolos seguidos fielmente. “A gente só sabe se está preparado na hora em que a guerra começa”, diz Sidney Klajner, presidente do Einstein. A história oficial do coronavírus no Brasil teve início um pouco antes de piscar no smartphone de Rúbia, graças à intuição do infectologista Fernando Gatti. Ele desconfiou que estaria diante do primeiro caso de infecção no país quando soube da chegada ao pronto-socorro de um senhor de 61 anos que desembarcara da região norte da Itália com sintomas de uma gripe comum: febre baixa e alguma dificuldade para respirar. Mas, eis o momento de “eureka”, o cidadão tinha estado na Lombardia, que acumulava, então, 173 casos e seis mortes pelo vírus. Submetido ao teste, ele foi imediatamente isolado (procedimento, ressalve-se, desrespeitado pelos italianos quando se observaram os primeiros episódios, antes da disseminação descontrolada).

Gatti liberou o paciente número 1 do Brasil com a condição de quarentena doméstica, ao longo de duas semanas. O médico trocava mensagens remotamente com o doente ao menos quatro vezes ao dia. “Eu me preocupei muito mais com o estado emocional dele diante das *fake news* do que com os sintomas em si da doença, que rapidamente ficaram controlados”, afirma. Houve críticas, nem tão veladas assim, ao fato de o enfermo ter sido dispensado com ligeireza. “Não podia abrir exceções, mesmo sendo o primeiro paciente”, defende-se o infectologista, hoje o médico número 1 do momento que vivemos. “É impossível internar todo mundo, e sabíamos que viria uma epidemia. Ele estava estável.”

Normalmente calmo, com ares de hotel cinco estrelas, o clima nos corredores do Einstein mudou radicalmente nos últimos dias. A tranquilidade deu lugar a agitação e rictos de nervosismo. Há controle e certezas nas decisões — mas há também ros-



**DEDICAÇÃO** Na central de monitoramentos: a diretora Claudia Laselva passou a viver pelo menos dezesseis horas por dia no hospital

tos suados e o bater de saltos altos de médicas e enfermeiras impecáveis no vestir. Os cumprimentos, como manda o figurino, são feitos por rápidos toques de cotovelo. Passa-se álcool em gel nas mãos compulsivamente. Nos últimos quinze dias, as regras de segurança e conduta começaram a mudar freneticamente. Desde o dia 16, os talheres e copos dos refinados restaurantes são de plástico. E mesmo ali, onde a doença atinge um grau de perigo, algumas pessoas teimam em não entender a gravidade da situação. Alguns parentes de pacientes que vão ao local para visitá-los reclamam da dificuldade de cortar uma picanha e do incômodo de tomar vinho bom em recipiente insosso, mas a substituição não é feita.

Liderada pelo diretor-superintendente Miguel Cendoroglo, a linha de frente formada por homens e mulheres de branco contra o coronavírus

chega hoje a quarenta pessoas. Profissionais de outras especialidades foram convocados para atender clinicamente os pacientes com sintomas de coronavírus. A enfermeira Janaina Felix, que há vinte anos trabalha no setor de gastroenterologia, agora só cuida dos infectados. No dia 18, na ala em que estava, havia doze casos positivos. Com um pouco mais de 1 metro e meio de altura, Janaina é um soldado. Ao longo da entrevista, chamou a atenção de um funcionário porque a caixa com máscaras que fica na entrada do corredor estava vazia. Tirou dúvidas de colegas sobre higienização. Não deixou os repórteres de VEJA entrar no setor sem máscara, mesmo a mais de 2 metros de distância dos possíveis doentes. Preocupou-se com o equipamento e celulares que tinham encostado no chão e os desinfetou, um a um. “Eu me sinto mais segura aqui do que lá fora”, diz ela, que intensificou a atenção com a filha de 2 anos e meio. “Quando chego do trabalho, deixo o sapato fora de casa, a roupa na máquina de lavar, separada

**GABINETE DE CRISE** Soluções: profissionais de diversas áreas se reúnem todos os dias para discutir a infecção



das da minha filha, e vou direto para o banho.” São cuidados fundamentais. Como em toda guerra há baixas, até o dia 17 havia quatro médicos infectados e doze com suspeita da doença no Einstein. Mas o zelo com os profissionais cresceu. Quem apresentar febre e algum problema respiratório terá de fazer uma consulta por telemedicina. Realizado o teste para coronavírus, a pessoa ficará três dias afastada, o tempo médio do resultado dos exames. Caso dê negativo, mas os sintomas permanecerem, ela terá de ficar em casa por mais uma semana. Se der positivo, serão catorze dias fora do hospital.

Assim como nas grandes cidades, algumas medidas restritivas vêm sendo impostas à circulação de pessoas no Einstein. Desde o dia 17, as visitas foram extremamente restringidas, para proteger doentes e profissionais. Pacientes infectados não podem mais recebê-las. Aos outros doentes é permitido apenas um acompanhante. As decisões são tomadas em reuniões diárias chamadas de “grupo de gestão



**ZELO** A enfermeira Janaina Felix: cuidados em casa com a filha de 2 anos

de crise”, uma espécie de sala de guerra. Participam representantes da limpeza, médicos e enfermeiros, e as ideias ali fervilham como se fossem o gabinete de emergência de Winston Churchill no subsolo londrino durante a II Guerra Mundial. Independentemente da hierarquia, todos levam suas dúvidas, experiências de suas equipes e pedidos. No encontro do dia 16, um dos participantes pediu que o material do avental fosse feito com um tecido mais resistente, para que a blindagem contra o vírus ficasse mais eficiente. Mas o clima aparentemente caótico e tenso é atalho para decisões firmes, modernas — incapazes, contudo, de frear o ritmo da doença caso a população não colabore.

Coragem, senso de dever e dedicação fazem parte da batalha enfrentada por esses profissionais no combate à doença. De fato, são heróis da vida real que deixaram o medo de lado e mudaram radicalmente sua rotina. Há um mês, o infectologista Moacyr Silva Junior trabalha de domingo a domingo. Emagreceu 5 quilos e interrompeu to-

das as atividades paralelas. “Nunca trabalhei tanto na minha vida e sei que tudo está apenas começando”, afirma, em um tom doce. Numa manhã de atendimento, um paciente, em estado grave, entubado na UTI, teve uma queda drástica de pressão. Com uma calma que chega até a produzir nervosismo em quem o vê em ação, Silva Junior estabilizou as taxas do doente. O médico clínico plantonista Marcelo Bettega, que recebe centenas de mensagens por dia pelo WhatsApp depois dos casos de coronavírus, também passou a viver momentos de tensão. “É estressante lidar com o desespero dos pacientes, há muita desinformação”, diz. Um dos infectados que atendeu recentemente tinha 23 anos, largou o carro com a porta aberta na frente do hospital, chegou e apertou o botão vermelho do pronto atendimento, destinado a situações como infarto e derrame. “Ele tinha chegado da Itália e estava em pânico de estar infectado”, conta. Silva Junior e Bettega, cada qual a seu modo, têm a mesma expressão de extremo cansaço no olhar.

O empenho por ali tem sido de cima a baixo. Desde janeiro, Claudia Laselva, diretora da área operacional e da enfermagem, fica dezesseis horas por dia no hospital. “Meu marido me pergunta por que não passo logo a morar aqui”, conta. Ela é a coordenadora de grande parte das mudanças implementadas para conter a Covid-19. De uma sala com telas gigantes, dirige uma equipe que monitora o trabalho dos médicos nas salas de cirurgia. “O que mais estressa não é o volume de trabalho, mas a preocupação com o que vem pela frente e a necessidade de estarmos preparados para isso”, diz. “A perspectiva de faltar um único leito para o paciente grave já é horrível.” Nesta semana, uma amostra do que pode vir por aí: ocorreram as primeiras mortes pela doença no Brasil — até o meio-dia de 19 de março, eram sete, cinco delas de internados na UTI do Hospital Sancta Maggiore, em São Paulo. O vírus mata e precisa ser combatido. Não apenas pelos valentes que usam branco nos hospitais — mas por todos os brasileiros. Fique em casa. ■



SERGIO LIMA/AFIP

**VAI E VOLTA** Criticado por aliados, Bolsonaro anunciou medidas importantes, mas não deixou a demagogia de lado

# QUANDO A MÁSCARA CAI

O presidente usa pandemia como mote para um duelo político desnecessário, comporta-se de maneira irresponsável e só depois da má repercussão resolve levar a epidemia a sério. **DANIEL PEREIRA E THIAGO BRONZATTO**

**É NOTÓRIA** a disposição de Jair Bolsonaro para testar as instituições, desprezar o conhecimento científico e disparar ataques a adversários, reais ou imaginários. Desde o início de seu mandato, o presidente usa a estratégia do tensionamento com o objetivo de manter sua base mobilizada — e quase sempre dá certo. A sucessão de provocações desnecessárias, agressões gratuitas e desatinos diversos pouco lhe custou até agora em termos eleitorais, como mostram as

mais recentes pesquisas de opinião. Com a crise do coronavírus, a situação parece mudar de figura. Depois de tachar a pandemia de fantasia, reclamar de um clima de histeria e tentar minimizar a todo custo os efeitos da Covid-19 na economia e na saúde pública, Bolsonaro começou a desidratar nas redes sociais. Um monitoramento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV) descobriu que caiu quase pela metade o peso dos bolso-

naristas nas interações sobre coronavírus nas redes sociais e, em contrapartida, aumentou a participação de grupos que fazem menções críticas ao governo e compartilham informações sobre a doença. Já a Quaest Consultoria, que elabora um ranking de popularidade digital, detectou queda na capacidade das postagens do presidente de provocar reações positivas. Ou seja: as hostes bolsonaristas nas redes sociais registraram baixas, em quantidade e influência.



SERGIO LIMA/AFP

**IRRESPONSABILIDADE** Contrariando protocolos de segurança, o presidente foi até a manifestação em frente ao Planalto

No mundo real, onde as pessoas ficam doentes, perdem o emprego e se sentem inseguras em relação à própria vida, o efeito foi mais devastador. Pela primeira vez desde o início do governo, houve painéis contra o presidente em capitais do país. A possibilidade de abertura de processo de impeachment também reapareceu nas conversas de políticos, ainda que tratada como algo inoportuno e improvável, já que Bolsonaro mantém pelo menos 30% do eleitorado a seu lado. O presidente também enfrentou defecções importantes em suas fileiras. Cotada para o posto de vice de Bolsonaro na última campanha, a deputada estadual Janaina Paschoal chegou a defender o afastamento dele do cargo e sua substituição pelo general Hamilton Mourão, depois de o presidente ter confraternizado com populares que estavam em frente ao Palácio do Planalto, no domingo 15, durante as ma-

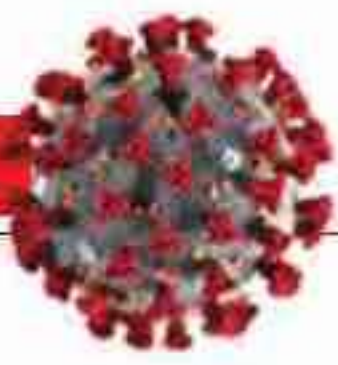
nifestações convocadas a favor de seu governo e contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF). Naquele dia, já era conhecida a orientação do Ministério da Saúde para que fossem evitadas aglomerações. Também já era de conhecimento público a suspeita de que Bolsonaro pudesse estar infectado pelo coronavírus. Ao cumprimentar e tirar fotos com populares, o chefe da nação, a quem cabe dar exemplos, poderia ter contribuído para a disseminação do vírus. Uma tremenda irresponsabilidade.

O que parecia um ato de esperteza política logo se revelou um desastre. Dois exames descartaram que Bolsonaro estivesse infectado, mas dezessete pessoas que estiveram com ele na viagem aos Estados Unidos testaram positivo para o vírus — entre eles os ministros Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional, e Bento Albuquerque, de Minas e Energia (*veja a ma-*

*téria na pág. 52*). A tentativa inicial de Bolsonaro de caracterizar a crise como algo pequeno ou desimportante enquanto o mundo desabava revelou um presidente incapaz de compreender a realidade, o que é grave, ou um presidente que tenta desviar o foco de sua incapacidade de liderar, o que também é muito grave. Mirando João Doria e Wilson Witzel, que despontam como seus rivais em 2022, Bolsonaro partiu para o que sabe fazer de melhor: o confronto político. Criticou os governadores por restringirem a circulação de pessoas, sob a alegação de que essa medida, recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), atrapalharia o desempenho econômico. Atrapalha, claro, mas o desempenho econômico não será melhor num cenário de milhões de brasileiros doentes. É preciso primeiro salvar vidas.

O contraste com outros líderes também foi devastador para o mandatário





LULA MARQUES

**EMBATE** Rodrigo Maia, apelidado de “gordinho” por Bolsonaro: “sabotagem” de olho nas eleições presidenciais de 2022

brasileiro. Enquanto Bolsonaro insistia no mantra da fantasia e delegava ao ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, a tarefa de lidar com o problema, presidentes de outros países assumiam a linha de frente. Até Donald Trump, a quem o presidente gosta de emular e bajular, emergiu (tardamente, mas o fez) no centro do tablado e passou a comandar os trabalhos. Bolsonaro, no entanto, preferiu perder tempo e energia confrontando velhos adversários. Pelo raciocínio do presidente, a possibilidade de uns pontinhos a mais no PIB compensaria o risco de afrouxar o controle da disseminação da doença. Esse alheamento da realidade levou os chefes dos poderes Legislativo e Judiciário a se reunirem, na segunda-feira 16, para tratar do coronavírus sem a presença de Bolsonaro.

Num gesto de retaliação, também impróprio para o momento, os presi-

dentos da Câmara, Rodrigo Maia, do Senado, Davi Alcolumbre, e do Supremo, Dias Toffoli, convidaram para o encontro apenas o ministro da Saúde. Bolsonaro considerou a iniciativa uma afronta — e, como de costume, enxergou ali uma manobra conspiratória de seus adversários. Por meio de assessores, passou a fritar Mandetta, como se este tivesse cometido algum tipo de traição ao participar da reunião. Nos bastidores, também retomou a carga contra os líderes do Congresso. A aliados, disse que Maia, a quem chama pejorativamente de “gordinho”, trama para prejudicar o governo e dificultar sua reeleição. Segundo o presidente, o deputado teria fechado um pacto com Doria para ser vice do tucano em 2022. Alcolumbre faria parte dessa aliança, porque seria “pilotado como drone por Maia”. Depois da manifestação a favor de seu governo e contra o Congresso,

ALAN SANTOS/PR



**INTRIGA** Ramos: amigo do presidente, por pouco não foi defenestrado

AMANDA PEROPPELLI/REUTERS



**REALIDADE** Perda de apoio e panelaços: desprezar a crise do coronavírus foi o maior erro político do presidente até aqui

Bolsonaro chegou a desafiar Maia e Alcolumbre a sair às ruas.

Os parlamentares, felizmente, responderam a essa provocação com responsabilidade. Mesmo fustigados, apresentaram empenho pela aprovação do decreto de calamidade pública editado pelo presidente a fim de garantir fôlego de caixa para o combate aos efeitos da pandemia de coronavírus. Durante a semana, premido pelas circunstâncias, Bolsonaro anunciou outras medidas em resposta à crise. Boa parte delas terá de ser aprovada pelo Congresso. Do lado do governo, a tarefa de pavimentar o caminho para a tramitação é do general Luiz Eduardo Ramos, ministro da Secretaria de Governo. Ramos é um dos auxiliares mais próximos de Bolsonaro, mas agora enfrenta um processo de fritura tão intenso quanto o deflagrado contra o seu colega Mandetta. O general come-

çou a ser atacado depois de ter sido apontado como o responsável pelo acordo entre o Executivo e o Legislativo sobre 30 bilhões de reais do Orçamento da União — um acordo que incendiou as redes bolsonaristas. Amigo do presidente, o general quase foi defenestrado. Ou seja: em plena crise, com desdobramentos políticos, econômicos e de saúde pública imprevisíveis, dois ministros considerados essenciais para o enfrentamento do problema, Mandetta e Ramos, são acossados pelo próprio presidente e seus aliados. Bolsonaro tem revelado uma incrível capacidade de distorcer a realidade.

Na quarta-feira 18, diante da desidratação de apoiadores nas redes sociais e do acúmulo de indicadores negativos (do aumento dos casos de Covid-19 confirmados ao novo derretimento da bolsa de valores), Bolsonaro convocou uma entrevista coletiva, mo-

dulou o discurso, anunciou decisões importantes e acenou para a necessidade de um esforço conjunto entre os poderes para enfrentar o coronavírus. Parecia que o presidente finalmente compreendera a gravidade da situação — a oportunidade para mostrar qualidades como discernimento, moderação e segurança que se esperam de um líder. Com direito a discursar com uma máscara pendurada na orelha. Bolsonaro, porém, não fez o mea-culpa por ter confraternizado com apoiadores em frente ao Planalto, mentiu mais uma vez e ainda recorreu ao populismo de sempre. Desconsiderando os protocolos médicos, chegou a recomendar às pessoas que não se surpreendam se ele embarcar num vagão lotado de metrô só para demonstrar sua lealdade ao povo — o mesmo povo que está vendo bater à sua porta a pior e a mais devastadora crise dos últimos anos. ■



# MAIS SAÚDE, MENOS POLÍTICA

Em meio à crise, o presidente age para tumultuar o trabalho do ministro responsável pelo combate à Covid-19 e pelo bom relacionamento dele com os governadores

**EDOARDO GHIROTTO E MARIANA ZYLBERKAN**



FRANCISCO CEPEDA/AG. O GLOBO

**DESAFETOS FEDERAIS**  
Doria e Uip: medidas austeras e necessárias receberam críticas do Palácio do Planalto

**ERA SEXTA-FEIRA 13** em São Paulo. João Doria havia convocado a imprensa para uma entrevista na Secretaria de Saúde, na qual anunciaria medidas para conter a pandemia do coronavírus. À mesma mesa do governador tucano estavam secretários de sua equipe e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (DEM), que tinha ido à cidade para discutir estratégias de controle da doença no estado — o principal foco da Covid-19 no país, com cinco mortos já confirmados até o meio-dia do dia 19. Bastou Mandetta iniciar a explanação no evento, transmitido ao vivo pela televisão, para que seu celular começasse a vibrar. No visor estava escrito “JB BR”, a identificação que o ministro usa para o número do presidente. Mandetta deixou que o telefone tocasse e continuou falando aos jornalistas, mas Bolsonaro não se deu por satisfeito. Voltou a chamar o celular do ministro enquanto ele terminava sua apresentação.

Ligar insistentemente para o ministro da Saúde em meio a uma crise de saúde poderia ser sinal claro de emergência. Mas não era nada disso. Bolsonaro estava furioso por ver Mandetta ao lado do governador de São Paulo, que se elegeu em 2018 com o slogan “BolsoDoria”, porém virou um de seus principais rivais políticos devido à pretensão do tucano de disputar a Presidência em 2022. Dias antes, Bolsonaro já havia advertido Mandetta por ter feito reuniões privadas com Doria e com o governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), outro que sonha com o Palácio do Planalto. “Está errado, você não tem de ir. Precisava aparecer lá do lado daqueles caras?”, disse Bolsonaro ao seu ministro. Desde o início da pandemia, enquanto o presidente minimizava o tamanho do problema, chamando-o de “histeria” da imprensa, Mandetta assumiu a frente do combate à doença e ganhou merecidos elogios pela seriedade com que vem tratando o tema e pela capacidade de articulação com o Congresso e os governadores para tomar em conjunto as medi-



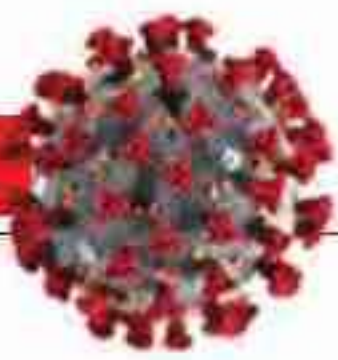
JOÃO ALVAREZ/FOTOARENA

**PROTAGONISMO** Luiz Henrique Mandetta: aparições incomodaram o chefe

das necessárias. Mandetta, em resumo, tornou-se a voz e o porto seguro do país na luta contra a Covid-19. Tudo isso em um momento em que o presidente se encontra politicamente isolado e virou alvo de panelaços (veja a reportagem na pág. 38). Esse protagonismo incomodou Bolsonaro, e o descompasso entre os dois ficou evidente na tarde do último domingo, 15. Na ocasião, o presidente protagonizou o ato mais temerário de toda a sua gestão ao cumprimentar apoiadores na manifestação que ajudou a convocar, na entrada do Palácio do Planalto, sem usar máscaras nem luvas, em atitude contrária à que Mandetta vinha defendendo

publicamente para conter a disseminação do vírus no país. Questionado pelo jornal *Folha de S. Paulo* no mesmo dia, à noite, sobre a ida do presidente à manifestação, o ministro afirmou que o ato de Bolsonaro não era ilegal, mas fez uma crítica indireta ao comportamento do chefe: “A orientação é não. E continua sendo não para todo mundo”. A pessoas próximas, Mandetta já revelou incômodo com o comportamento do presidente e afirmou que não deixaria as rixas políticas de Bolsonaro com os governadores interferir em seu trabalho.

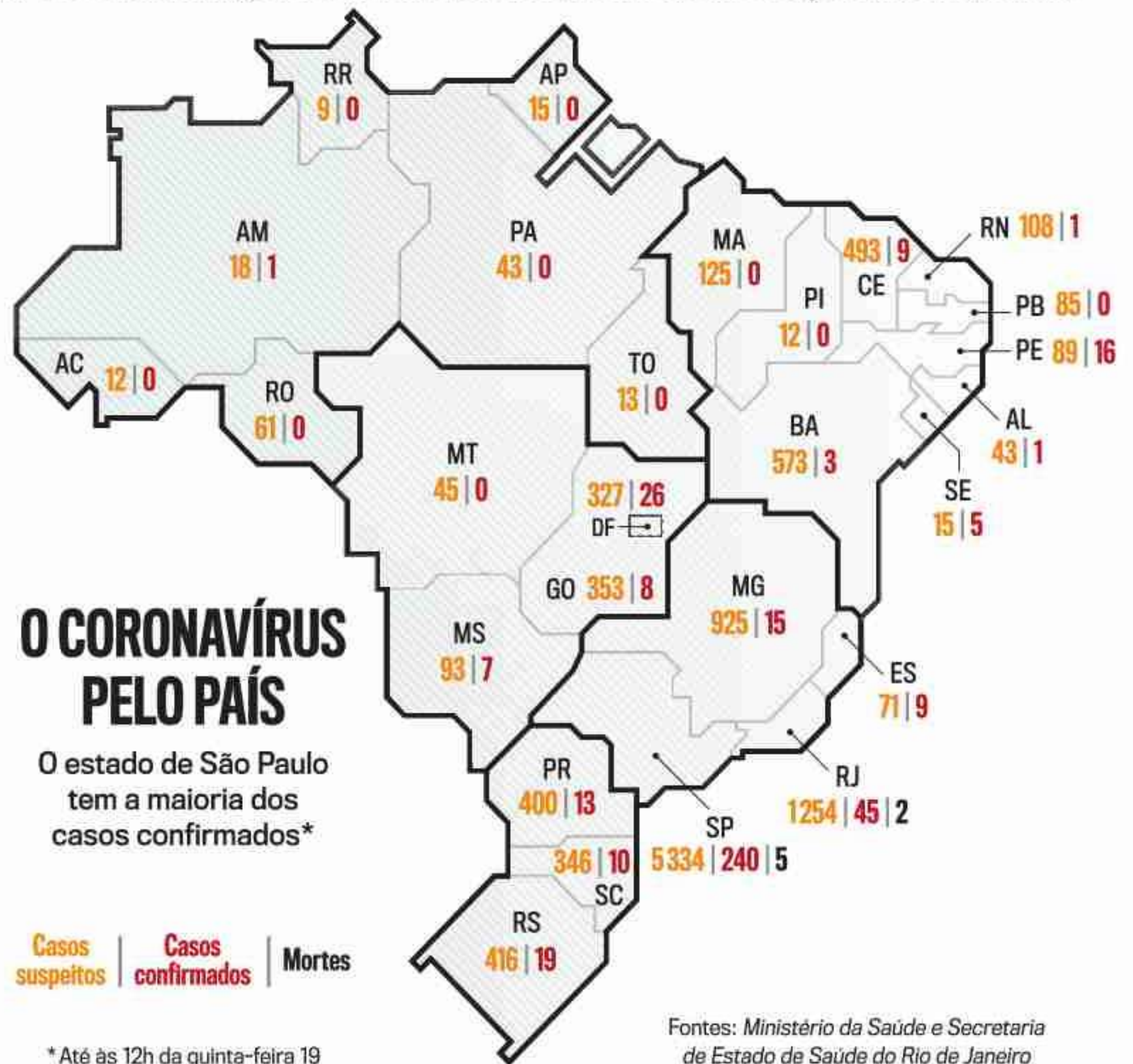
Ao mesmo tempo que a Covid-19 piora perigosamente o estado de saúde de



REPRODUÇÃO

**TRAIÇÃO?** Ronaldo Caiado: o governador de Goiás foi xingado ao tentar acabar com uma manifestação de bolsonaristas

peças mais idosas ou com doenças preexistentes, o vírus deteriorou ainda mais as relações ruins entre Bolsonaro e os governadores. Sempre que possível, tanto Doria quanto Witzel procuram demonstrar que são mais responsáveis e eficientes na gestão do que o presidente. Isso se repete agora com as políticas públicas adotadas contra o coronavírus. De um lado, os governadores agiram de forma prudente e realista. Do outro, o presidente persistiu durante muito tempo em uma espécie de estado de negação do problema. Witzel se antecipou no anúncio de medidas enérgicas. Entre elas estão a suspensão de aulas nas redes pública e privada de ensino e de eventos esportivos, culturais, religiosos e políticos pelo prazo de quinze dias. De Brasília, porém, o governador fluminense não pode esperar muita ajuda. Um ofício em que ele pede a Bolsonaro 1 bilhão de reais de auxílio para ações de enfrentamento do coronavírus está há seis dias sem res-





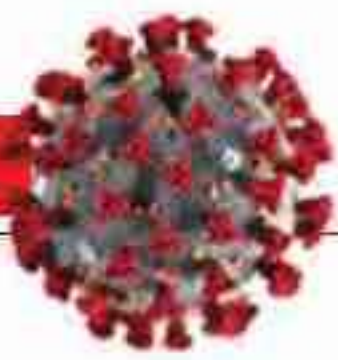
PHILIPPE LIMA

**PRECAUÇÃO** Wilson Witzel: suspensão de aulas e de eventos esportivos, culturais, religiosos e políticos

posta. O documento foi enviado ao Palácio do Planalto na última sexta-feira, 13, quando o estado atingiu um nível mais grave de resposta à doença, o da transmissão comunitária, momento em que o vírus ganha as ruas e já não é mais possível determinar o foco do contágio. Em São Paulo, tendo o infectologista David Uip como o chefe do comitê de combate ao vírus no estado, Doria adotou também uma tática dura e realista no enfrentamento da doença. Na última quarta, recomendou o fechamento de shoppings e academias na capital e na Grande São Paulo. A determinação vale até 30 de abril. Bolsonaro vem se mostrando contrário a decisões desse tipo. “Tem alguns governadores, no meu entender, posso até estar errado, mas estão tomando medidas que vão prejudicar em muito a nossa economia”, afirmou. Em outra entrevista, deixou ainda mais evidente que a sobrevivência política é sua prioridade. “Se acabar a economia, acaba o meu governo”, disse.

Até governadores mais próximos revelaram desconforto com esse tipo de postura. Em Goiás, Ronaldo Caiado (DEM) repreendeu os manifestantes convocados por Bolsonaro para os atos do último dia 15. Um dos três governadores que ainda vocalizam apoio ao presidente, Caiado foi vaiado e discutiu com bolsonaristas. Médico de formação, ele está preocupado que haja uma escalada de casos, tornando a situação incontrolável no estado. Por isso baixou um decreto nesta semana para fechar shoppings, cinemas, bares e restaurantes. Diante das críticas de Bolsonaro aos governadores, Caiado veio a público dizer que se baseia na ciência para administrar Goiás. “Tomo decisões como médico, não como político”, declarou. Curiosamente, a indicação de Mandetta ao ministério contou com a influência do governador, com quem ele dividia o protagonismo da frente parlamentar da saúde durante a última legislatura.

Na direção contrária da política de confrontos do chefe, Mandetta tratou de azeitar a linha de comunicação entre o Palácio do Planalto e os governadores, esquema que vem funcionando bem desde o início da crise. Os secretários estaduais de Saúde e membros do Ministério da Saúde criaram um grupo de WhatsApp para otimizar a comunicação. Foi por lá que confirmaram os primeiros casos, detectados em São Paulo, e decidiram concentrar em Mandetta a função de comunicá-los à população. Ele também foi o responsável por negociar com o Congresso a liberação de 5 bilhões de reais para custear as despesas emergenciais dos estados. “O fato de o ministro ter sido deputado e transitar bem dentro do Congresso ajudou bastante, além de ele ser amigo do presidente da Câmara”, diz Alberto Beltrame, presidente do Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Mandetta também negociou com o Instituto Butantan, o maior produtor de



CARL DE SOUZA/AFIP

**DIAS MAIS DIFÍCEIS VIRÃO** Força-tarefa no Rio: limpeza de vagões do metrô para minimizar os riscos à população

vacinas da América Latina, a antecipação da campanha de vacinação contra a gripe de 15 de abril para o dia 23 deste mês. É esperado um pico na notificação de casos graves e, conseqüentemente, na ocupação de leitos de UTI a partir da vigésima semana de circulação do vírus, prevista para abril.

O ciúme presidencial diante do protagonismo de Mandetta resultou em medidas práticas, sobretudo após o ministro representar o Executivo federal numa reunião com os chefes dos outros poderes na segunda 16. Irritado, Bolsonaro formou um comitê executivo para conter a crise do coronavírus. Visto como inócuo por gestores públicos da área da saúde e criado com atraso irremediável diante da situação enfrentada pelo país, o comitê ministerial não conta com a participação do presidente e é liderado pelo ministro-chefe da Casa Civil, general Walter Braga Netto. Bolsonaro nem compareceu à reunião

inaugural. Há quem diga que o comitê foi um alerta que Bolsonaro enviou a Mandetta sinalizando que poderia diminuir suas atribuições se não se adequasse ao discurso governista. Em paralelo, o capitão transformou o diretor-presidente da Anvisa, Antonio Barra Torres, em seu principal conselheiro sobre o coronavírus. Contra-almirante da Marinha, Torres defende medidas menos drásticas diante da crise e, no dia 15, trocava mensagens com o presidente sobre o problema até que foi convocado para ir ao palácio conversar pessoalmente com Bolsonaro. Na sequência, esteve ao lado dele junto aos manifestante e até gravou vídeos do evento. No futuro, a aposta nos bastidores do Palácio do Planalto é que Torres poderá assumir o Ministério da Saúde.

Ainda que alguns dos movimentos de Mandetta tenham provocado desconforto no presidente, Bolsonaro sabe que é difícil mexer com ele neste mo-

mento. As cobranças por andar em companhia de desafetos políticos do capitão, no entanto, parecem ter surtido efeito. Na quarta 18, Bolsonaro e nove ministros, entre eles Mandetta, apareceram com máscara cirúrgica em uma confusa entrevista coletiva. Para espanto do país, o capitão gastou parte do tempo mentindo (jurou jamais ter feito convocações para as manifestações do 15 de março, quando há mais de uma prova a respeito disso) e, velha tática diversionista, criticando a imprensa. Acusou a Rede Globo e o site de VEJA de atuarem na convocação dos painéis contra seu governo (os veículos apenas cumpriram com sua obrigação, que é informar) e, como se não bastasse, divulgou ali um painel-bolsonarista, chamado para a mesma noite. Sobre a real prioridade do momento, finalmente pareceu reconhecer o tamanho do desafio de saúde pública, esforçando-se para não contradizer o que havia decla-



## CADÊ AS LIDERANÇAS DE FATO?

A crise joga no limbo os incapazes e exalta os competentes

rado no começo da pandemia. “É grave e é preocupante, mas não devemos entrar no campo da histeria ou da comoção nacional”, disse. Espera-se que não volte atrás nessa opinião, como já fez em relação a outros assuntos importantes.

Na mesma coletiva, o ministro da Saúde, que falou por último, ouviu Bolsonaro dizer que não havia nenhum problema entre eles. Mandetta retribuiu os afagos. Em seu discurso, chamou o chefe de “grande timoneiro desse barco”. O desafio do ministro nas próximas semanas será adequar o sistema de saúde para atendimentos de quadros mais graves, que necessitem de internação. Devido ao déficit de leitos de UTI no país, a estratégia será transformar as vagas em enfermarias para receber pacientes graves com o uso de equipamentos alugados. Em tempos de caça às bruxas no governo para expurgar de Brasília colaboradores de gestões anteriores, Mandetta teve o bom-senso de manter a seu redor o quadro de técnicos que se especializaram em lidar com crises de saúde pública, principalmente após 2009, com o surto do vírus H1N1. No caso do coronavírus, de acordo com o ministro, o Brasil terá pela frente “três meses de muito stress”. Esse período poderá ficar ainda mais difícil se não forem deixadas de lado as rixas políticas que atrapalham o já altamente complexo e desafiador enfrentamento da Covid-19. Melhor antídoto contra a contaminação política, o bom-senso pode salvar vidas. Que nossas principais autoridades, sobretudo o presidente, tenham realmente aprendido algo com as confusões das últimas semanas. O Brasil precisa que técnicos como Mandetta continuem fazendo seu trabalho. ■

Com reportagem de Cássio Bruno e Mariana Muniz

O BRASIL começava o ano satisfeito, com prognósticos de crescimento. Então, a pandemia de coronavírus, tal qual um cisne negro que surge do nada, destruiu as expectativas. Em meio a nossos prosaicos e provincianos problemas, a maioria deles do século passado, o mundo jogou sobre nós um desafio de imensas proporções. Lamentavelmente, até bem pouco tempo atrás, essa questão não era tratada com a necessária seriedade. Quando o surto da doença emergiu, em janeiro, aqui mesmo nestas páginas, antecipei o gigantesco desafio que seria enfrentá-lo. Afirmo que as boas perspectivas econômicas para 2020 tinham de ser revistas. Mas não houve, infelizmente, o devido engajamento da sociedade e do governo para evitar que a chegada da Covid-19 fosse amenizada.

De certa forma, nenhuma medida significativa foi tomada até bem depois do Carnaval. O Brasil oficial estava mais preocupado com disputas orçamentárias do que com a ameaça de uma pandemia. Apenas quando a longa mão da peste atingiu os escalões oficiais o tema, enfim, mudou de patamar. Enquanto o Brasil ruminava mover o gasto público para destravar o crescimento, a economia americana, a mais liberal do mundo e profundamente endividada, abria os cofres para evitar uma recessão. Lembrando que nos Estados Unidos existe apenas cerca de 4% de desempregados.

A lição que o governo americano sempre dá nos momentos de crise é abrir os cofres públicos para não deixar a economia parar. Para o Brasil a crise do coronavírus é, potencialmente, mais intensa do que o 11 de Setembro de 2001 e a crise de Wall Street de 2008.

As respostas que o setor público tem de dar ao desafio do coronavírus devem ultrapassar, em muito, os 147 bilhões de reais anunciados no início da semana passada. A declaração de calamidade pública é apenas mais um passo. A liberação de recursos para os aposentados e os mais vulneráveis é paliativa. Precisamos irrigar a economia com crédito e dar tempo ao contribuinte para pagar taxas e impostos, bem como realizar a compra de equipamentos médicos e remédios, numa escala nunca vista no país. Mas, sobretudo, é necessário ter liderança. O presidente da República

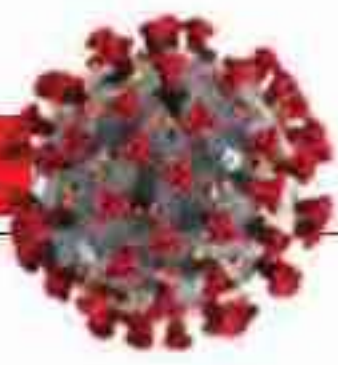
tem de conduzir o combate à epidemia junto com os governadores, e estes com os prefeitos. O interesse da coletividade deve prevalecer sobre as picuinhas políticas. O diálogo entre as esferas dos poderes precisa ser imediato e efetivo. O Judiciário e o Legislativo devem dar respaldo às

medidas a ser implementadas de forma ágil pelo Executivo. Recentemente, em uma boa iniciativa, resolveram criar uma espécie de fast track para remover entraves burocráticos à compra de equipamentos e remédios. O STF precisa dar garantia às decisões emergenciais que serão adotadas.

Para Bolsonaro, seu destino como presidente pode estar sendo decidido pela forma como combate esta pandemia, sob pena de perder popularidade e capacidade de comandar em um momento grave da nação. Como dizem os pilotos de Fórmula 1, as curvas e o uso dos freios separam os homens dos meninos. Na política, a crise joga no limbo os incapazes e exalta os competentes. É hora de as lideranças de direito demonstrarem que são lideranças de fato. ■

**“A lição que o governo americano sempre dá é abrir os cofres públicos para a economia não parar”**





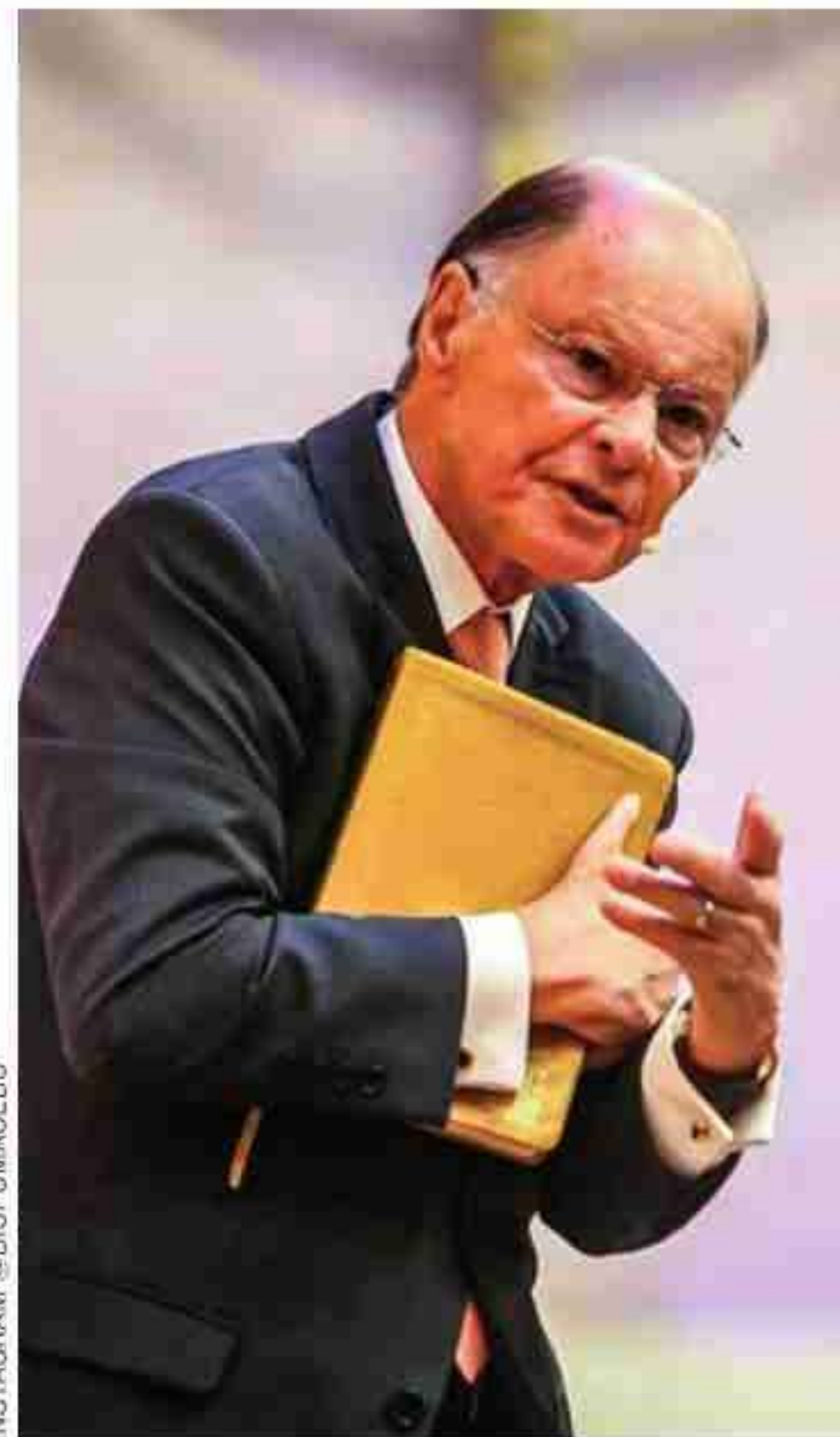
**RISCO** Templo da Universal em São Paulo na última terça, 17: apesar de alertas dos médicos, fiéis oram muito próximos

## DILEMAS DA FÉ

Igrejas evangélicas e católicas se adaptam aos novos tempos de coronavírus, mas alguns de seus líderes ainda resistem ao apelo para evitar as aglomerações **EDUARDO GONÇALVES**

**ENQUANTO** a ciência se debruça sobre o mistério da origem da Covid-19 e as autoridades testam medidas cada vez mais drásticas para conter a contaminação (que podem incluir a proibição de eventos com aglomeração de pessoas), o bispo evangélico Edir Macedo resolveu partir para o ataque, munido de algumas “certezas”. “Minha amiga e meu amigo, não se preocupem com o coronavírus”, disse ele em um vídeo divulgado no domingo 15. Segundo o chefe da Igreja Universal do Reino de Deus, a preocupação em torno da doença era uma “tática de Satanás” para espalhar o medo. Quem transparecia estar assustado, porém, era Macedo, com a perspectiva de templos vazios e, conseqüentemente, menos ofertas e dízimos.

A resistência a fechar as portas atinge também o grosso das igrejas pentecostais e neopentecostais no país, mesmo após a ministra “terrivelmente cristã” Damares



INSTAGRAM @BISPOMACEDO

**RECUO** Edir Macedo: vídeo apagado após atribuir medo do vírus a “tática de Satanás”

Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) reunir dezessete entidades evangélicas e católicas na segunda passada e pedir que evitassem aglomerações. Um sinal claro da dificuldade veio do pastor Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e amigo do presidente Jair Bolsonaro. “Enquanto o transporte coletivo estiver funcionando, a minha igreja vai estar aberta”, afirmou.

A reação negativa a esse tipo de fala, o primeiro caso de morte no Brasil e a sequência de medidas impostas pelas autoridades — suspensão de aulas, fechamento do comércio, adoção de home office e restrição à circulação — fizeram com que algumas lideranças religiosas mudassem o discurso e acatassem as recomendações de governos estaduais, como a do governador João Doria para suspender as cerimônias na Grande São Paulo. Parte das missas e cultos começou a ser transmitida pela internet ou a ser



realizada ao ar livre. Saíram a água benta e o lenço consagrado, entrou o álcool em gel. E nada de imposição de mãos ou distribuição de hóstias — cada fiel foi instruído a orar e a receber as orações no seu canto. O papa Francisco, por exemplo, passou a rezar apenas missas virtuais — recomendação que estendeu ao mundo —, e a celebração da Páscoa será feita sem público na Praça São Pedro. Por aqui, a Justiça suspendeu as missas em Aparecida, o maior centro de peregrinação católica do país, mas a basílica seguirá aberta.

Em tempos de crise como epidemias e guerras, os templos religiosos têm papel importante ao abrigar, apoiar e confortar a população. Mas é preciso equilibrar essa função com as políticas de saúde pública. Na Coreia do Sul, Lee Man-Hee, líder da igreja cristã Shincheonji, é investigado por homicídio e danos à saúde pública depois que as autoridades atribuíram à sua igreja a responsabilidade por mais da metade dos casos de contaminação no país. Na França, a evangélica The Christian Open Door é acusada de ter virado um foco de contaminação após vários infectados em um evento espalharem o vírus até por territórios como a Guiana Francesa. No Brasil, as autoridades ainda não vetaram o funcionamento dos templos, mas a preocupação vem aumentando à medida que a doença se alastra. Depois que o bispo demonizou o vírus, a Universal apagou o criticado vídeo de Macedo, passou a adotar ações preventivas, e disse, em nota, que “a mídia distorceu o teor do alerta” de seu líder. Na última terça, no Templo de Salomão, na cidade de São Paulo, o bispo Guilherme Grandó lembrou o ensinamento de Jesus Cristo de que é preciso “vigiar e orar”. Vigiar, no caso, seria tomar as medidas de precaução contra o coronavírus. Amém. ■

## A TEMPESTADE QUASE PERFEITA

A aparente falta de cuidado potencializou fragilidades latentes

A EQUAÇÃO política e econômica do governo Jair Bolsonaro estava bem desenhada no plano inicial. O Congresso aprovaria as reformas liberais, no ritmo que fosse. A economia reagiria, mesmo num passo não espetacular. O ministro da Justiça colocaria seu capital popular a serviço do projeto bolsonarista. O presidente nesse meio tempo alimentaria politicamente sua base dia após dia rumo a 2022. E a esquerda continuaria ilhada, pelo menos em curto e médio prazos.

E a coisa vinha vindo.

Mesmo os percalços — todo governo tem — pareciam insuficientes para um desarranjo. O PIB de 2019 decepcionou, nada que não pudesse ser deixado para trás com uma dose de esperança no futuro e advertências sobre o risco de repetir fracassos recentes. O presidente romper com o próprio partido e ficar sem nenhum para chamar de seu era pouco, perto da simpatia de um Legislativo amplamente liberal-conservador pelo programa econômico.

Aí veio a pandemia do coronavírus. O imprevisível é mesmo muito difícil de prever.

Entre janeiro e fevereiro, já era possível antever a onda da crise sanitária. Foi avisado, mas talvez não se sensibilizou. E transbordou em março. E somou-se à pendenga do Executivo com o Legislativo por causa do Orçamento impositivo. E juntou-se à guerra do governo contra a imprensa. É notável, aliás, como o governo consegue brigar com dois atores, Congresso e imprensa, amplamente dispostos a apoiar as principais agendas do Planalto na política econômica.

Aí o presidente da República decidiu dar mais importância à ameaça de recessão que às preocupações do cidadão e da cidadã com a própria saúde.

Na crise de 2008/2009, Luiz Inácio Lula da Silva disse que ela chegaria aqui como uma marolinha. Não foi bem assim. O crescimento em 2009 foi menos zero vírgula qualquer coisa. Mas 2010 foi robusto, e Lula conseguiu eleger a sucessora. Naquela crise o tema era a economia. Lula podia pedir ao eleitor um tempo. Aguentem aí que vai melhorar. E tinha capital político para tanto. A conta veio depois, deu em junho de 2013, mas isso já é outra história.

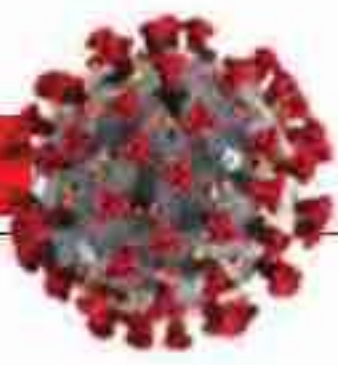
Agora o assunto é a saúde. Não adianta dizer “outras doenças matam mais que o coronavírus”, a notícia do momento é a Covid-19. As pessoas estão muito preocupadas com a ameaça à própria vida e à dos entes queridos. Só

se fala nisso. E a aparente falta de cuidado do governo em sintonizar-se com a preocupação do distinto público potencializou as fragilidades que vinham latentes, e juntou-se tudo numa tempestade quase perfeita.

Só não é a tempestade perfeita contra o governo Bolsonaro porque não há desejo relevante no mundo político de trocar o capitão pelo general que é seu vice. Nas várias franjas da política, prefere-se enfrentar um Bolsonaro manco em 2022 a entronizar agora Hamilton Mourão e dar a ele o passaporte para um “bolsonarismo sem Bolsonaro”, de viés racional e equilibrado. Mas tudo tem um limite, e na tempestade alguém tem de assumir o leme do barco.

Não existe espaço vazio na política. E isso não chega a ser uma novidade. ■

**Os políticos, porém, ainda preferem enfrentar um Bolsonaro manco em 2022 a entronizar Mourão**



REPRODUÇÃO

**CRISE** Bandidos batendo em retirada no Litoral Sul de São Paulo: o estado registrou fugas em três presídios no mesmo dia

# REAÇÃO EM CADEIA

Com a terceira população carcerária do mundo, prisões lotadas e dominadas por facções, o sistema prisional brasileiro vira um barril de pólvora em meio à Covid-19 **ROBERTA PADUAN E ANDRÉ SIQUEIRA**

**DENTRO DO INEDITISMO** imposto pela pandemia da Covid-19, uma das questões mais espinhosas é impedir que a doença se propague no interior dos presídios e provoque a morte em massa de detentos. O problema já atingiu em cheio países como a Itália — em que houve rebeliões em ao menos 27 penitenciárias depois que as visitas foram suspensas para tentar conter a epidemia. No Brasil, a tarefa é mais desafiadora. Nossas cadeias concentram a terceira maior população carcerária do planeta, atrás apenas dos Estados

Unidos e da China (*veja o quadro na pág. ao lado*). Para piorar, a maioria dos detentos vive em prisões superlotadas e comandadas por facções criminosas, ou seja, fora do controle do Estado. A falta de espaço e as péssimas condições de higiene formam o ambiente perfeito para a proliferação de todo tipo de vírus e bactéria. Fora isso, apenas 40% dos estabelecimentos do país têm departamento médico.

A disseminação do coronavírus nesse ambiente pode ser o estopim para o barril de pólvora das prisões

brasileiras explodir. Uma amostra ocorreu na segunda-feira, quando 1.389 presos fugiram de três penitenciárias de São Paulo depois que a Justiça suspendeu uma saída de sete dias a que os internos do semiaberto têm direito. Segundo o governo, o objetivo é evitar que os detentos se contaminem fora das grades e levem o vírus para a cadeia. Avisados um dia antes, eles se rebelaram e provocaram incêndios e quebra-quebras em seis presídios. Até a quinta-feira 19, 720 haviam sido recapturados.



BLAUCIO DETTMAR/CN

**LOTAÇÃO** Falta de espaço e de higiene: ambiente fértil para propagar doenças

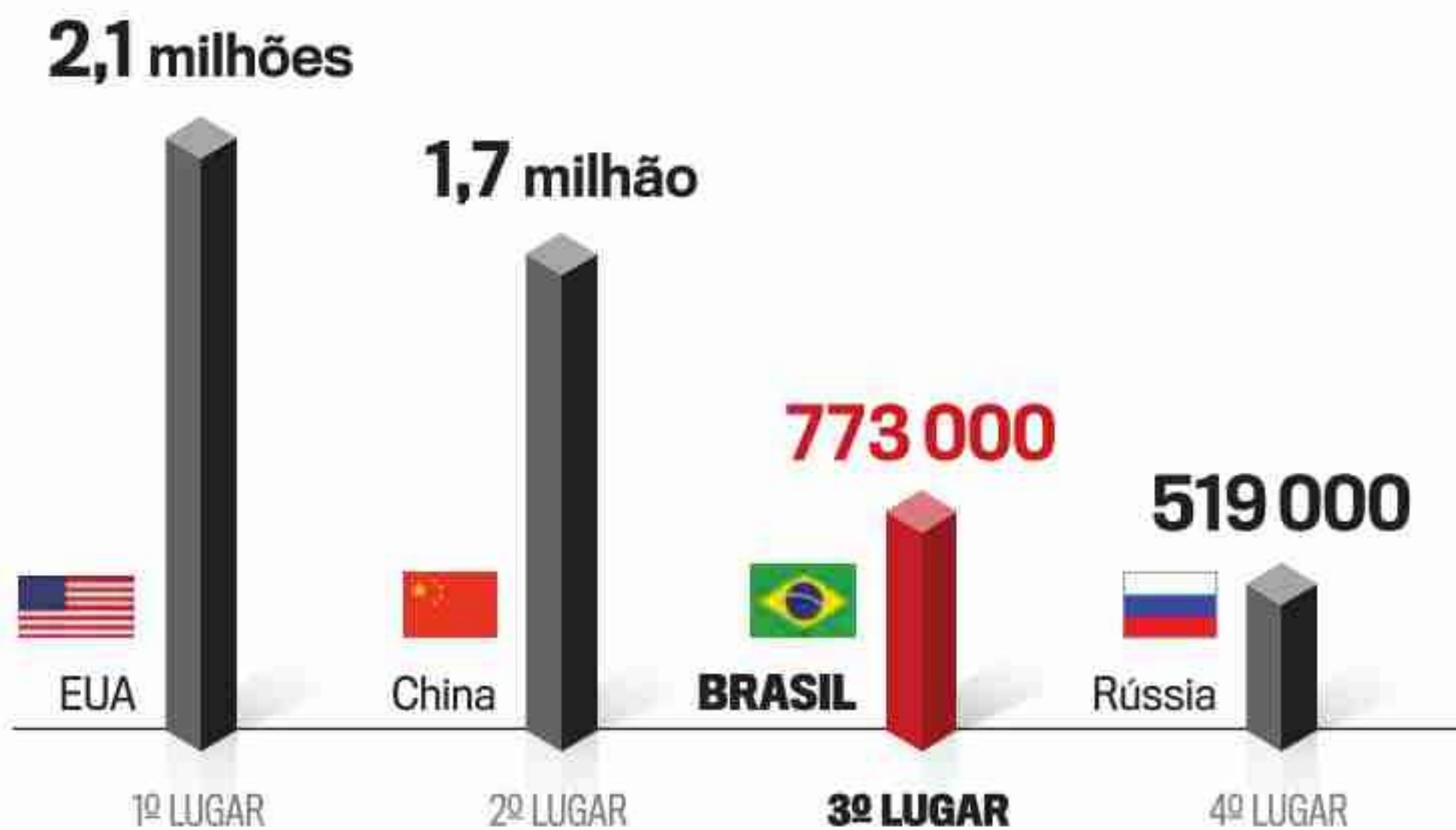
A questão prisional obrigou países afetados pelo coronavírus a adotar atitudes drásticas. No Irã, as autoridades liberaram 85 000 detentos para cumprir prisão domiciliar. A decisão foi tomada pelo Judiciário depois que o representante iraniano na ONU declarou que as prisões lotadas e infestadas de doenças causariam uma calamidade. Nos últimos dias, vários estados brasi-

leiros baixaram medidas para evitar a contaminação de fora para dentro das cadeias — com a restrição de visitas e saídas. No Rio de Janeiro, a liberação de presos para trabalhar foi suspensa até 21 de março e as visitas foram interrompidas por quinze dias. Em Minas Gerais, a medida foi semelhante à tomada no Irã: mandar os detentos do semiaberto para a prisão domiciliar.

“Cada caso será examinado individualmente”, afirma Miriam Vaz, juíza da Vara de Execuções Penais de Ribeirão das Neves, responsável por 11 000 detidos. Os presos serão obrigados a permanecer em casa em tempo integral se não estiverem trabalhando. Também terão de se apresentar uma vez por mês na unidade prisional mais próxima. Outra orientação é que portadores de doenças crônicas graves possam cumprir pena em casa, a menos que tenham alto nível de periculosidade. Na quarta passada, o Conselho Nacional de Justiça recomendou aos juízes que revisem se ainda há motivos para cada prisão provisória, priorizando gestantes, lactantes, mães ou responsáveis por crianças de até 12 anos, idosos, indígenas, pessoas deficientes ou que estejam no grupo de risco. O ministro Marco Aurélio Mello, do STF, fez recomendações na mesma linha e defendeu o exame “com mais urgência” da situação de presos com mais de 60 anos, mas sua posição não foi endossada pelo plenário da Corte. O assunto é polêmico, e o tempo dirá se seremos capazes de evitar que o coronavírus provoque uma tragédia no já trágico sistema carcerário brasileiro. ■

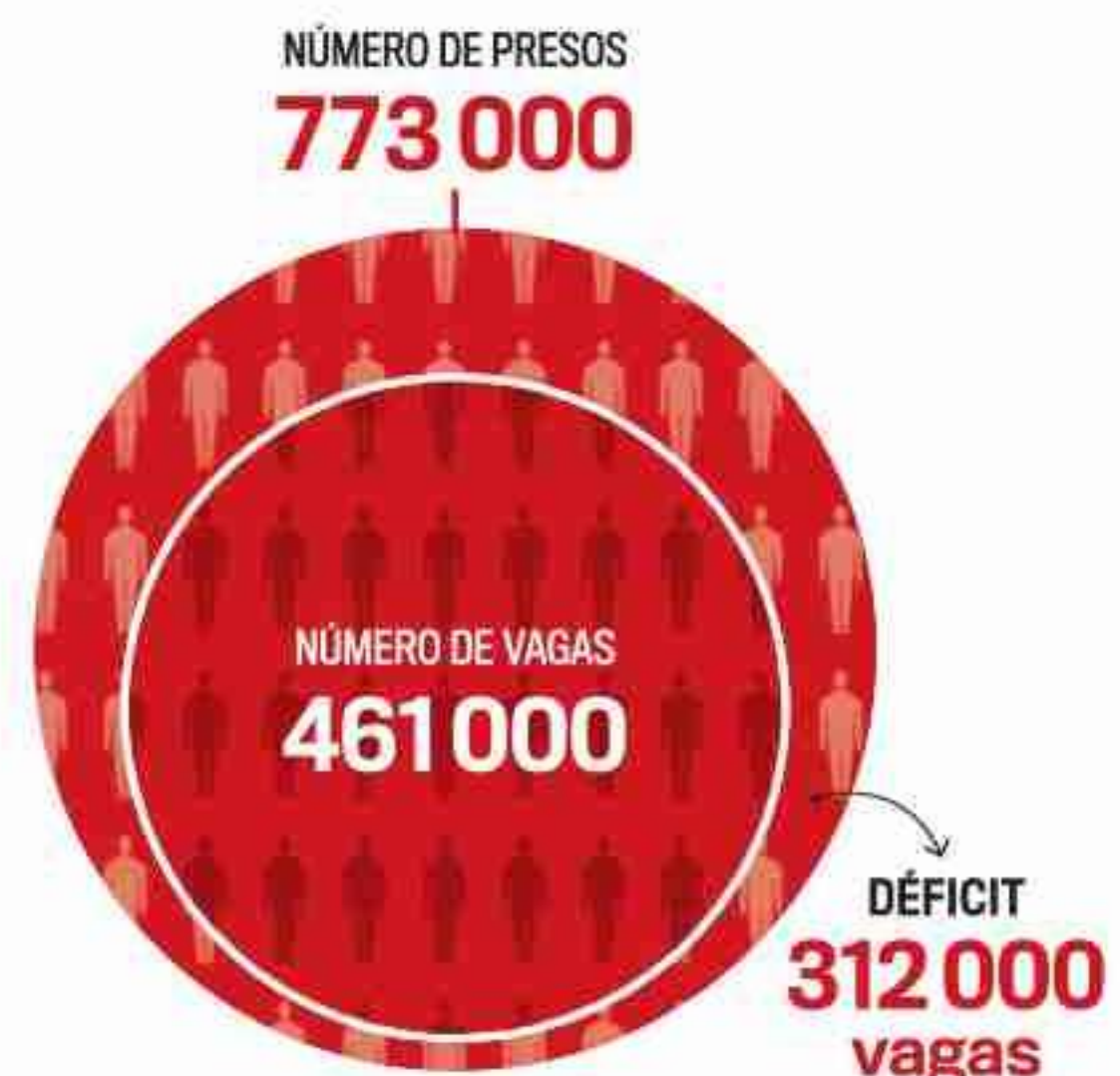
**SISTEMA FALIDO**

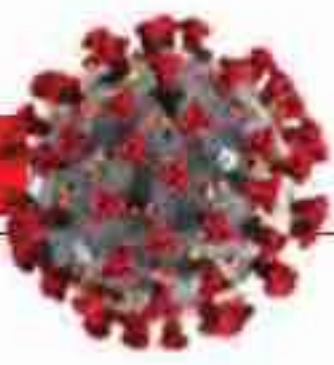
O Brasil ocupa hoje o terceiro lugar no ranking do número de detentos no mundo



Fonte: Depen, The World Prison Brief

A falta de vagas triplicou desde 2000, quando o sistema tinha capacidade para 136 000 pessoas e abrigava 233 000





# O PODER EM QUARENTENA

O presidente do Congresso e quatro assessores diretos do presidente da República foram contaminados pelo coronavírus

**MARCELA MATTOS**



CAROLINA ANTUNES/PR

**NA COMITIVA** Wajngarten: o primeiro a pegar a doença



MARCOS CORRÊA/PR

**NO PLANALTO** Heleno: infectado e no grupo de risco



IAN CHEIBUB/REUTERS

**NO MINISTÉRIO** Bento: isolamento no Rio de Janeiro



CRISTIANO MARIZ

**NO CONGRESSO** Davi Alcolumbre: repouso em casa



REILA MARIA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

**ADVOGADA** Karina Kufa: em processo de recuperação

**DE TRATO** formal, mas afável e afeito a beijos, o ministro da Justiça, Sergio Moro, mudou o comportamento. Impôs, nos últimos dias, uma distância regulamentar entre seus auxiliares mais próximos, evita apertos de mão, tem recusado pedidos de selfie dos admiradores e as reuniões de trabalho se dão por meio de videoconferência. Esses cuidados também foram adotados pelo ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, que tem se mantido isolado em seu gabinete e troca informações através de câmeras, mesmo com assessores posicionados nas salas ao lado. O Ministério da Educação suspendeu a participação de servidores em treinamentos e eventos presenciais e ainda fechou ao público o acesso às dependências da pasta. Entre uma audiência e outra, o ministro Paulo Guedes, da Economia, toma seu cafezinho em xícaras esterilizadas e o da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, limpa compulsivamente com álcool tudo o que é tocado em seu gabinete. Não é exagero dizer que o poder está em quarentena.

Um dos auxiliares mais próximos do presidente Jair Bolsonaro, o secretário de Comunicação, Fabio Wajngarten, foi o primeiro assessor do Planalto a ser diagnosticado com o coronavírus. Ele integrou a comitiva presidencial na viagem aos Estados Unidos, realizada entre 7 e 10 de março, e teve a contaminação divulgada no dia 12. Do isolamento domiciliar, em São Paulo, ele contou que a recuperação é mais difícil do que parece. Além de Wajngarten, pelo menos outros três auxiliares do presidente foram diagnosticados com a Covid-19 até a última quinta-feira (19) — todos eles acompanharam Bolsonaro na viagem aos Estados Unidos. Aliás, dezessete pessoas que estiveram com a comitiva já testaram positivo para o vírus. Sem sombra de dúvida, essa passagem do presidente por Miami, onde jantou com Donald Trump, foi o vetor que ajudou a catapultar o número de casos em Brasília e deu ao governo



CLAUDIO REIS/FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS

### **EMERGÊNCIA** Hospital das Forças Armadas: dez leitos de UTI para autoridades

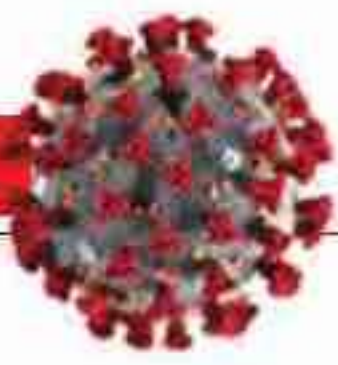
brasileiro o indesejado título de um dos mais afetados do planeta.

Advogada do presidente e tesoureira do partido Aliança pelo Brasil, Karina Kufa foi outra infectada na infecção americana. Diariamente, ela grava vídeos em sua casa, em Brasília, relatando seu processo de recuperação. “Sinto um pouquinho de dor no corpo mais à noite, mas, com o remédio, consigo dormir superbem. Não é para todo mundo que essa doença é grave”, afirmou. Chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno também testou positivo. Ele, que se diz assintomático, está isolado em sua residência, em Brasília. Heleno tem 72 anos e, por isso, é considerado um quadro de risco. Na terça-feira, um dia antes da confirmação, o general teve um expediente normal de trabalho. Na agenda oficial, consta que ele esteve três vezes no gabinete do presidente da República — duas a sós com Bolsonaro e, depois, em reunião com a presença dos ministros Jorge Oliveira, da Secretaria-Geral, e Luiz Eduardo Ramos, da Secretaria de Governo.

A doença, como se sabe, é altamente contagiosa. Por isso há o monitoramento diário do estado de saúde do presidente. Bolsonaro fez dois testes e anunciou que não foi contaminado. A coleta do sangue, porém, havia

sido feita na manhã de terça — antes, portanto, de passar ao menos uma hora com o já contaminado chefe do GSI. No mesmo dia, o próprio Bolsonaro anunciou que o titular de Minas e Energia, Bento Albuquerque, havia contraído o coronavírus. O ministro, que também integrava a comitiva na viagem aos Estados Unidos, vai cumprir o isolamento no Rio de Janeiro.

Além dos assessores do governo, a doença atingiu quatro parlamentares, entre eles o presidente do Congresso, Davi Alcolumbre. No início da semana, o senador teve febre e dor no corpo. Desde então, está isolado na residência oficial, sem contato com a família ou assessores. Por ora, os auxiliares de Bolsonaro também seguem em recuperação domiciliar. Caso haja o agravamento do estado de saúde de algum deles, o protocolo recomenda que seja encaminhado ao Hospital das Forças Armadas, que tem dez leitos de UTI para pacientes com coronavírus. Parece pouco. Por questões de segurança, há um quarto com UTI reservado exclusivamente para o presidente da República. O hospital também reforçou seu estoque de máscaras, luvas, capotes, equipamentos de medição de temperatura corporal a distância e medicamentos. Para o bem do país, tomara que nada disso seja necessário. ■



# O DESAMPARO DA INCERTEZA

Mesmo com as contas comprometidas, o governo tenta dar resposta à população para uma crise econômica que se anuncia tão grave quanto a de 2008 **MACHADO DA COSTA**

**DESDE** que foi deflagrada a crise financeira de 2008, pairou uma dúvida entre brasileiros atentos à economia mundial: por que investidores aceitavam comprar títulos de países desenvolvidos que “pagavam” juros negativos? Enquanto o Brasil pagava lesivos 14% ao ano em juros no período de recuperação global que se seguiu dois anos após a quebra do banco Lehman Brothers, Estados Unidos, Japão e Reino Unido tinham taxas soberanas menores que seus índices de inflação e, na prática, cobravam de quem aceitava emprestar dinheiro. A justificativa estava na confiança depositada nos governos: se o mundo quebrar, esses serão os últimos a dar um calote. Assim, endividaram-se e puderam resgatar a atividade econômica do abismo. Pois, eis que na crise seguinte, a que vivemos agora, causada pela pandemia de coronavírus, o Brasil entrou para o clube dos países que pagam juros negativos. Na quarta-feira 18, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central executou mais um corte na taxa Selic, a nossa taxa básica de juros, para 3,75%. Com o índice de preços ao consumidor amplo (IPCA) marcando uma inflação de 4,01% nos últimos doze meses, pela primeira vez desde a estabilização da moeda, marcada pelo Plano Real, há 26 anos, o governo cobrará a quem lhe empresta dinheiro. A diferença, contudo, é que a economia brasileira

não é de ponta e sólida como a dessas nações. A crise do coronavírus lançou o país num campo de incertezas econômicas tão grandes quanto as sanitárias.

O exercício praticado pelos economistas de tentar prever o futuro é cada vez mais estéril. De uma semana para outra, as estimativas de crescimento do Brasil foram jogadas ladeira abaixo e agora, num cenário otimista, apontam para a estagnação. Pura especulação. Neste momento, é impossível ter a certeza do impacto e do prazo da crise. “A cada nova variável, a cada mês que passar, teremos um quadro completamente diferente”, afirma o economista José Pastore. O que de fato está dado, contudo, é

que o crescimento, que no começo do ano era projetado para ser superior a 2,5%, é comparável agora a um sonho murcho na vitrine de uma padaria às moscas por medo da pandemia. Os governos estaduais apertaram o cinto e decretaram o fechamento de shopping centers, academias, bares, res-

taurantes, centros de convenções — ou seja, toda uma cadeia de serviços sofrerá nos próximos 45 dias a maior perda de receita que já terão registrado.

Nos grandes centros urbanos, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, nesta semana, já era possível notar um gigantesco vazio. Com escolas paradas, negócios fechados e um crescente número de empresas adotando o sistema de teletrabalho — o famoso home office —,

**162**  
BILHÕES DE REAIS  
é quanto o governo  
liberou para  
movimentar  
a economia



ADRIANO MACHADO/REUTERS

as cidades parecem experimentar um permanente feriado. É impossível não sentir o gosto amargo da ociosidade da economia. Quem está no mercado formal de trabalho ainda possui algum respaldo das leis trabalhistas para garantir renda nos próximos meses. Não é assim para 42% da população economicamente ativa, que vive na informalidade. “O governo está enfrentando uma situação inédita, uma crise inusitada causada



por uma doença”, avalia Ernesto Lozardo, ex-presidente do Ipea e professor da Fundação Getulio Vargas. “É preciso preservar um poder de compra mínimo às pessoas. Caso contrário, a falência do sistema financeiro poderá levar a mais mortes do que o colapso da saúde pública.”

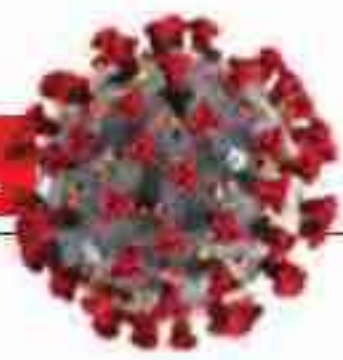
É o que teme o casal Maurício Almeida e Alexandra Araújo, ambos de 43 anos. Todos os dias, comercializavam na região da 25 de Março, centro do co-

mércio popular de São Paulo, brinquedos importados da China. Os 1 000 reais faturados por dia, em média, viraram 50 na última terça-feira, 17. “Se ficar assim, precisaremos parar. Os bancos continuam nos cobrando”, reclama Maurício. A ajuda do governo foi anunciada, mas ainda não alcançou o casal. Para a economia formal, foram liberados 147 bilhões de reais entre antecipação de pagamentos de abono salarial, aposentadorias e

**AMARRAS** Paulo Guedes: plano para resgatar a economia tromba com os problemas fiscais do passado

isenções fiscais para empresas. Aos informais, foi rascunhado um projeto para permitir a emissão de cheques de salvação, um “voucher”, no valor de 191 reais por mês pelos próximos noventa dias. Serão 15 bilhões de reais remanejados de outras rubricas do orçamento público. A dinheirama das duas linhas somadas





**CANCELAMENTOS** Aeroporto de Congonhas, em São Paulo: companhias aéreas diminuem voos

— 162 bilhões de reais — não chega aos pés do 1,2 trilhão de dólares (6,1 trilhões de reais) prometido por Donald Trump para socorrer os trabalhadores americanos. “Não há espaço para otimismo neste momento”, diz o economista Octavio de Barros, fundador da consultoria Quantum4. “A retração do consumo, fruto do comportamento defensivo das famílias, será sentida fortemente. Provavelmente empresas vão quebrar, por maior que seja o apoio aos pequenos negócios.”

Se os recursos disponibilizados pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, parecem poucos perante o tamanho da crise, muito se dá pela triste condição fiscal entregue pela administração interrompida de Dilma Rousseff, ainda em 2016. De lá para cá, algumas regras fiscais foram aperfeiçoadas, como a criação da previsão constitucional do teto de gastos, que impede que o governo gaste mais no ano seguinte do que no anterior. A Regra de Ouro, outra previsão, mas que data de 1988, também representa uma amarra para contornar uma crise dessa dimensão, uma vez que proíbe o Tesouro de se endividar para custear gastos correntes, como salários e aposentadorias. A saída do governo federal para enfrentar a crise foi pedir ao Congresso a decretação do estado de calamidade pública, medida extraordinária que isenta a Fazenda de cumprir a meta de resultado primário — que, lembremos, já previa um déficit de 124 bilhões de reais para o ano.

Com isso, apesar do estica e puxa orçamentário, ficou mesmo para o Banco Central a função de salvador da pátria. No início da semana, a autoridade monetária, presidida por Roberto Campos Neto, liberou 135 bilhões de reais de de-

**DESCONTROLE** Corrida aos supermercados: consumidores estocam produtos para a quarentena



NELSON ALMEIDA/AFP

GILBERTO SOARES/FUTURA PRESS





pósitos compulsórios para que os bancos transformassem os recursos em linhas de crédito. O efeito da medida foi imediato. O Banco do Brasil, por exemplo, criou mecanismos para irrigar a economia com 100 bilhões de reais. É um tipo de crédito que, apesar de precisar ser pago no futuro, dá fôlego a quem está nadando com uma bola de ferro atada ao tornozelo. Na quarta 18, veio o corte na Selic. Diferentemente dos pares de países desenvolvidos, o BC brasileiro não possui autonomia nem a função de zelar pelo crescimento. Deve priorizar o valor do real — que se depreciou a ponto de serem necessários 5,20 reais para comprar 1 dólar na quinta 19. Com a nova taxa, o BC optou por tentar salvar o PIB, em detrimento da moeda. Em breve, ao menos uma incerteza terá se dissipado: saberemos o que os investidores pensam do Brasil como um país que cobra para receber empréstimos. ■

Com reportagem de  
Alessandra Kianek, Diego  
Gimenes e Larissa Quintino



## O ORÇAMENTO NUNCA FOI “AUTORIZATIVO”

Torná-lo impositivo é uma exigência civilizatória

**UMA LENDA** virou verdade: “O Orçamento é autorizativo”. A lei orçamentária “autoriza” gastos, mas o governo cumpre o que quiser. Isso é repetido por servidores da área econômica, jornalistas, economistas e até, pasmem, por parlamentares. O Orçamento é e sempre foi “impositivo”.

Pela Constituição, artigo 165, parágrafo 8º, “a lei orçamentária anual não conterá dispositivo estranho à previsão da receita e à fixação da despesa”. São dois vocábulos distintos. O primeiro se refere à estimativa da receita, pois não há como ser preciso nesse campo. O segundo traduz uma determinação, isto é, uma imposição.

Questões orçamentárias estão na origem da democracia. Seu primeiro marco é a Carta Magna inglesa (1215). A elevação de impostos passou a depender da prévia autorização de barões e bispos reunidos em um Parlamento.

A Revolução Gloriosa inglesa (1688) transferiu a supremacia do poder do rei para o Parlamento. O monarca perdeu poderes absolutos, enquanto os legisladores ganharam a prerrogativa de aprovar também a despesa pública. O Orçamento tornou-se uma lei, que como tal deve ser cumprida. É o que também decorre das constituições nascidas da Revolução Americana (1775-1783) e da Revolução Francesa (1789). Nelas, o Orçamento é impositivo.

No Brasil, ao contrário, o assunto nunca foi levado a sério. Antes, os parlamentares aproveitavam a discussão do Orçamento para nomear protegidos e dar nome a ruas. Por isso a Constituição de 1937 incluiu um dispositivo aciano, ainda presente no mesmo artigo

8º da Constituição: a lei orçamentária não conterá dispositivo estranho à receita e à despesa. Qual seria outro?

Aqui, o presidente da República emite um “decreto de programação”, estabelecendo o que vai cumprir da lei orçamentária. E todo mundo aceita como parte das tradições e dos costumes. Funcionários do Tesouro exercem o poder de “gerenciar” o Orçamento, controlando gastos na “boca do caixa”. A prática explica obras paradas que não recebem os recursos inscritos no Orçamento.

Esse “contingenciamento” não existe em democracias sérias. Nelas, quando é necessário efetuar cortes orçamentários, cabe ao Parlamento autorizá-los. É mais demorado, todavia permite a discussão pública sobre as mudanças.

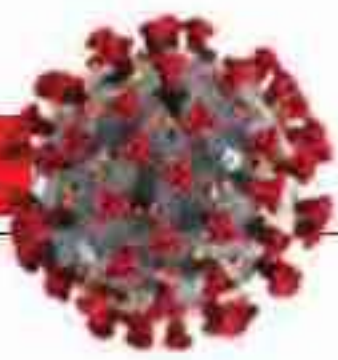
Recentemente, o Congresso decidiu que o relator do Orçamento

pode designar as áreas em que aplicar 30 bilhões de reais no exercício de 2020. É uma inovação inacreditável: um parlamentar exerceria funções típicas do Poder Executivo. Haja criatividade!

Existem muitas outras esquisitices, que o espaço não permite analisar. Caso, por exemplo, da interpretação marrota dos relatores do Orçamento, pela qual “reestimam” as receitas. Driblam a norma segundo a qual emendas parlamentares dependem do cancelamento de outras dotações.

Em um momento de crise econômica, provocada pelo avanço do coronavírus, que demanda uma resposta efetiva do governo, esta é a hora de discutir seriamente a matéria, de forma a livrar o país dos custos das aberrações institucionais que rondam o Orçamento. ■

**“Esta é a hora de livrar o país dos custos das aberrações que rondam o Orçamento”**



NELSON ALMEIDA/AFP

# PERDAS, PÂNICO E ATÉ MORTE

O avanço da Covid-19 provocou uma hecatombe histórica no Índice Bovespa, varreu fundos de investimento alavancados e cuspiu investidores para fora do mercado **FELIPE MENDES**

A PERSPECTIVA DE GANHOS exponenciais em curto espaço de tempo mexe com a cabeça das pessoas. Faturar uma bolada sem muito esforço vira quase obsessão. Impulsionados pelos conselhos de corretoras, influenciadores digitais e grupos nas redes sociais que se popularizaram no Facebook, Instagram e WhatsApp, milhares de brasileiros resolveram se embrenhar no volátil mercado financeiro. Prova



Var.	PreÚlt	Código	Osc	PreÚlt
-8,65%	18,95	LVBH11	-3,30%	105,40
-8,60%	13,30	LWSA3	-14,19%	15,05
-6,66%	2,24	MGFF11	-5,48%	91,49
-7,75%	21,77	MAXR11	-10,30%	0,44
-8,26%	5,20	OIBR3	-7,50%	0,74
-17,63%	9,20	PETR3	-9,45%	14,36
-15,94%	16,55	PETR4	-10,00%	13,86
		FEPA3	3,50%	4,08
-13,04%	2,00	PMAM3	-7,07%	13,52
-13,66%	14,34	PTNT4	-8,95%	4,17
5,05%	93,50	RBRP11	0,00%	82,00
-9,61%	30,19	RCSL4	-9,77%	1,20
-2,57%	24,61	SANB11	-5,37%	28,06
-3,28%	25,35	TEND3	-11,32%	23,50
	16,42	TXRX4	-13,65%	4,49
-12,36%	18,15	VALE3	-6,01%	40,32
	15,28	XPSF11	-1,03%	88,97
		LCAM3		
		BOVA11		
		VALE3		
		BRAF		
	12,84			28,75

disso é que a base de pessoas físicas que embarcaram na bolsa de valores nos últimos dez anos triplicou. Só em 2019, quase 700 000 investidores novatos se inscreveram na B3, a Bolsa de São Paulo, que soma agora 1,6 milhão de CPFs cadastrados. No último ano, a valorização do Índice Bovespa foi de 31,58%, uma alta nunca vista anteriormente, atingindo 115 000 pontos — em janeiro, inclusive, o índice esteve muito

**QUEDA HISTÓRICA** Sem milagre nem redenção: o tombo da bolsa nas últimas semanas deixou investidores atônitos

próximo do patamar dos 120 000 pontos. Nada parecia ter o poder de arrefecer o então pujante mercado de ações brasileiro. Mas tudo mudou em 9 de março, quando as negociações na bolsa foram interrompidas diante de uma forte queda de mais de 10% no pregão. Nesse dia, fundos de investimentos foram varridos do mercado e novatos perderam muito dinheiro. E, pelo menos um deles, mais do que isso: a vida.

Desde que a crise econômica atrelada ao avanço da pandemia do novo coronavírus (a Covid-19) se agravou, o acionamento do *circuit breaker*, mecanismo que paralisa as negociações da bolsa, virou rotina. Mas no dia da primeira interrupção, muito antes de se confirmar a primeira morte pelo vírus no país, um negociador de ações de meia-idade não suportou ver suas economias de praticamente toda a vida sucumbir. Trata-se de um investidor paulistano, cujo nome não será revelado a pedido de familiares, que operava alavancado, ou seja, com dinheiro emprestado. Ele perdeu cerca de 100 000 reais e sofreu uma parada cardíaca fulminante.

Não foi, obviamente, o único caso de quem viu evaporar tudo o que tinha na derrocada da bolsa, que fechou na quarta-feira 18 aos 66 895 pontos, 44% abaixo da máxima de 23 de janeiro. As empresas listadas na B3 perderam, apenas em 2020, 1,8 trilhão de reais em valor de mercado. No início de fevereiro, quando o impacto da pandemia na bolsa ainda era limitado, o investidor paranaense Acir Almeida também quebrou. Contra a vontade de sua família, ele empenhou suas econo-

mias — cerca de 250 000 reais — no mercado acionário. Chegou a se desfazer de um carro para se manter no páreo. Não teve jeito. “Fazia uns quatro anos que eu trabalhava ganhando e perdendo. Mas há um mês deixei de operar, porque o meu dinheiro realmente virou pó”, conta. Desiludido, ligou para o amigo Willy Heine, CEO da corretora W7, e admitiu que chegou a pensar em suicídio. “Tenho de dar um tempo e refazer a minha estrutura econômica para voltar a investir”, diz.

Heine, de 50 anos, além de dono de uma corretora, é escritor e tem um canal com 2300 seguidores no YouTube, por onde aconselha outros *traders*. Operador desde 2012, diz que já sentiu na pele as dores de ver seu dinheiro derreter. “Algumas corretoras falam que com 50 reais você consegue operar na bolsa. Isso ilude e faz com que as pessoas percam todo o dinheiro em minutos.”

Especular no mercado financeiro é tarefa para poucos. Até mesmo investidores com anos de experiência não estão ilesos de ver seus recursos virar pó. É o caso do carioca Flávio Calp Gondim, gestor e único cotista do fundo Ponta Sul, que teve mais de 5 bilhões de reais incinerados na derrocada do Ibovespa. Ex-funcionário do banco BTG Pactual, Gondim é conhecido como “Monstro do Leblon”, por seu estilo voraz. Com a perda apoteótica, seu fundo foi cuspidado do mercado. E o Ponta Sul, que detém 15% das ações do Banco Inter, não foi o único fundo renomado a sofrer. Um dos que tiveram pior performance, com uma queda de mais de 50% ao mês, pertencia à Alaska, gestora de Henrique Bredda, estrela do mercado financeiro. Como dizia Tom Jobim, o Brasil não é para principiantes — e, às vezes, nem para os experientes. ■

**1,8**  
**TRILHÃO DE REAIS**  
é a perda de valor de mercado, em 2020, das empresas que estão na bolsa de São Paulo

ESPECIAL

INTERNACIONAL



# O DIA EM QUE A TERRA PAROU

Seguindo o exemplo da Itália, outros países europeus decidem isolar a população inteira dentro de casa. A vida continua, mas ficou bem diferente **ANDRÉ LION**, de Nápoles, E **ERNESTO NEVES**

**COMO É** passar o tempo todo em casa, recluso com a família, não um dia ou dois, mas semanas inteiras? Desde que o epicentro da pandemia provocada pelo novo coronavírus saiu da China e se instalou na Europa, no início de março, diversos países estão adotando essa providência drástica: fechar não só as fronteiras, mas as portas das casas das pessoas. A Europa, berço de quase todas as engrenagens que movem o Ocidente, já enfrentou períodos dramáticos em que sair à rua era um perigo, marcados com sangue nas imagens das duas guerras mundiais, travadas em seu solo no século passado. Há paz, agora, mas o cotidiano ganhou o amargor e as dores daqueles tempos inominá-

veis. A reportagem de VEJA conversou com pessoas que, neste momento, em cidades europeias, olham pela janela para as ruas vazias, em clausura sem prazo para terminar. Encontrou tristeza, resignação, pouco consolo nas redes sociais e até mesmo um traço de satisfação em quem vê no isolamento uma maneira de contribuir para o combate ao vírus.

O início tardio da luta contra o novo coronavírus pôs a Itália na assustadora condição de campeã de contaminados e mortos, ultrapassando a China. Na quinta-feira 19, eram 41 035 casos confirmados e 3 405 mortes, e o governo, além de fechar fronteiras, isolou os italianos em casa. De início, o sentimento predominante era de

desconfiança. O passageiro de um ônibus que disse, ao celular, que não dormia fazia 24 horas foi interpelado por outro, agressivo, querendo saber de onde ele vinha. Agora, há angústia. Em Bergamo, cidade da Lombardia — a província ao norte mais afetada pela epidemia —, todos os moradores conhecem ao menos uma pessoa contaminada. “Aqui, ninguém mais quer sair na varanda para cantar”, escreveu o jornalista Davide Agazzi, referindo-se aos vídeos de vizinhos nos balcões dos prédios, em coro improvisado. “A tristeza começa a impedir que a gente levante a cabeça.”

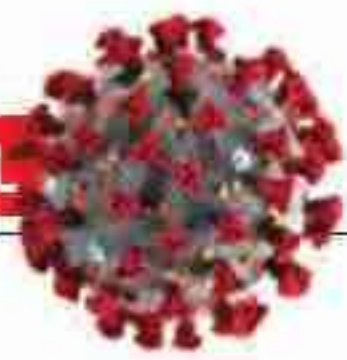
O fluxo de novos infectados na cidade, sobretudo idosos, não para. Na falta de leitos em hospitais, os doentes são acomodados em macas dentro de barracas cedidas pela Cruz Vermelha. Muitos precisam de atendimento de urgência, mas as 5 300 unidades de terapia intensiva e semi-intensiva estão lotadas. “Os dados sobre pacientes em UTI são enganosos. Parece que o crescimento está desacelerando, mas é porque não há vagas. Aqueles com poucas chances de melhora são deixados para morrer”, escancarou o prefeito Giorgio Gori. Enterros estão proibidos, e os caixões se aglomeram nos cemitérios.

O medo tomou conta do sul, ainda menos contaminado, mas onde os hospitais também já não estão dando conta. Antes mesmo que o governo decretasse o isolamento total, Vincenzo de Luca, governador de Campânia, região que tem Nápoles como capital,



FOTOS: SALVATORE LAPORTA/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES; FLAVIO LO SCALZO/REUTERS

**NOVA ROTINA** Nápoles vazia (à esq.) e doente sendo atendido em maca: a ordem é não sair de casa para tentar conter a proliferação do microrganismo



**BÊNÇÃO ON-LINE** O papa diante da Praça de São Pedro vazia: as orações agora são eletrônicas

pôs seis das oito cidades — cerca de 6 milhões de pessoas — na chamada “zona vermelha”. Isso quer dizer que os moradores só saem à rua se tiverem uma justificativa. Policiais circulam em viaturas, prontos para interpellar quem se arrisca. Pedem documentos, e quem não tiver uma boa razão para estar fora poderá pegar multa de 200 euros e até ser preso.

A pequena Ariano Irpino, de 22 000 habitantes, a 120 quilômetros de Nápoles, está na zona vermelha. A farmácia de Alessandra Padula permanece aberta, porém com o balcão na porta e os clientes na rua. Um morador de seus 60 anos compra uma máscara, artigo raro que custava 7 euros e hoje chega a 20. “Na guerra falta pão. Essas máscaras são como pão”, filosofou Alessandra. De rosto coberto e cabeça baixa, o senhor entrou na única igreja ainda aberta e ajoelhou-se, sozinho. As missas estão proibidas, o papa Francisco agora reza o Angelus diante da praça deserta e as comemorações da Páscoa no Vaticano não terão público. Em meio ao vazio, a vida segue. As crianças têm aulas via smartphone, e há pais dizendo que elas nunca estudaram tanto. “Fechados em casa, cuidamos cada um de si e de todos ao mesmo tempo”, afirma a brasileira Beatriz de Bona, de 29 anos, que mora há três na cidade. “É um momento preocupante, mas belo na solidariedade.”

A França, com 9 058 casos confirmados (1 097 só na terça-feira 17) e 243 mortes, também fechou a população atrás das portas. O monitoramento é feito por 100 000 policiais — e a multa por desobediência é de 135 euros. “A França está em um ponto crítico, rumo à situação da Itália. Preparei minha equipe para uma maratona de três semanas”, dizia, na segunda-feira 16, o



VATICANO/AFIP

médico e professor de epidemiologia William Dab. O governo suspendeu o pagamento das contas de luz e celular e dos aluguéis e preparou um pacote de 300 bilhões de euros em crédito para as empresas paradas. Antes dela, a Espanha implantou o confinamento em todo o país, que tem 17 395 casos e 803 mortes. Em caráter de emergência, retirou a autonomia, em questões de saúde e segurança, do País Basco e da explosiva Catalunha, com os previsíveis protestos locais. A mulher do primeiro-ministro Pedro Sánchez, Maria Begoña, testou positivo (da mesma forma

**CONTROLE** Ciclista protegido em Madri: multas altas para quem sai à rua sem uma justificativa



GUILLERMO SANTOS/LIGHTROCKET/BETTY IMAGES



FRANCO ORIGLIA/BETTY IMAGES

**CORRENTE DO BEM** Mensagens nas janelas: a população se une à luta

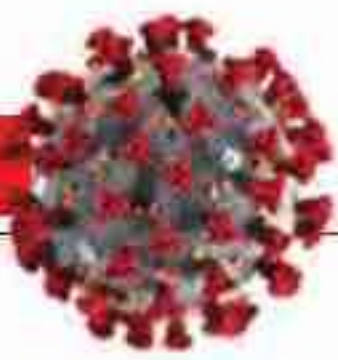


que a mulher do canadense Justin Trudeau, Sophie, que aparentemente transmitiu o vírus para o ator Idris Alba, com quem posou em uma cerimônia em Londres). As multas são salgadas: vão de 600 a 30 000 euros.

O primeiro-ministro britânico Boris Johnson, aproveitando o número relativamente baixo de casos (2 644) e mortes (103), tentou uma tática diferente: não fechou nada, concentrou o isolamento nos grupos de maior risco — idosos e doentes crônicos — e calculou que, se 60% dos britânicos fossem contaminados, o país estaria imunizado contra a Covid-19. Na terça-feira 17, a divulgação de um estudo do Imperial College que prevê mais de 500 000 mortes até agosto

causou uma reviravolta. Johnson pediu à população que evite sair de casa, fechou as escolas e alertou os londrinos para a provável decretação de isolamento forçado nos próximos dias. Medidas semelhantes rondam a Alemanha, que tem grande quantidade de casos confirmados (13 979), mas baixíssima taxa de mortalidade (0,26%, ou 42 pessoas). A brasileira Julia Velloso, estudante de engenharia elétrica em Karlsruhe, a 150 quilômetros de Frankfurt, diz que a proibição de sair de casa é esperada a qualquer momento e que faltam produtos nos mercados. “Eu fiz meu estoque de macarrão”, conta, em tom de alívio. Na Europa paralisada, até o sacrossanto ato de comer bem deixou de ser garantido. ■





BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

**DERROTA DA ARROGÂNCIA** Trump: a insistência inicial em minimizar o perigo foi abandonada, mas o estrago estava feito

# O INIMIGO NÚMERO 1

A reação atrasada e atrapalhada e o aumento constante de vítimas fazem do novo coronavírus o maior adversário de Trump na eleição de novembro **DENISE CHRISPIM MARIN E AMANDA PÉCHY**

**REAGIR** a situações de emergência nunca foi o forte de Donald Trump, e desta vez não aconteceu diferente: o presidente americano custou a engatar a primeira no combate ao novo coronavírus. Enquanto a Ásia testava populações e isolava cidades, ele insistia que nos Estados Unidos o problema estava sob controle. “Dizem que em abril, quando esquentar um pouco, ele irá embora, como em um milagre”, disparou há mais de um mês. Só sete semanas depois de o primeiro caso de contaminação ser registrado, em Seattle, na Costa Oeste, Trump acordou para a urgência de ações tanto para conter a

disseminação do novo vírus quanto para estancar o derretimento das bolsas de valores. O custo do atraso foi alto neste ano eleitoral. A desaprovação a seu governo subiu 2 pontos, as intenções de voto em seu nome ficaram abaixo dos 45% e só 37% confiam no que ele diz sobre a pandemia. No momento em que Joe Biden se firma como candidato democrata à Presidência, o real adversário de Trump na eleição de 3 de novembro é o vírus.

Quando a Casa Branca decretou emergência nacional, na sexta-feira 13, os governadores de trinta dos cinquenta estados americanos já haviam toma-

do a iniciativa, os mortos eram quase 100 (147 na quinta-feira 19) e o número de infectados chegava a 5 000 (8 317 agora). O presidente e o Congresso puseram em marcha um pacote de estímulos de 1 trilhão de dólares (a primeira parte está contida em um projeto de lei que Trump até cogitou atrapalhar, para não dar o braço a torcer a sua inimiga democrata Nancy Pelosi, presidente da Câmara, mas acabou cedendo). Depois de muito pé atrás, fez ele mesmo o teste (negativo), por ter tido contato com vários infectados, inclusive os da comitiva de Jair Bolsonaro em Miami. Firme na sua realidade parale-



EVAN VUCCI/AP

**OS RIVAIS** Toque de cotovelos no debate: Biden (à esq.) disparou na frente de Sanders nas mais recentes primárias

la, lembrando um colega presidente mais ao sul do continente, apregouou que sempre soube que a coisa era feia.

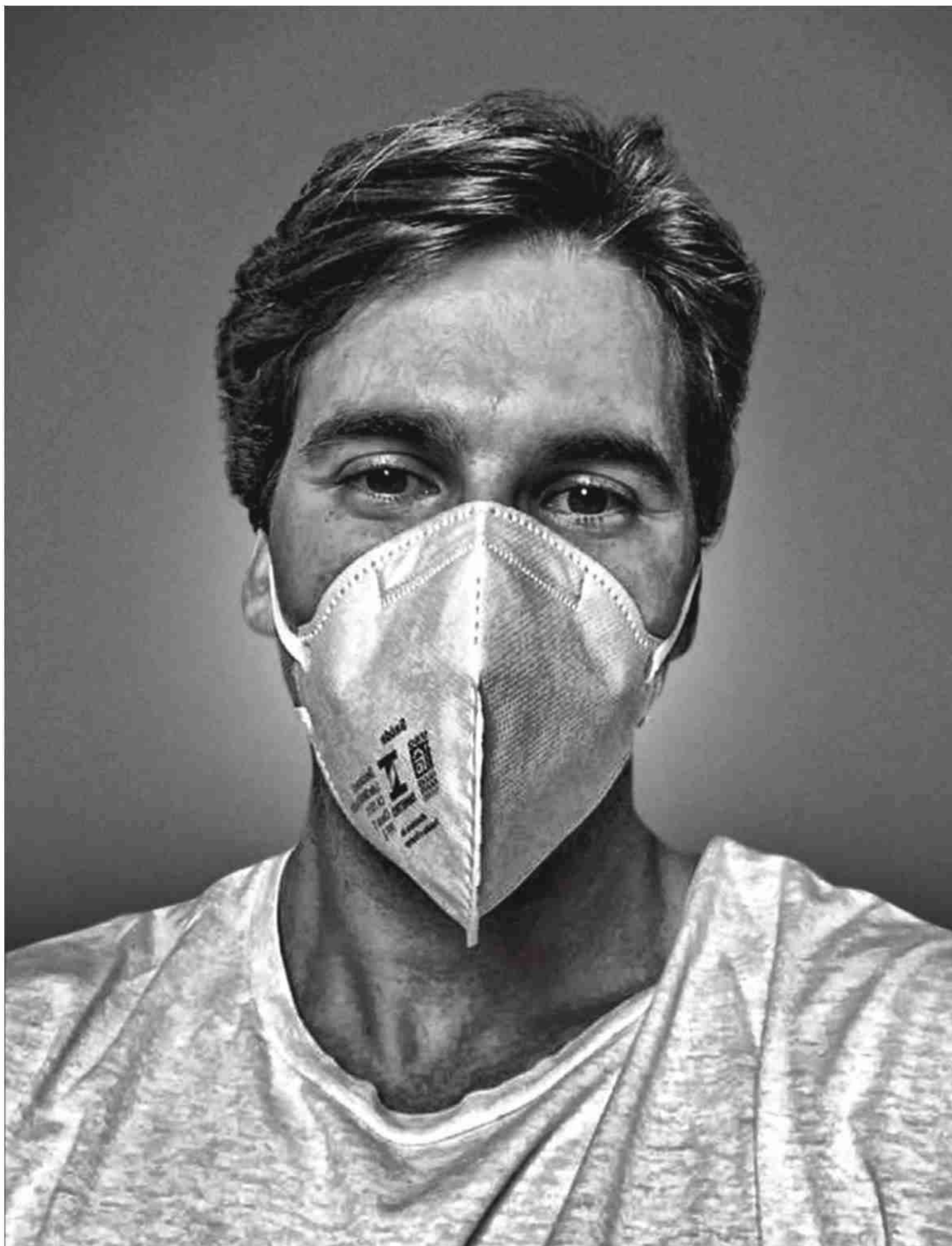
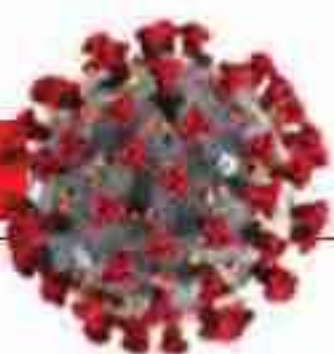
A epidemia, que começou na Costa Oeste, atravessou o país, está presente em todos os estados e aportou com ferocidade em Nova York e arredores. Teatros da Broadway, museus e escolas estão fechados, bem como o comércio (com a exceção de mercados e farmácias), bares e restaurantes, onde só funcionam os serviços de entrega. Os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDCs) projetam a infecção de 49% a 65% da população dos Estados Unidos e, na hipótese mais apocalíptica, a morte de 1,7 milhão de pessoas. “A verdade é que não fazemos ideia do tamanho real da epidemia. Só sabemos que não temos capacidade para atender a todos que precisam de suporte respiratório e ventilação. O sistema de saúde está no osso”, disse a VEJA Su-

san Foster, professora de saúde pública da Universidade de Boston.

Também cai na conta do governo a escassez de testes para confirmar a infecção pelo novo coronavírus. Os primeiros kits apresentaram defeito. Por ordens de cima, os CDCs recusaram os testes da Organização Mundial da Saúde, e a autorização de novos fornecedores custou a sair. Em meados de março, nos Estados Unidos, apenas 125 pessoas em cada milhão estavam sendo testadas — na Coreia do Sul, modelo de prevenção, eram mais de 5 000 testes por milhão. Com essa questão ainda por resolver, Trump proibiu o pouso de voos vindos de países da Europa e de outras regiões, fechou a fronteira com o Canadá e considera fazer o mesmo com a do México. Na quarta-feira 18, o governo ordenou que navios-hospital militares se dirigissem a Nova York e à Costa Oeste e lançou

mão de uma lei especial para obrigar empresas a fabricar respiradores.

A perspectiva de recessão e de 25 milhões de desempregados — que o FED, o banco central americano, tentou combater baixando os juros a quase zero — abala, claro, a chance de Trump se reeleger em novembro. As últimas três primárias deram a Joe Biden uma larga dianteira sobre Bernie Sanders — situação que o debate de domingo 15, em que os dois se cumprimentaram com os cotovelos, em nada mudou. O destrambelhamento de Trump foi o tema central do debate, solidificando a possibilidade de a disseminação do novo coronavírus acabar agindo a favor de Biden. Trump rebateu orientando o Tesouro a enviar dois cheques a cada americano, em abril e maio (a medida ainda precisa passar pelo Congresso). Tem presidente mais bonzinho? ■



AUTORRETRATO



# QUERO ABRAÇAR MINHA MÃE

O empresário Ueze Zahran Stamatis, de 27 anos, fala sobre o isolamento após o diagnóstico de Covid-19



**TIVE OS PRIMEIROS** sintomas de infecção por coronavírus na quarta-feira 11. Passava um pouco da 1 da manhã quando desliguei o videogame e tentei dormir, mas não consegui. Sentia dor no corpo, tinha coriza e uma febre que me fazia bater os dentes. Parecia uma gripe, como as outras que já tive. Não conseguia me levantar da cama. Algumas horas mais tarde, minha mãe apareceu na porta do quarto, me deu uma máscara e pediu que eu procurasse um hospital. Fui até o Hospital Albert Einstein, mas, como estava lotado, com dezenas de pessoas em situação parecida com a minha, fui atendido só depois de cerca de cinco horas. Fiz o exame específico para coronavírus e *influenza* — puseram um coletor no meu nariz e na minha garganta. Após o teste, a médica disse que eu poderia voltar para casa, desde que ficasse em total isolamento.

Recebi o diagnóstico positivo 26 horas depois, e desde então não saí do meu quarto, de pouco mais de 20 metros quadrados. Moro com minha família e a cadela golden retriever Nalu no bairro do Brooklin, em São Paulo. Penso em coronavírus o dia inteiro e tenho medo de começar a sentir falta de ar porque disseram ser muito forte. Mesmo assim, tento ficar tranquilo. Passo os dias jogando videogame (principalmente jogos de tiro, como o *Call of Duty*, para descontar a raiva) e comecei a ler o livro *F\*deu Geral*, do mesmo autor de *A Sutil Arte de Ligar o F\*da-se*. Dou graças a Deus, porque já gostava de passar um tempo no videogame. Também aproveitei para fazer um pouco de home office e organizar meus e-mails de trabalho — sou sócio de uma corretora de seguros. No final da semana passada, acordei, vi que o céu estava lindo e só conseguia pensar: “Que ódio, não vou poder sair daqui”. Senti saudade até da faculdade.

Também ocupo meu tempo respondendo às mensagens que enviam para mim nas redes sociais. Falo sobre o coronavírus no Stories do Instagram e já cheguei a cronometrar

uma nova mensagem a cada cinco segundos. Tenho cerca de 9 000 não lidas, recebo perguntas (já pediram até que eu explicasse o que é coriza) e recados solidários de gente que nunca vi na vida.

Um dia desses estava gravando um vídeo na varanda compartilhada entre os quartos da casa e vi minha mãe a uma distância de 5 metros. Disse a ela: “É bom ver o seu rosto”. Minha mãe é quem traz o almoço e o jantar para mim no quarto. Sempre que tenho fome, aviso pelo FaceTime. Assim que ela bate à porta, esterilizo as mãos, ponho a máscara, abro a porta (nessa hora ela já não está mais lá) e pego a comida. Depois de me alimentar, volto a passar álcool em gel nas mãos, jogo um spray desinfetante no que sobrou e deixo do lado de fora do quarto. Assim que acabar o tempo de isolamento, quero dar um abraço na minha mãe e no meu pai. Quero muito viajar para visitar minha namorada, que mora em Campo Grande e também foi infectada pelo coronavírus. Combinamos assistir juntos à série *Peaky Blinders*, na Netflix.

Acho que tive contato com a doença quando fui deixá-la no aeroporto, depois de uma viagem que fizemos com amigos ao Rio de Janeiro. Pessoas que se encontraram comigo na faculdade e em reuniões sociais enviaram mensagens, algumas preocupadas, outras brincando, porque teriam de fazer home office por minha culpa. Ouvi dizer que, por apresentar sintomas leves, eu não deveria ter procurado o hospital, mas moro com pessoas mais velhas e pensei nelas. Sou jovem, estou ótimo, para mim não há problema, isso tudo logo vai passar. Dentro de casa, acompanho o que corre pelo mundo e posso dizer: é hora de manter a calma, ter cautela e, claro, cultivar o bom humor, se possível.

Depoimento dado a Mariana Rosário

# O BRASIL QUE N

## A TODO O VAPOR

Locomotiva: trem da Transnordestina percorre trecho concluído das obras



JONNE RORIZ

# ÃO PODE PARAR



Cruciais para o país, obras como a Ferrovia Transnordestina são a aposta para o desenvolvimento a longo prazo – e o governo precisa facilitar sua conclusão em vez de criar insegurança e entraves jurídicos

**VICTOR IRAJÁ,**

de Juazeiro do Norte (CE)

**D**oidos de ler são os trechos da obra *O Quinze*, da romancista Rachel de Queiroz, que narram a tenebrosa seca vivida pelo sertão nordestino em 1915: “Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarada nudez das latas raspadas”. Na época, o epicentro do drama descrito na obra ocorreu numa localidade chamada Cedro, então parte da maior fazenda do Ceará. Um ano depois da seca narrada por Rachel, a área foi cortada pela ferrovia que ligava o sertão à capital, Fortaleza, e o lugarejo, já transformado em cidade, se expandiu como polo exportador de grãos e de bovinos. Mais de 100 anos depois, os trens caíram no ostracismo no interior cearense e o município segue pobre, com uma população de 25 000 habitantes. Nos últimos anos, entretanto, a cidadezinha voltou a sonhar com o progresso — e essa esperança passa pelos mesmos trilhos que deram vazão à fase de ouro do povoado. “Somos tão pobres que qualquer atividade que gere 100 ou 200 empregos é suficiente para movimentar nosso comércio e



JONNE RORIZ

**DEMOLIÇÃO** Missão Velha: operários abrem terreno para a passagem da Ferrovia Transnordestina, no Ceará

impactar a economia local”, explica o prefeito da cidade, Francisco Nilson Diniz (PDT-CE). Hoje, Cedro está na rota da Ferrovia Transnordestina, uma das maiores obras de infraestrutura atualmente em curso no país e que deve conectar o sertão nordestino ao mar. Mesmo que ainda distante, a prosperidade fica mais próxima a cada quilômetro de trilho reaberto.

Retomadas em setembro do ano passado, depois de ficarem três anos paradas por uma decisão do Tribunal de Contas da União (TCU), as obras da ferrovia têm mudado a vida dos nordestinos. A caminhoneira Jucileide Siqueira Campos passou nove meses desempregada, em decorrência dos fretes minguados na região. No canteiro, próximo à cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, ela atuou na remoção dos pedregulhos implodidos que darão passagem à estrada de ferro. Aos 49 anos, Jucileide comemora novas oportunidades com o entusiasmo de quem está em iní-

cio de carreira. “Dirigir caminhão está no sangue da minha família — meu pai também fazia isso. E, graças a essa obra, consegui comprar um carro e ajustar minha vida”, diz, emocionada.

Num esforço hercúleo, a Ferrovia Transnordestina teve suas obras retomadas no fim do ano passado com o objetivo de ligar as áreas dedicadas à mineração e à agropecuária nos rincões do Ceará, do Piauí e de Pernambuco aos portos de Pecém (CE) e Suape (PE). São 1.753 quilômetros de brita, dormentes e trilhos assentados em áreas abertas a dinamite e golpes de máquinas gigantes no terreno pedregoso e ressequido (a reportagem de VEJA testemunhou o dia a dia desses trabalhadores e a magnitude do trabalho). Desses, 600 quilômetros já foram entregues, entre o interior do Piauí e o

**EMPREGO** Jucileide: depois de nove meses sem trabalho, a caminhoneira conseguiu comprar um carro

JONNE RORIZ



Ceará. Uma vez concluída em meio ao agreste, a estrada de ferro escoará 30 milhões de toneladas de carga — o que pode tornar a região um importante polo exportador de frutas e grãos.

Se o desafio de engenharia é grande, o custo é proporcional: 13 bilhões de reais. O problema é que, apesar de todos os recursos aplicados desde 1998, ainda faltam 6,8 bilhões de reais para a conclusão, e a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) não está contente com o andamento das obras. Os atrasos e os estouros de orçamento levaram a ANTT a ameaçar o rompimento do contrato de concessão da Transnordestina Logística (TLSA), uma subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), responsável pela construção e operação do projeto. A agência exige que a concessionária apresente novos orçamentos para o término da empreitada, inicialmente estimada em 6 bilhões de reais. As obras são na maior parte financiadas pelo BNDES e pelo Fundo de Desenvolvimento do Nordeste. Em 11 de março, a ANTT pediu à União a caducidade do contrato. A TLSA, segundo seu presidente, Jorge Mello, negocia sua permanência. A questão é que, uma vez parada, a obra implicará a demissão imediata de 1.200 pessoas, em uma região de empregos escassos, e o adiamento indefinido no cronograma de conclusão, previsto para 2027.

Poucos grandes projetos estão em andamento atualmente no Brasil. Além da Transnordestina, há duas ferrovias a ser retomadas ou construídas. A Norte-Sul tem prevista uma nova etapa de obras, com cerca de 3.000 quilômetros, sendo que os extremos Sul e Norte ainda não foram licitados. A outra empreitada de porte é a Ferrogrão, de 933 quilômetros, entre Mato Grosso e Pará. Esta ainda está em consulta pública.

## X CAMINHOS DE FERRO

As principais construções ferroviárias do país prometem ligar todas as regiões e consolidar o modal como alternativa aos caminhões



### 1 TRANSNORDESTINA

**Extensão:** 1 753 quilômetros  
**Ligação:** Piauí a Ceará e Pernambuco  
**Andamento:** 600 quilômetros construídos  
**Potencial de escoamento:** 30 milhões de toneladas (ano)  
**Investimento: 13 bilhões de reais**

### 2 NORTE-SUL

**Extensão:** 4 500 quilômetros  
**Ligação:** Tocantins a São Paulo  
**Andamento:** 1 575 quilômetros construídos  
**Potencial de escoamento:** 68 milhões de toneladas (ano)  
**Investimento: 18,8 bilhões de reais**

### 3 FERROGRÃO

**Extensão:** 933 quilômetros  
**Ligação:** Mato Grosso ao Pará  
**Andamento:** consulta pública  
**Potencial de escoamento:** 42 milhões de toneladas (ano)  
**Investimento: 16 bilhões de reais**

Depois de três anos de crescimento pífio após uma recessão, as deficiências em infraestrutura são crônicas. E os novos entraves para a economia evocados pela pandemia de coronavírus cobram um pensamento estratégico de longo prazo. Obras em infraestrutura, cujos investimentos do governo federal ainda são preponderantes devido à magnitude dos projetos, tornam-se cruciais para que o país se desenvolva. E, com o peso das commodities na economia, esse caminho passa pelo transporte ferroviário, muito mais eficiente e competitivo para esses produtos.

A renovação e ampliação da malha ferroviária brasileira, com a construção de terminais modais conectados ao sistema, é um passo estratégico para o país. No passado, o alto custo de manutenção aliado à opção pelo transporte rodoviário levou ao sucateamento da estrutura que existia e abortou novos projetos no setor. Hoje, qualquer investimento nessa área é altíssimo e demora para gerar receitas. Isso não torna as ferrovias um mau negócio. A maior empresa do setor, a Rumo, do grupo Cosan, teve crescimento de 6% no volume de carga em 2019 em relação a 2018 e lucro de 800 milhões de reais, três vezes mais que o obtido no ano anterior. O dilema atual está em estruturar um modelo capaz de estimular o setor privado a assumir a construção e operação de novas linhas férreas. O governo mais atrapalha do que ajuda porque, além de não colocar dinheiro, provoca insegurança jurídica. “Há um excesso de regulamentação que engessa a atuação privada e compromete a competitividade das operações”, diz Cláudio Frischtak, da consultoria Inter.B. Pois, enquanto isso não avança, o país perde oportunidades de incrementar suas exportações, e cidades como Cedro correm o risco de ficar estagnadas para sempre. ■



GENTE

## A SOLIDÃO DO PALCO

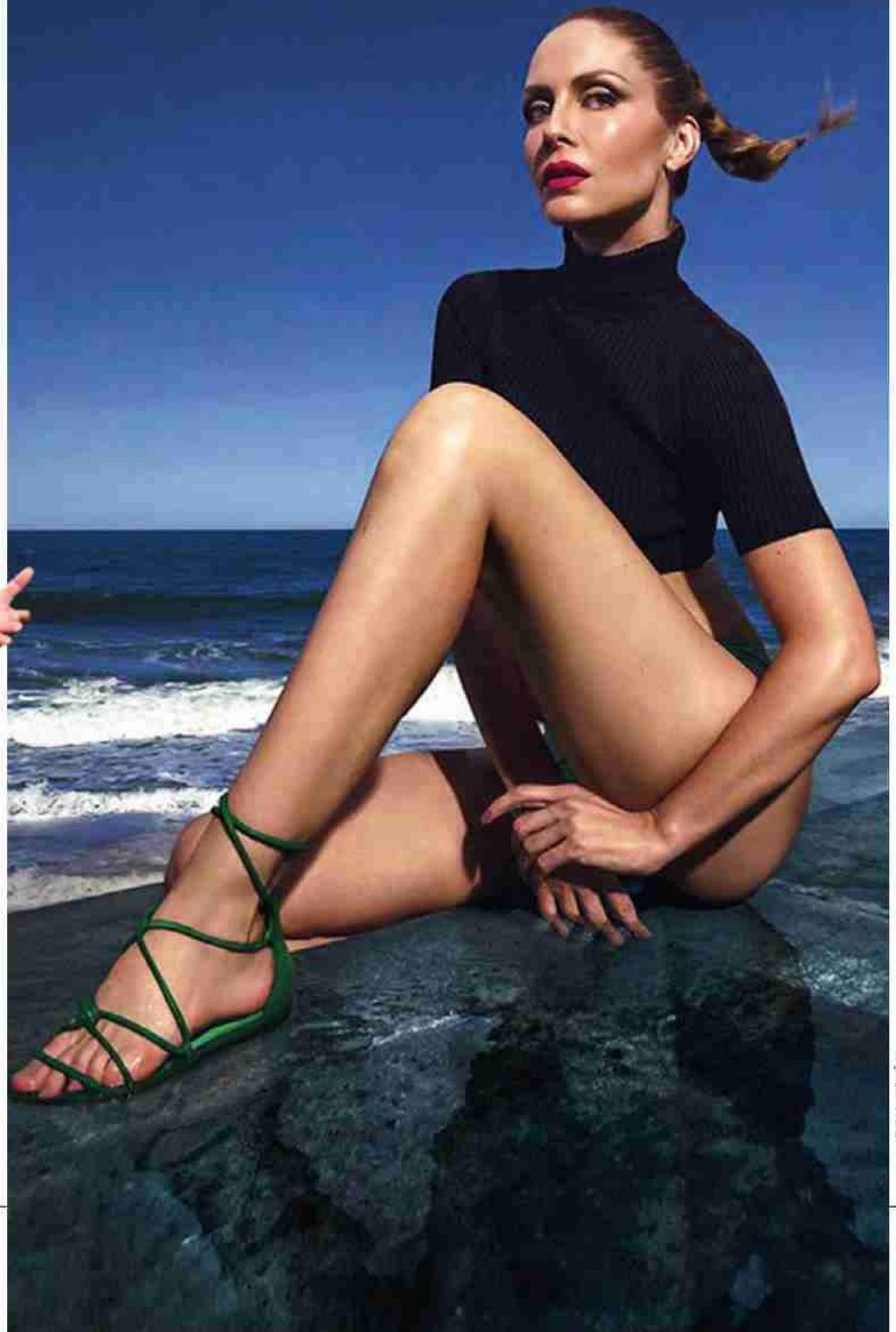
Com 31 anos de programa de auditório só na Rede Globo, **FAUSTÃO** passou por um momento inédito em sua carreira de apresentador. Uma norma da casa adotou a medida de não haver plateia no *Domingão do Faustão*. A decisão, evidentemente, visa a conter a proliferação do coronavírus e atinge o DNA da atração dominical, que conta com a participação do auditório e interage com o público. Faustão disse a VEJA: "Claro que foi estranho um auditório vazio, especialmente para os cantores. Mas a informação correta e a conscientização da população, assim como a solidariedade dos jovens para com os velhos, são armas essenciais para diminuir os efeitos do coronavírus. E a televisão tem uma função extraordinária na prestação de serviço público num país tão carente como o nosso". Não há previsão de retorno ao formato tradicional.



SELMY YASSUDA/REDE GLOBO

## A BELA DOUTORA

Uma das modelos mais prestigiadas do Brasil, com mais de 100 capas de revistas internacionais e campanhas para Versace e Givenchy, **ANA CLAUDIA MICHELS** formou-se em medicina e hoje estuda para a residência de clínica geral. Assim como todo o país, ela está preocupada com a pandemia de coronavírus – e usa sua notoriedade e conhecimento técnico para disseminar informações corretas. "Vendo *fake news* circulando, eu me senti na obrigação de abordar o assunto", diz. Ana Cláudia afirma que a orientação de ficar em casa não pode ser negociada. "É assim, e ponto." Ela conta que idosos estão indo a postos de saúde exclusivamente para obter esclarecimentos. "As pessoas precisam passar as informações corretas para que eles não se exponham em ambiente contaminado", explica.



DIVULGAÇÃO



JOÃO BATISTA JR.



JOÃO COTTA/REDE GLOBO

## VALE A PENA VER DE NOVO

A Globo suspendeu as gravações de todas as suas novelas, entre elas *Amor de Mãe*, estrelada por **ADRIANA ESTEVES**, **REGINA CASÉ** e **TAÍS ARAÚJO**. Será um baque para os fãs da trama, mas compreensível diante da crise sem precedentes. A direção da emissora, com o aval de Silvio de Abreu, decidiu pôr no lugar a reexibição de *Fina Estampa*, novela de Aguinaldo Silva que foi ao ar entre 2011 e 2012. A decisão pegou muitos de surpresa, afinal Silva foi desligado recentemente da Globo. Ele não deve receber royalties, pois o contrato cedia os direitos sobre todo o material produzido quando integrante do elenco da casa. A Globo afirma que, caso a situação se normalize em dois meses, *Fina Estampa* – originalmente exibida ao longo de sete meses – terá uma versão compacta (mas com começo, meio e fim).



INSTAGRAM @LUDMILLA

## DO FUNK AO PAGODE

No auge da carreira como funkeira, com 1,6 bilhão de visualizações de suas músicas no YouTube, **LUDMILLA** decidiu inovar. Ela lança em abril um EP apenas com canções de pagode, que traz composições inéditas e algumas releituras. Não se trata de uma mudança definitiva de estilo. Ludmilla seguirá cantando funk. Mudança mesmo na carreira de Lud, como é conhecida, é que ela passou a ser agenciada por Renato Araújo, namorado de sua mãe e ex-segurança de Anitta. Ludmilla é a artista negra brasileira com mais seguidores no Instagram: 20,9 milhões.



ALAN SANTOS/PR

## VÍRUS NÃO TEM ZIP CODE

O artista plástico **ROMERO BRITTO** recebeu Jair e Michelle Bolsonaro em seu ateliê em Miami para mostrar duas obras que fez em homenagem ao casal presidencial. VEJA conversou com ele.

**Como foi o encontro?** Ao abrir espaço em uma agenda tão atribulada para vir ao meu ateliê, o presidente deu mostras de valorizar a arte feita por brasileiros. Bolsonaro ia passar quinze minutos, mas ficou mais de uma hora. A visita ocorreu porque fui convidado pela Embratur para ser embaixador do turismo no Brasil. Faço esse trabalho como um serviço voluntário, não é remunerado. Eu amo o Brasil.

**O presidente e a primeira-dama gostaram do quadro que o senhor fez?** Ele e a Michelle gostaram muito. É um direito democrático um artista poder se expressar. Bolsonaro foi eleito pela maioria do povo, o Brasil o escolheu. A homenagem é natural. O quadro dele já está pronto. A obra da Michelle está sendo finalizada.

**Como o dólar em alta e o coronavírus afetarão o mercado de arte?** O momento não é ruim apenas para o mercado de arte. O medo é o item mais perigoso agora, com gente sem sair de casa e estocando coisas como comida. Vejo tudo como um momento de reflexão da vida. Vivemos em comunidade. Um vírus no mundo globalizado, com as pessoas interconectadas, não tem *zip code* (CEP). Ele não escolhe endereço, está em todos os lugares. ■

# CELEBRIDADES DIGITAIS (MESMO)

Elas têm milhões de seguidores, fazem campanhas, gravam músicas, falam sobre sexo, mas na verdade não existem no mundo real: são robôs criados em computador

ANDRÉ LOPES

## BELEZA VIRTUAL

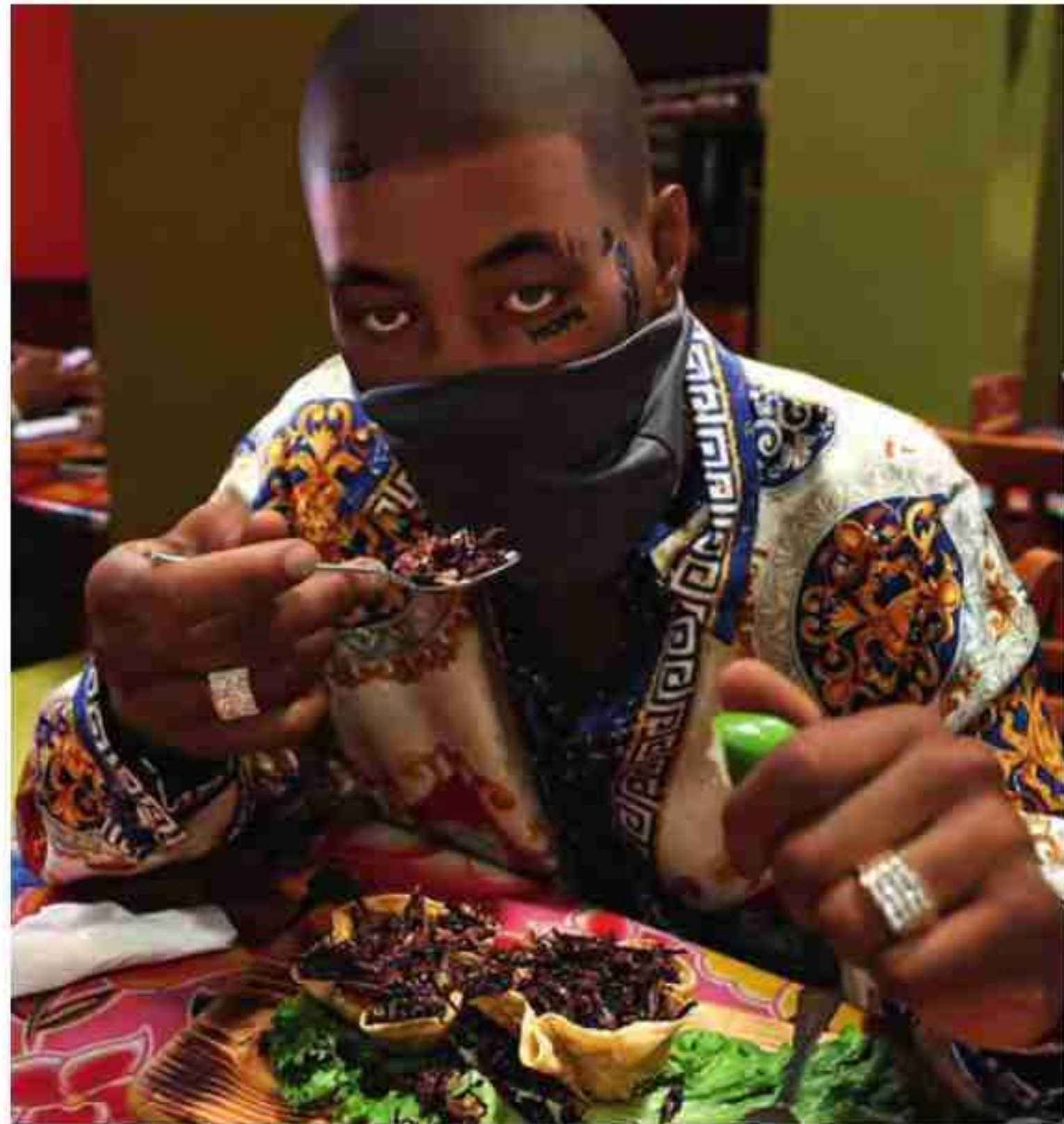
A "americana"  
Lil Miquela:  
propaganda de  
grifes e defesa  
de causas sociais



INSTAGRAM @LILMIQUELA



INSTAGRAM @IMMA.GRAM



INSTAGRAM @BLAWKO22

**CORPOS EM 3D** A modelo Imma, de "origem japonesa", e seu "colega de profissão" Blawko22, afrodescendente da Califórnia: traços perfeitos e atuação como youtuber

“**E**stou superagradecida por minha primeira experiência com o amor ter sido com alguém que se importava comigo de todo o coração. E, mesmo com o colapso e a separação embaçosa que se seguiu, parece que avançamos.” A declaração — emotiva, mas que também exprime maturidade — faz parte de um post publicado no início deste mês pela influenciadora digital californiana Lil Miquela, de 22 anos, em seu perfil no Instagram. A mensagem, dirigida a seus 2 milhões de seguidores, tinha por objetivo anunciar o fim do namoro da moça com um certo Nick. Não é novidade, claro, que celebridades venham a público falar da vida pessoal. No caso de Lil Miquela, no entanto, há uma particularidade. Ela não é de carne e osso — só existe no maravilhoso mundo virtual. Trata-se de um robô criado em computador graças aos extraordinários avanços da inteligência artificial (IA).

Como assim? E as selfies que inundam suas redes sociais? Simples: não são verdadeiras. E as fotos posadas ao lado de famosos? Resposta: jamais ocorreram em qualquer ponto do território terrestre. E a história de que sua família é metade brasileira e metade espanhola? Pura ficção. Lil Miquela é a mais fulgurante das celebridades virtuais, porém com fama e “influência” ao redor do planeta bastante palpáveis.

Ela estreou no Instagram em abril de 2016 e, durante meses, gerou uma série de especulações, principalmente em razão do fato de que seu rosto nunca aparecia focado de forma nítida pelas lentes das câmeras fotográficas. As teorias conspiratórias não demoraram a ser desenvolvidas por muitos que perceberam que aquela não era uma pessoa de verdade — sim, nem sempre isso fica evidente para os fãs, e é preciso reconhecer que seus idealizadores capricharam na hora de provocar a “confusão”. Houve quem apostasse em uma “jogada de marketing” do *The Sims*, série de jogos eletrônicos

que simulam a vida real. Outros diziam acreditar que Lil Miquela estava a serviço de algum misterioso experimento social. Não demorou, entretanto, a ficar evidente a que ela vinha: Lil Miquela surgiu para cumprir o papel de garota-propaganda. Nas fotos que publica no Instagram, ela sempre aparece usando roupas de grife como Prada, acessórios da Chanel e sapatos Dior. Nada mais *it girl*. Lil Miquela já gravou hits como *Not Mine*, que viralizou no Spotify, dá dicas de restaurantes e viagens, e usa a web para apoiar causas sociais, como o movimento Black Lives Matter (campanha de denúncia da violência policial contra afrodescendentes nos Estados Unidos) e a organização Black Girls Code, que oferece aulas de programação e robótica a jovens negras. Tudo isso borra as fronteiras entre o mundo real e o virtual. Até hoje nunca ficou claro se Lil Miquela tem partes de seu corpo adaptadas do corpo de mulheres deslumbrantes — e verdadeiras.

No universo em que Lil Miquela circula também cintilam outros modelos



SAMSUNG/DIVULGAÇÃO

digitais de sucesso, como a delicada Imma e o despojado Blawko22. A primeira é apresentada como uma jovem japonesa que, segundo ela mesma, “pode desfrutar a mais alta tecnologia de simulação virtual”. Suas fotos, não se duvida, esbanjam realidade. Imma tem, atualmente, 175 000 seguidores. Blawko22, modelo negro “nascido” na Califórnia, se destaca por ir além das fotografias. Ele também é youtuber. Em seu canal, discute comportamento, corpo e sexo — já fez, inclusive, um vídeo sobre “como contar a seus pais que você se sente atraído por robôs”.

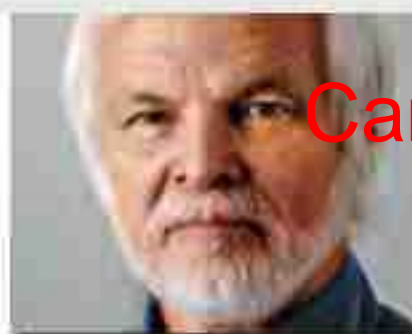
Lil Miquela e Blawko22 são “assessorados” pela mesma “agência”, a Brud, que na verdade é uma empresa de tecnologia do Vale do Silício envolvida em uma aura de segredos. Seu site, por exemplo, traz apenas um docu-

mento, no qual a Brud se descreve como “um grupo de solucionadores de problemas em robótica, inteligência artificial e seu uso para empresas de comunicação”. Em janeiro do ano passado, o site especializado em tecnologia TechCrunch informou que os criadores de Lil Miquela haviam conseguido 125 milhões de dólares do fundo Spark Capital, que investe em startups.

O negócio com “pessoas digitais” já despertou a atenção de grandes companhias. Um projeto chamado Neon, por exemplo, da Star Labs, subsidiária da Samsung, apresentou, no início deste ano, os “humanos artificiais”, como a empresa chama os avatares gerados por computação gráfica em tempo real, dotados de IA e capazes de entender o contexto das interações de que participam. A proposta, segundo o gi-

gante sul-coreano, é criar “representantes de serviços, consultores financeiros, profissionais de saúde ou concierges”. Com o tempo, eles também estarão aptos a substituir “âncoras de TV, atores, porta-vozes ou mesmo ser nossos amigos e companheiros”. A ideia é oferecer ao público uma interface mais humana, que tenha expressões genuínas, consiga demonstrar emoções e até reagir diante de determinadas situações — uma sala de conferências cheia de gente como a gente, para citar uma possibilidade. O próprio nome Neon é uma espécie de acrônimo de “NEO human”, ou “novos humanos”.

Quando se estuda o impacto provocado por criaturas virtuais como essas esbarra-se, invariavelmente, em um sentimento: temor. Ele é explicado pela teoria do “Vale da Estranheza”, desen-



## É PRECISO COMBATER O ATRASO

Infelizmente, o Brasil velho sobrevive nas franjas da sociedade

**PARA SABER** quão rico é um país, basta somar o que cada um de seus habitantes ganha (ou produz). Chegamos ao PIB. Sucesso, pois somos a nona economia do mundo. Mas, para conhecer a qualidade de vida do povo, agora é hora de dividir o PIB pelo tanto de gente que há no país. Insucesso, pois estamos em 74º lugar no PIB per capita. Infelizmente, essa segunda medida é muitíssimo mais relevante.

E o que determina o PIB per capita? Simplificando, heroicamente, depende do que se investe e da produtividade dos que trabalham. Vamos nos concentrar na produtividade. Ela é definida como o valor que a força de trabalho gera por hora (ou dia, ou ano). Outra notícia ruim: nossa produtividade é baixa e está estagnada há mais de um decênio — enquanto sobe a de nossos concorrentes. Somos vítimas do maldito “custo Brasil”, resultado de gargalos de infraestrutura e de um governo intrometido e punitivo. Para ilustrar: foi chamado à sede de uma multinacional americana o diretor de sua filial brasileira. Por que, no Brasil, havia 25 funcionários para pagar impostos, enquanto lá eram apenas cinco?

A improdutividade começa dentro das empresas. Admitamos, muitas companhias de primeira linha estão altamente preocupadas com a produtividade. Isso nos mostram as pesquisas de Marisa Eboli (da USP) sobre universidades corporativas. Contudo, nas médias e pequenas, o quadro pode ser desolador.

De fato, em nossa sociedade convivem cabeças que pertencem a épocas diferentes. Os “meninos” das startups estariam perfeitamente ajustados ao ritmo do Vale do Silício californiano. Há quem viva, contudo, no século XIX. A base da pirâmide

é o Brasil velho, com seus valores e comportamentos incongruentes com uma sociedade moderna e industrializada.

Tomemos a construção civil, na qual há de tudo. Nas empresas de ponta, os prédios são construídos em uma semana, com as mais avançadas tecnologias. Já na obra da esquina, os valores e atitudes são de sociedades primitivas. Cumprir compromissos e horários? O trabalho é odioso e só há empenho quando o encarregado está olhando? A qualidade é a mínima que dá para ser aceita? O conhecimento é precário, mal e mal, aprendido com quem também não sabe

direito? E, o pior de tudo, não há vontade de aprender. A ninguém, portanto, ocorre aumentar a produtividade — que é escandalosamente baixa.

Ouvi um operário dizer ao amigo que não usa a espátula grande, muitas vezes mais produtiva que a dele, por-

que é mais pesada. Outro afirmou, sem pejo, que jamais havia afiado seu formão. Quando lhe explicava como era o processo, desinteressou-se.

Esse Brasil velho encolhe, por isso conseguimos avançar. Mas sobrevive nas franjas da nossa sociedade. Sim, a improdutividade tem raízes no passado. Extirpá-las é modernizar esse testamento antigo. O desafio vai muito além de conhecimentos técnicos ou know-how. É preciso combater os cacoetes do atraso. Nosso peão de obra tem de ter cabeça de operário da Embraer. É possível? Sim, pois essa transformação ocorreu em segmentos do Brasil. Mas, espontaneamente, o processo é muito lento. Como empresas modernas e escolas são as melhores agências de modernização, cumprir-lhes um papel crítico. ■

**A improdutividade começa nas empresas. As de primeira linha estão atentas. As pequenas e médias não**



### GENTE COMO A GENTE?

Assistentes pessoais em desenvolvimento pela Samsung: projeto de interface mais humana

volvida nos anos 1970 pelo roboticista japonês Masahiro Mori. De acordo com Mori, os humanos tendem a apresentar maior repulsa em relação a andróides que se assemelham a eles; isso depois de uma simpatia inicial. Em 2010, um estudo da Universidade Harvard confirmou a tese ao analisar a reação de pessoas a seres digitais que gradualmente ganhavam feições humanas. Constatou-se que, quanto mais parecidos conosco, maior é o medo que os robôs nos provocam. Se as novas gerações continuarem a reagir assim, a fama de Lil Miquela e companhia poderá ser tão efêmera quanto a de certas ex-celebridades do mundo real. ■



FOTOS DIVULGAÇÃO

## PRONTOS PARA BEBER

Sem a aura de elegância com a qual ingressaram na cultura etílica, drinques famosos passaram a ser vendidos em lata no Brasil. E, para surpresa geral, o resultado tem agradado

O AFÃ de dar graça a bebidas alcoólicas misturando-as a outros ingredientes acompanha a história da humanidade desde os gregos. Mas o embrião da coquetelaria tal qual a conhecemos só começou a germinar mesmo no século XVIII, quando os americanos passaram a cultivar o hábito de bebericolar licorosos como aperitivo. Abriu-se aí um mundo de experimentações, freado pela Lei Seca nos anos 1920, porém logo reanimado pelo icônico bloody mary e, mais tarde, pelo dry martini, que encontrou nas mãos do James Bond de Sean Connery um charme todo especial. A partir da frenética década de 80, contudo, os drinques ficaram circunscritos à velha guarda — até que, nos anos 2000, entrou em cena o mixologista, profissional que junta o mais improvável em uma taça (e dá certo). Pois esse universo está sendo sacudido por uma nova onda que faz torcer o nariz dos mais puristas: a dos drinques na latinha.

Coquetéis prontos para o consumo embalados em lata de alumínio são comuns nos Estados Unidos e na Europa, mas só de um ano para cá vêm sendo assimilados pela cultura etílica brasileira. Essas versões ganham espaço em festas ao ar livre e na praia, lugares onde o vidro não orna tão bem, e se alastram especialmente na faixa dos 25 aos 40 anos, estimuladas pelo preço: os drinques enlatados custam em média metade do valor cobrado no bar. “São bebidas que pouca gente sabe fazer, daí a alta procura”, diz Ricardo Petrus, o autor das criações da gaúcha Le Mule, uma das empresas desse mercado em franca expansão: deverá responder por 10% de todos os líquidos vendidos em lata no país até o fim de 2020.

O frescor, evidentemente, se perde em certa medida, mas a qualidade da bebida é preservada graças ao avanço da embalagem laminada, feita para

### JOGO DAS DIFERENÇAS

Mixologistas ouvidos por VEJA avaliam no que as versões em lata de drinques famosos se distinguem da bebida na taça

#### MOSCOW MULE

(VODCA, SUCO DE LIMÃO E ESPUMA DE GENGIBRE)

A espuma que coroa a bebida perde a cremosidade e fica mais rala, fazendo com que o sabor do gengibre se pronuncie menos

#### NEGRONI

(VERMUTE, GIM E CAMPARI)

Cada ingrediente responde por um terço da mistura.

Não dá, portanto, para dosar o teor alcoólico nem escolher o nível de amargor, um mimo que pode mudar a experiência



#### GIM-TÔNICA

(GIM E ÁGUA TÔNICA)

O gás carbônico adicionado à lata para evitar a oxidação do alumínio produz borbulhas que conferem ao líquido uma nota mais ácida



não oxidar. Também os ingredientes podem não ser aquilo que parecem ao primeiro gole. A Ambev, por exemplo, entrou no jogo com o GT, um gim-tônica de sabor puxado para a carambola que não leva nem gim nem tônica, mas álcool de cereais e aromatizantes. “A tecnologia nos permite reproduzir sabores cada vez mais próximos dos originais”, avalia o mixologista carioca Michell Agues. Ele e outros mestres da coquetelaria dão uma dica para que a magia seja preservada: entornar o drinque na taça, enfeitar com uma rodela de limão e tim-tim. ■

Jana Sampaio

# EM ALTO E BOM SOM

Nada discretos, os fones over-ear, exagerados no tamanho e no preço, viraram objeto de desejo dos amantes da tecnologia

**PRIMEIRO** foram os DJs. Depois vieram personagens das séries das plataformas de streaming, como o milionário rebelde Kendall Roy (interpretado pelo ator Jeremy Strong), de *Succession*, da HBO). O fato é que os fones de ouvido gigantes, tão comuns na década de 70, voltaram à moda e estão fazendo a cabeça de quem gosta de qualidade de som. A diferença é que os aparelhos de hoje, além de não terem fios, incorporam tecnologias como o sistema de cancelamento de ruídos externos, desenvolvido pela Força Aérea americana para isolar o barulho de caças supersônicos, como forma de valorizar ao máximo a qualidade das mú-

sicas que reproduzem. É o caso da criação da alemã Beyerdynamic, exibida por Kendall Roy na série, sobre uma família de magnatas da mídia. Como todo brinquedo tecnológico, custa caro: no Brasil, o modelo T1 da marca é vendido por 4 680 reais. Com funcionalidades semelhantes, o concorrente QuietComfort, da americana Bose, a grife de aparelhos de áudio preferida da turma do Vale do Silício, sai mais em conta, na casa dos 1 900 reais.

Antíteses dos minúsculos fones intra-auriculares que acompanham os celulares de última geração, os grandalhões recebem a denominação de over-ear por cobrir integral-

mente os ouvidos. Para os puristas, tal particularidade permite uma conexão quase esotérica com as músicas que reproduzem. E o preço não é um impedimento. Tanto que o faturamento dos fabricantes cresceu 65% nos últimos três meses de 2019 e bateu em mais de 14 bilhões de dólares no período, segundo relatório da consultoria Futuresource Consulting. O sucesso dos fones over-ear está diretamente ligado ao apelo de marketing que têm. “Alguns passam a ideia de que quem os usa é fanático por qualidade, outros, de que o ouvinte é adepto do estilo retrô. E há os que significam principalmente muito dinheiro”, diz o americano Alain Macklovitch, produtor, DJ e grande conhecedor desse tipo de equipamento. Mais que tudo, trata-se de um acessório perfeito para quem quer ser notado. ■

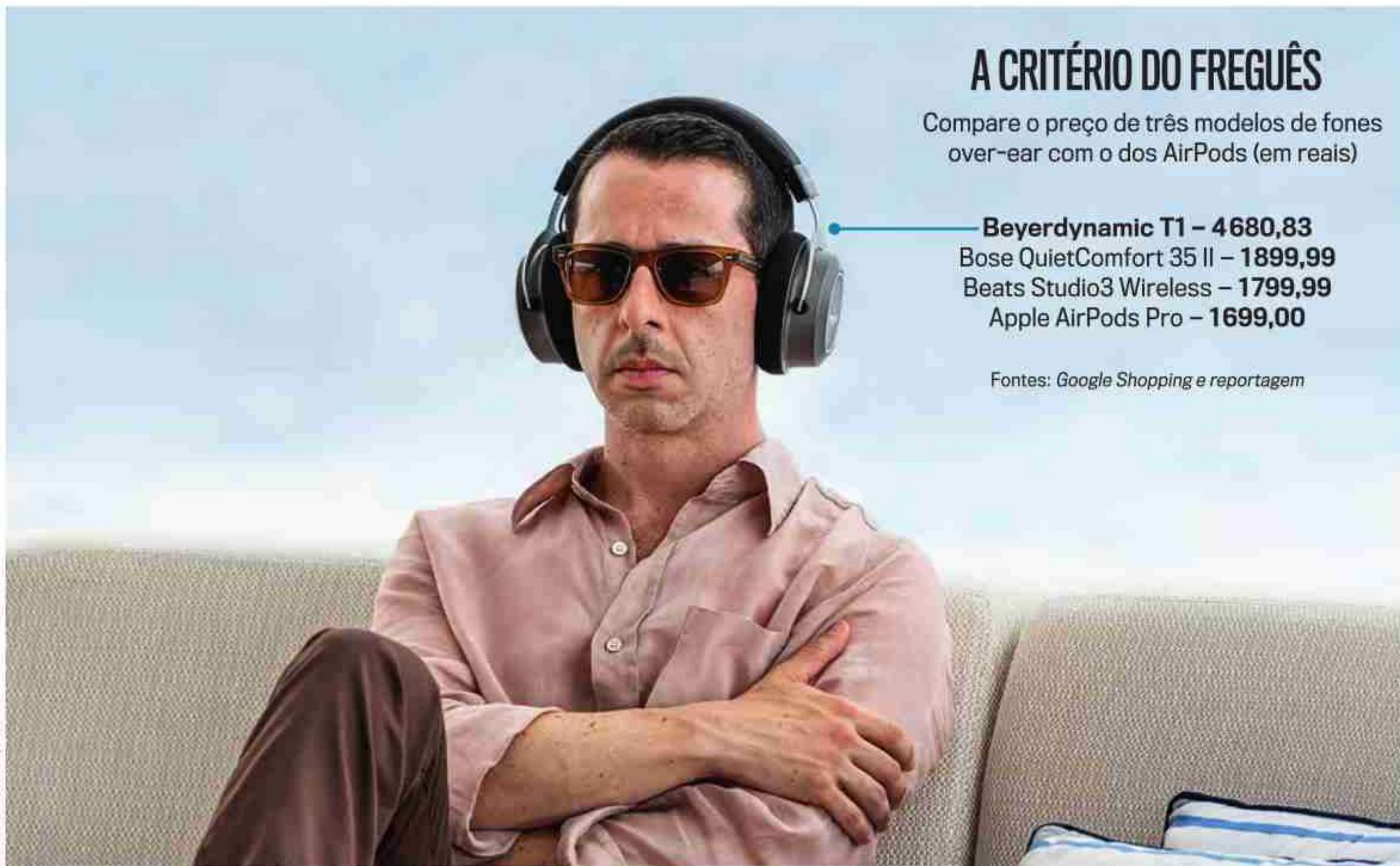
Larissa Quintino

## A CRITÉRIO DO FREQUÊS

Compare o preço de três modelos de fones over-ear com o dos AirPods (em reais)

**Beyerdynamic T1 – 4 680,83**  
**Bose QuietComfort 35 II – 1 899,99**  
**Beats Studio3 Wireless – 1 799,99**  
**Apple AirPods Pro – 1 699,00**

Fontes: Google Shopping e reportagem



GRAEME HUNTER/HBO

**GRANDALHÕES** Fones “high-tech” fazem parte do visual do personagem Kendall Roy, da aclamada série *Succession*, da HBO



# UM ESCÂNDALO LONGE DO FIM

Najila Trindade cogitou pedir indenização a Neymar pela divulgação de suas fotos íntimas no Instagram do jogador e tenta reverter o arquivamento do caso de estupro **JOÃO BATISTA JR.**

**A MODELO** Najila Trindade, de 27 anos, virou assunto nacional em junho de 2019 ao lavrar um boletim de ocorrência de agressão e estupro por parte de Neymar em uma tórrida noite de amor em Paris. Agora, ela anda às voltas com novas encenças. Recentemente, movimentou-se para tentar um acordo de indenização pelo fato de o craque ter divulgado suas imagens quentes da fase de paquera virtual, antes do embarque para a França. Para seguir a tradição de um escândalo que começou enrolado, um termo de confidencialidade no qual Najila autorizava um advogado a negociar isso com Neymar simplesmente sumiu. Em 20 de janeiro o escritório do advogado Leonardo Ferreira Damasceno da Silva foi invadido, em Santos. Os bandidos levaram dinheiro em espécie, um cofre e documentos. Entre eles, coincidência ou não, o papel referente ao caso Neymar.

Embora não tenha sido sequer indiciado na acusação de estupro por falta de provas, o craque pode se dar mal em outro inquérito aberto sobre o mesmo escândalo. Trata-se do processo que o Ministério Público do Rio de Janeiro move contra o jogador por divulgação de imagens íntimas de Najila. Nesse caso, o que não falta são provas. O delegado Pablo Dacosta Sartori, da Delegacia de Repressão de Crimes de Informática do Rio de Janeiro, enviou em outubro passado ao MP um relatório sobre o inquérito para averiguar se Neymar cometera

crime ao divulgar imagens de Najila nua em sua conta no Instagram quando quis se defender da acusação de estupro e agressão feita pela modelo e arquivada pela Justiça. Ele é investigado por *revenge porn*, quando, por raiva ou vingança, a pessoa expõe conteúdo pornográfico de alguém. Em depoimento, o craque tentou driblar sua responsabilidade ao atribuir a assessores a publicação. Disse não ter visto o material na íntegra quando o divulgou. A expectativa é quanto à decisão do MP: indiciar Neymar ou arquivar o caso? A existência do documento surrupiado do cofre de Santos pode indicar a intenção de encerrar a discussão com um acordo financeiro. O advogado Damasceno da Silva confirma o furto, mas não entra em detalhes sobre o conteúdo. “Estive três vezes com a Najila para tratar do assunto, e fizemos esse contrato de intenção de trabalhar juntos” afirma. Ele não revela o valor que seria pedido.

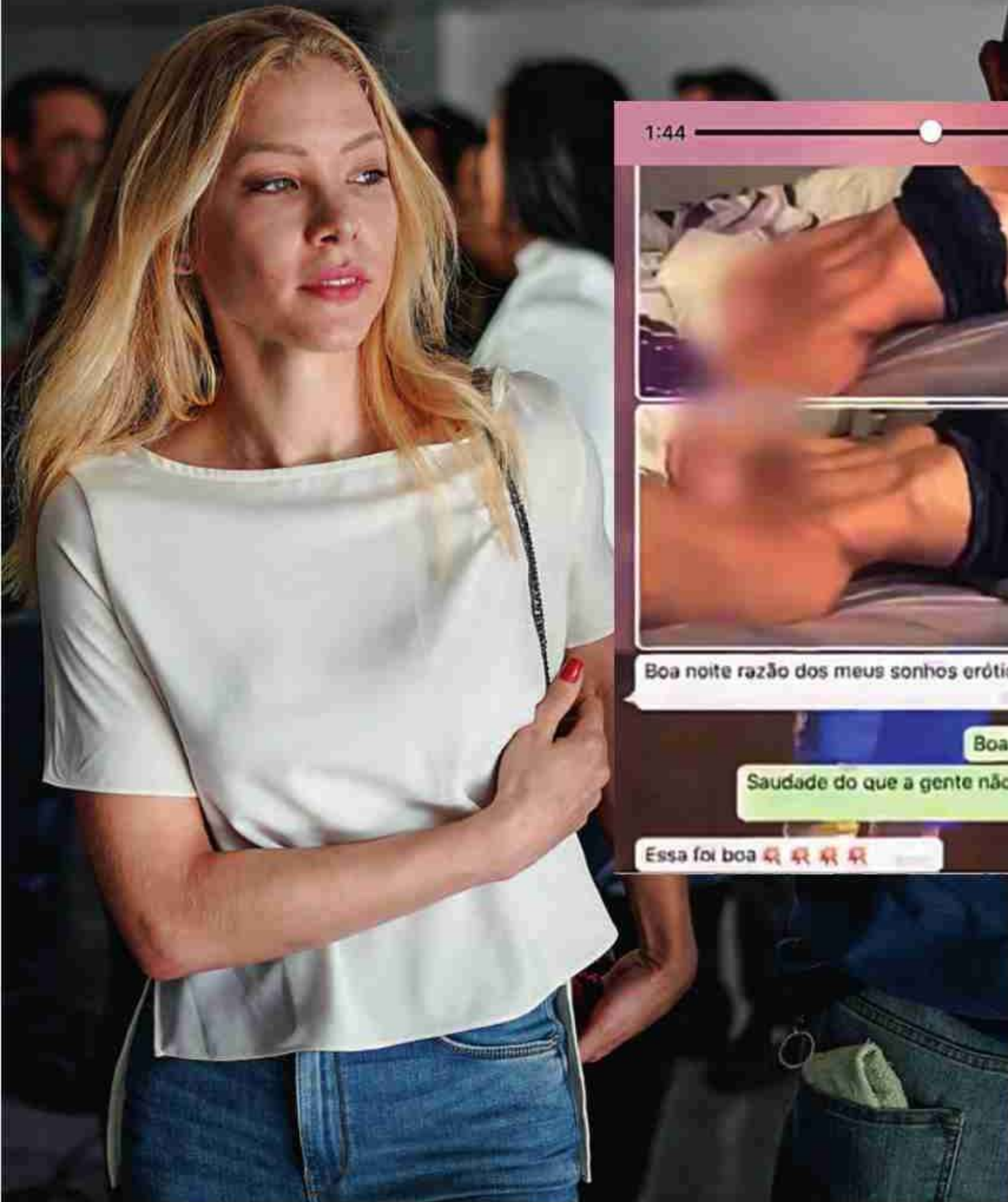
A tentativa de levar à frente o pedido de indenização iniciaria uma batalha com chance incerta de vitória. Em inúmeras ocasiões, a defesa do jogador já disse que esse tipo de acerto está fora de cogitação. O próprio Damasceno da Silva relata que, depois das primeiras conversas sobre o assunto, o interesse de sua cliente em partir para essa briga havia esfriado. “Nossa parceria não foi para a frente”, reconhece o advogado. Ele procurava representar Najila apenas na questão

LEO CORREIA/AP



**BATALHA JURÍDICA** Najila quer a condenação do craque por *revenge porn*: o inquérito corre aos cuidados do Ministério Público do Rio de Janeiro

do pedido de indenização — aparentemente, à revelia de Cosme Araújo, advogado da modelo (detalhe: ele é o quarto representante legal dela em menos de um ano, sem contar Damasceno da Silva). Para Araújo, buscar um acordo financeiro jamais foi uma opção para sua cliente. “Nunca soube da ideia de obter acordo”, diz. “Ele tem de pagar pelo crime de ter publicado material íntimo de uma mulher sem seu consentimento”, completa. Araújo prepara-se para acionar a procuradoria com o objetivo de pedir



uma explicação sobre a demora do processo movido pelo MP do Rio contra o craque. “Há a sensação de esse jogador ser intocável”, afirma. Enquanto nutre esperança de vitória na questão das fotos íntimas, Najila ainda não desistiu de provar a tese de estupro. Em 18 de dezembro, sua defesa entrou com um mandado de segurança pedindo a reabertura do caso. O principal argumento da peça é que a polícia não esperou a chegada de imagens de câmeras de segurança do hotel parisiense, que poderiam

mostrar Neymar entrando em estado alterado na suíte por ele reservada.

Em São Paulo, Najila trabalhou em uma casa de massagens de luxo e, depois do estouro do escândalo com Neymar, saiu da cidade sem pagar o aluguel de seu antigo apartamento, deixando para trás uma dívida de 40 000 reais. Enquanto o terremoto jurídico está longe do fim, ela vive dramas de ordem pessoal. A modelo e seu filho de 7 anos moram em um apartamento em Ilhéus, na Bahia. O imóvel foi alugado pelo pai de Najila, um sargento aposentado. Segundo o advogado, sua cliente toma antidepressivos e sofre de síndrome do pânico. “A clausura é resultado do massacre feito pela mídia e pela sociedade”, diz Araújo. No ano passado, Najila voltou ao noticiário quando se envolveu em uma briga com um homem casado com quem mantinha um relacionamento. De acordo com o advogado, a modelo não trabalha e vive da ajuda de familiares. A frustrada lua de mel em Paris provocou um terremoto em sua vida e ainda pode render mais dores de cabeça a Neymar. ■



LUCAS LANDAU/REUTERS

# COLOSSO RESTAURADO

O Egito reabre a pirâmide de Djoser, a mais antiga de todas, gigante de pedra no Deserto do Saara que despertou nos faraós o gosto por tumbas monumentais **ERNESTO NEVES**

**FALAR EM** Egito antigo é falar nas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, maravilhas que, ao lado da Esfinge, sobrevivem ao passar dos séculos na Necrópole de Guizé, nas cercanias do Cairo. Pois pertinho dali outro monumento excepcional acaba de ser reinaugurado. É a pirâmide de Djoser, a mais antiga de todas, erguida há 4700 anos (oitenta antes da de Quéops), gigante de pedra com altura equivalente à de um prédio de vinte andares que passou quase vinte anos fechado para restauração depois de ter as estruturas abaladas por um terremoto. Foi exatamente Djoser, faraó da terceira dinastia, que deu partida na tradição de construir tumbas monumentais para abrigar os restos mortais da nobreza, até então acomodados em túmulos simples, de barro. Os que vieram depois dele empenharam-se em uma competição para ver quem erguia a pirâmide mais... bem, mais faraônica, fazendo brotar no deserto os colossos arquitetônicos que se tornariam a imagem da civilização egípcia na Antiguidade.

Os trabalhos de restauração da pirâmide de Djoser levaram catorze longos anos e consumiram quase 7 milhões de dólares. Antes de chegar à tumba do faraó, instalada em uma estrutura subterrânea, foi preciso restaurar o interior de pedra da pirâmide, um vão de 60 metros de altura que corria o risco de desmoronar. Nessa fase, técnicos britânicos apelaram para um método controverso: escora-

ram as paredes com enormes balões inflados de ar e cheios de água, sob pressão controlada e adaptada a cada segmento da obra. Arquitetos, engenheiros e a própria Unesco, divisão da ONU que cuida do patrimônio histórico, criticaram a solução encontrada, lembrando o efeito desastroso de um eventual vazamento em paredes protegidas de toda e qualquer umidade há 45 séculos. No entanto, o procedimento deu certo, e os operários puderam rejuntar as pedras com a ajuda de uma centena de hastes de aço devidamente disfarçadas e invisíveis.

Postada entre as dunas do Deserto do Saara, a pirâmide de Djoser fica nos arredores da cidade de Mênfis, capital do antigo império egípcio, e faz parte de outra necrópole, a de Sakkara, projetada por Imhotep, vizir do faraó que entrou para a história como o primeiro arquiteto de que se tem conhecimento. É o mais antigo edifício de grande porte feito de pedra — são 311 000 metros cúbicos de blocos sólidos —, em vez da mistura de madeira, barro e junco usada até então. Sua característica mais marcante são os seis degraus externos, compondo uma escadaria que, simbolicamente, alçaria Djoser ao outro mundo. Cinco quilômetros de corredores repletos de portas falsas, nichos e becos sem saída levam ao subsolo, onde, em uma cavidade de 28 metros de profundidade, repousava a múmia do faraó. Dotada de iluminação especial, essa tumba colossal é feita de 3 toneladas de granito. Infelizmente,

MOHAMED EL-SHAHED/AF

REPRODUÇÃO



News Service



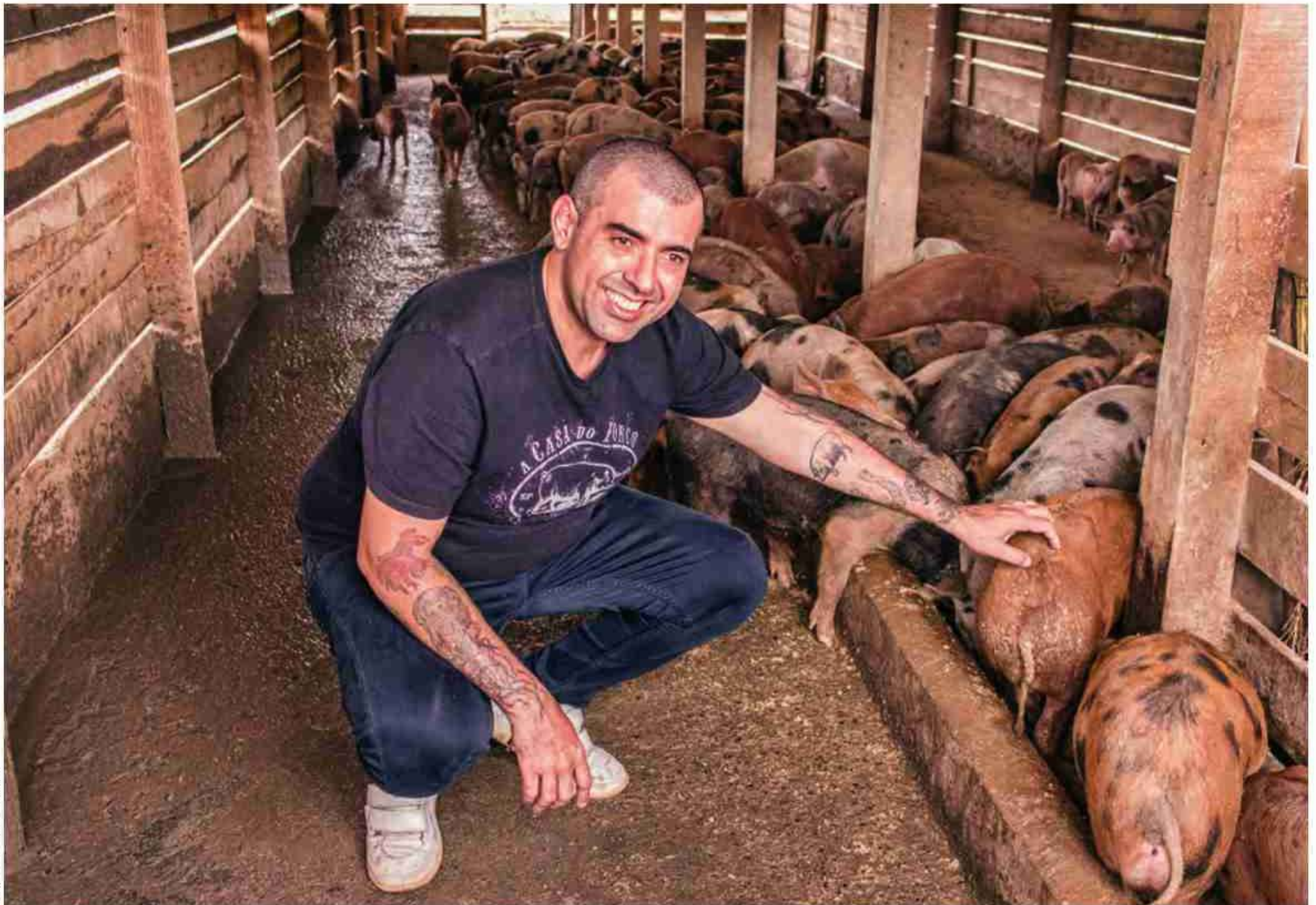
## DEGRAUS PARA O CÉU

A primeira pirâmide: atingida por um terremoto que abalou as paredes internas e o teto, a estrutura passou por obras que duraram quase duas décadas e custaram 7 milhões de dólares. Enormes balões inflados de ar e cheios d'água (à esq.) escoraram as pedras (com risco de vazamento e danos ao ambiente ultrasseco), enquanto técnicos remontavam o quebra-cabeça com o apoio de hastes de aço invisíveis no acabamento

pouco sobrou da decoração e dos objetos originais — sarcófago, múmia e praticamente tudo o que foi colocado na pirâmide para facilitar a passagem do faraó para a outra vida foram roubados logo após sua abertura, nos anos 1930. “Essa era uma pirâmide reverenciada já na Antiguidade. O primeiro restauro, para a instalação de vigas de madeira, ocorreu há 2700 anos”, diz Ayman Gamal Edin, res-

ponsável pelo projeto no Ministério de Antiguidades egípcio.

A reabertura da pirâmide de Djoser faz parte do esforço do governo egípcio para recuperar a indústria do turismo, vital para a economia e muito afetada por um longo período de insegurança e instabilidade política. O carro-chefe da empreitada é o Grande Museu Egípcio, construído ao custo de 1 bilhão de dólares para abrigar o maior acervo arqueológico do planeta e que tem inauguração prevista para dezembro deste ano. Logo na entrada, os visitantes vão deparar com uma monumental estátua de Ramsés II. Entre as peças em exibição está a maior coleção já reunida de relíquias do faraó Tutancâmon. São esperados 5 milhões de visitantes por ano — evidentemente, quando a pandemia de coronavírus estiver controlada e os turistas tiverem voltado a pôr o pé na estrada. ■



BISCOITO FOTÓGRAFO

**ÊXITO** Jefferson Rueda, um dos pioneiros: parceria com criador de porcos garantiu fama a seus estabelecimentos paulistas

# DA FAZENDA PARA A MESA

Chefs brasileiros de restaurantes conceituados se tornam produtores para ter controle de todo o processo que alimenta seu negócio **JENNIFER ANN THOMAS**

**NO INÍCIO** da década passada, um movimento gastronômico empenhado em valorizar a cadeia sustentável de produção de alimentos começou a ganhar força entre chefs americanos e europeus. Nascido nos Estados Unidos ainda na metade do século XX, na esteira da explosão da indústria de comida processada, o *farm to table* — expressão em inglês que significa “da fazenda para a mesa” — alcançou os experts da cozinha alinhados com a ideia de que um dos polos de resistência para a saúde do planeta está na sustentabilidade do que se leva ao prato.

O movimento obteve rápida adesão no Brasil. Um dos nomes de proa da tendência no país é o paulista Jefferson Rueda, que desde 2015 comanda o restaurante A Casa do Porco — onde, obviamente, a estrela do cardápio é o suíno que dá nome ao estabelecimento, montado no centro de São Paulo. Ao lado da mulher, Janaína, conhecida pelo Bar da Dona Onça, que funciona no térreo do Edifício Copan, também na zona central da Pauliceia, Rueda está à frente ainda das casas Hot Pork, que servem cachorro-quente, e da Sorveteria do Centro.

Juntos, os quatro estabelecimentos faturam cerca de 18 milhões de reais por ano. O que alimenta, por assim dizer, o êxito das empreitadas de Rueda — que em 2019 teve o seu carro-chefe posicionado no 39º lugar no World’s 50 Best Restaurants, prestigioso ranking internacional elaborado pela revista britânica *Restaurant* — é justamente uma parceria que ele mantém com o produtor rural José Luiz Bertolletti, responsável pela criação dos cerca de 500 animais destinados ao grupo. A produção dá conta de atender à demanda dos 40 000 clientes mensais



JEFFERSON COPPOLA

**MÃO NA MASSA** Ari Kespers: compra de 10 alqueires para atender às demandas de sua pousada em Monte Verde (MG)

dos estabelecimentos de Rueda. Mais do que isso, desse modo ele assegura a guarda de todo o processo do negócio — da fazenda para a mesa. “O papel de um chef hoje não é mais só cozinhar. A posição que temos é de divisor de águas. Precisamos reeducar os clientes e derrubar os muros no entorno da sociedade”, afirma Rueda.

É na direção dessa quebra de barreiras que se move um novo desdobramento do *farm to table* no Brasil — que vem fazendo com que os chefs ponham, literalmente, a “mão na massa” no campo, transformando-se, eles mesmos, em produtores rurais. Um representante dessa corrente é Ari Kespers, chef e proprietário da Provence Cottage & Bistrô, em Monte Verde (MG), já estrelado pelo *Guia Quatro Rodas*. Paulista de Jundiaí, Kespers inaugurou seu estabelecimento em 2010. Entre as

delícias oferecidas aos hóspedes dos sete chalés que ocupam o terreno de 12 000 metros quadrados, a pousada sempre se orgulhou de seus queijos. O leite, matéria-prima para produzi-los, entretanto, começou a se tornar um problema, pois a Provence Cottage & Bistrô dependia de fornecedores locais, que, às vezes, preferiam vender o produto a empresas maiores. Para solucionar a questão, o chef decidiu comprar, em 2019, um sítio de 10 alqueires em Joanópolis (SP). A expectativa é que em setembro ele receba suas primeiras vacas leiteiras. Antes disso, em agosto, contará com 200 pés de oliva para lançar o próprio azeite. E desde já o chef produz abacate, goiaba, frutas vermelhas, banana, legumes e hortaliças, além de criar galinhas.

“Antigamente, toda casa tinha uma tabela com o mês de cada alimento.

Com a indústria de processados, que oferecem tudo o ano todo, perdemos essa experiência”, comenta Kespers. O clima frio de Monte Verde é impróprio para alguns produtos servidos na Provence. Joanópolis, com suas temperaturas mais elevadas, ajuda também nisso. “Os clientes ficam encantados com o gosto das frutas que servimos no café da manhã”, diz o empresário.

Segundo o engenheiro agrônomo Flávio Gandara, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, vinculada à USP, o movimento dos chefs a favor do *farm to table* representa um retorno às tradições rurais. “Houve uma homogeneização da comida em todo o mundo, e o que vemos agora é uma reaproximação com o campo que nos permitirá redescobrir os sabores dos ingredientes”, acredita ele. Um viva aos tempos de nossos avós. ■

# A SAFRA DAS SAFRAS

Clima seco e quente favorece a maturação das uvas no Rio Grande do Sul e promete uma produção de vinho de qualidade internacional **ALESSANDRA KIANEK**

**DESDE** que os imigrantes italianos trouxeram na bagagem, além das mudas de videira, a cultura do vinho para o Rio Grande do Sul, há um sonho na região: produzir bebida de qualidade internacional. Entre 1875 e 2020, quase 150 anos depois, a produção evoluiu significativamente. Mas a adaptação das uvas viníferas, aquelas usadas na elaboração de vinhos finos, sempre foi um empecilho para que o brasileiro pudesse desfrutar bebidas equivalentes a congêneres europeus feitos em território nacional. Isso pode estar perto de mudar — ao menos é o que asseguram enólogos e agrônomos. A safra de uva vinífera colhida no início deste ano no estado está sendo considerada a melhor de todos os tempos. Isso graças à estiagem que atingiu em cheio os vinhedos por lá durante o verão.

A safra deverá apresentar uma queda na produção, em média, de 20%, devido a fortes chuvas que caíram em outubro e afetaram a floração das plantas. A quebra parcial, porém, será revertida em qualidade. “A partir do início de dezembro, ocorreu em todo o estado uma estiagem, um período de pouca chuva, com tempo seco, o que é excelente para a maturação das uvas. Quando isso acontece, sempre temos safras de qualidade, como as de 1999, 2005 e 2018. A de 2020 desponta como a melhor dos últimos vinte anos”, explica Mauro Celso Zanús, pesquisador da Embrapa Uva e Vinho.

O tempo seco durante as fases de formação do grão, de maturação do cacho e até o momento da colheita favorece o amadurecimento da uva, aumentando a concentração de açúcar. Outro ponto determinante para o bom

desenvolvimento do vinhedo é a amplitude térmica, com dias bem quentes e noites frias, o que estimula a formação dos aromas. Esses fatores juntos resultam na maturação ideal tanto do açúcar quanto dos taninos — substâncias que conferem textura e adstringência à bebida — da uva, o que levará à produção de um vinho mais encorpado, mais estruturado, mais elegante e fácil de beber.

Um dos principais parâmetros que mostram a qualidade superior da safra de 2020 é a graduação do açúcar na fruta, que neste ano atingiu, em média, 3 graus acima do registrado em temporadas normais, segundo o padrão Babo, a medida que representa a quantidade de açúcar a cada 100 gramas de suco. “Em 2020, conseguimos nos nossos vinhedos uma marca histórica de uma média de 24 graus Babo, quando o normal é alcançarmos 21 graus. O que tivemos nesta safra é o máximo da qualidade que pode ser atingida em qualquer outro país produtor de uva na elaboração de um vinho tinto seco”, relata Edegar Scortegagna, enólogo da vinícola Luiz Argenta.

Com uma matéria-prima de primeira linha, a questão agora é saber qual será a qualidade dos vinhos elaborados no Rio Grande do Sul. “Se o enólogo seguir o caderno da escola de enologia, com a menor intervenção possível, vamos ter bebidas de qualidade superior diferenciada, com vinhos mais encorpados e com grande potencial de guarda”, explica o presidente da Associação Brasileira

de Enologia (ABE), Daniel Salvador. Atualmente, a tecnologia à disposição das empresas é muito melhor do que aquela utilizada quinze anos atrás, na safra histórica de 2005. As vinícolas inovaram no manejo dos vinhedos, trocaram as mudas, investiram nos equipamentos e nas técnicas de vinificação.

A grande maioria dos vinhos tintos produzidos nesta safra deverá estar disponível para o consumidor daqui a dois anos. Alguns tintos jovens e os brancos poderão ser encontrados

GILMAR GOMES



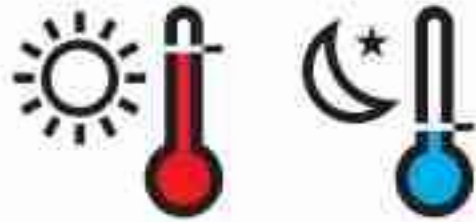
**FRUTA MADURA** Colheita da variedade ancillotta na vinícola Luiz Argenta: altíssimo potencial

## UM BOM ANO

Por que a safra de uva de 2020 do Rio Grande do Sul é considerada a melhor de todos os tempos



Tempo seco desde a fase de maturação até a colheita



Grande amplitude térmica, com dias quentes e noites frias

### Resultado

*Elevação da concentração de açúcar na fruta, que leva à obtenção de vinhos com mais cor, mais taninos e mais estrutura, com potencial de se tornarem uma bebida de guarda*

Fontes: Embrapa e enólogos



GETTY IMAGES



no começo de 2021. “Como estamos falando de bebidas de qualidade elevada, as empresas devem envelhecer esses vinhos por, no mínimo, um ano antes de engarrafá-los, com passagens por barricas de carvalho. E ainda assim serão vinhos de guarda, que poderão ser armazenados por mais dez anos a quinze anos”, analisa Adriano Miolo, presidente e enólogo da vinícola gaúcha Miolo.

De fato, o caminho para que uma ótima uva se torne um excelente vinho é considerado longo. “O maior defeito que vejo em safras de grande potencial é quando os enólogos ficam entusiasmados com a qualidade da fruta e acabam fazendo a extração em demasia, o que deixa os vinhos sobrecarregados de taninos e duros, demorando anos para arredondar”, afirma o especialista Dirceu Vianna Junior, o único Master of Wine brasileiro, que vive em Londres. Não há dúvida de que 2020 é uma safra com extraordinário potencial para os vinhos brasileiros. Resta torcer para que a mão do homem agora aproveite o que a natureza concedeu. ■





NICOLA DOVE/FOX

**BIGODÃO** Kenneth Branagh, como Poirot: detetive imortal

# VOVOZINHA DO CRIME

No centenário da estreia literária de Agatha Christie, novas traduções põem em questão a autora inglesa, que vendeu 2 bilhões de livros: afinal, sua obra resistiu ao tempo?

**MARIA CLARA VIEIRA**

**Q**uando a polícia encontrou seu carro vazio batido contra uma árvore, na zona rural da Inglaterra, Agatha Christie foi dada como desaparecida. O veículo estava registrado no nome do primeiro marido da escritora, que, naquele ano de 1926, havia lançado seu maior sucesso até então, *O Assassinato de Roger Ackroyd*. Dez dias depois do acidente, porém, ela reapareceria em circunstâncias bizarras: estava hospedada em um hotel de luxo sob o nome da jovem amante do marido. Biógrafos oficiais afirmam que a autora foi acometida de um stress pós-traumático ao descobrir que o cônjuge tinha outra. Mas, para as más línguas, tudo não passou de um golpe de marketing. Na prática, a história per-

manece como um dos mistérios deixados pela “rainha do crime”. Aos 36 anos, ela emergiria do episódio com garra renovada: após recusar os bens do ex infiel, assumiu a tarefa de sustentar a única filha, Rosalind, com os próprios recursos. “Continuei, empurrada pelo desejo, ou melhor, pela necessidade desesperada de escrever outro livro para ganhar algum dinheiro. Foi nesse momento que deixei de ser amadora e passei a profissional”, relata na autobiografia.

Morta em 1976, aos 85 anos, Agatha deixou 66 romances policiais, dezenove peças de teatro e diversas coletâneas de contos — um acervo que, considerando-se as métricas atuais, se equipara em vendas ao de ninguém menos que William Shakespeare: são mais de 2 bilhões de exemplares comercializados no mundo, cerca de 4 mi-

lhões por ano. Mas é preciso enxergar além dos números para captar a força de seu legado — que neste ano completa um século. Nascida em uma família de classe média da pequena Torquay, na Inglaterra vitoriana, Agatha escreveu seu romance de estreia por incentivo da irmã mais velha, que a desafiou a criar uma trama detetivesca na qual o leitor não conseguisse descobrir o assassino até as últimas páginas. Lançado em 1920, *O Misterioso Caso de Styles* já contém elementos que fariam a fama da escritora: Agatha é especialista em tramas que envolvem casarões, heranças disputadas, mágoas familiares e jogos de bridge em enredos tão mirabolantes quanto se vê em *Assassinato no Expresso do Oriente*, que fala da reunião de doze assassinos em uma viagem de trem. Agatha notabilizou-se, sobretudo, por

**MENTE  
VITORIANA**

Agatha:  
uma mulher  
emancipada  
que detestava  
o feminismo

PLANET NEWS LTD/AFP



## UMA AUTORA REINVENTADA NAS TELAS

Agatha Christie não foi só prolífica: seus romances inspiraram uma infinidade de adaptações para o cinema e a TV. Foi a própria autora quem escreveu o roteiro da primeira versão do detetive Poirot, destinada ao teatro e transplantada para a tela da BBC em 1937. Produções de outros países vieram na sequência, sem grande brilho – houve até um seriado de Miss Marple odiado e proscrito pela criadora. Quantidade, enfim, não era sinônimo de qualidade nas versões filmadas de seu trabalho. Até que, em 1974, um notável *Assassinato no Expresso do Oriente* virou o tabuleiro. “Foi a primeira obra a contar com um elenco de primeira”, diz Mark Aldridge, autor do livro *Agatha Christie na Tela*. Há três anos, o ator britânico Kenneth Branagh levou uma refilmagem do longa de 1974 às telonas, vivendo ele mesmo um Hercule Poirot cujo bigode em nada lembra o *handlebar* que o personagem cultivava (reproduzido à perfeição por Albert Finney na primeira versão). O filme de Branagh e uma série de Miss Marple veiculada pela BBC entre 2004 e 2014 (com Geraldine McEwan e Julia McKenzie se sucedendo no papel) atualizam seu universo para novas plateias. Mas nada supera, nesse sentido, *Entre Facas e Segredos* (2019): embora não se baseie em nenhum livro dela, o filme com Daniel Craig faz uma justa e instigante homenagem à dama.

DIVULGAÇÃO



**XERETA** Geraldine McEwan, na pele de Miss Marple: charme provinciano

popularizar a mais recorrente fórmula de trama policial: o *whodunnit* (quem matou?, em tradução livre), que coloca vítimas, suspeitos e detetives em um jogo de charadas cuja resposta só aparece no final.

No centenário de sua estreia como escritora, uma pergunta é inevitável: afinal, a obra de Agatha Christie resistiu bem ao tempo? O projeto da editora HarperCollins de lançar oitenta novas traduções de seus romances — quatro chegam às livrarias neste mês — oferece um bom ponto de partida para investigar o tema. Como tantos escritores, ela não escapa à patrulha da correção política. O exemplo mais flagrante da “readequação” de Agatha aos tempos atuais é o desaparecimento do título *O Caso dos Dez Negritos*: após ser proclamado como “racista”, o clássico foi transformado em *E Não Sobrou Nenhum*. “É preciso levar em conta que uma senhora inglesa de mentalidade vitoriana usava uma linguagem bem mais conservadora e ofensiva, para os padrões atuais, ao se referir a deficientes, minorias e estrangeiros”, diz o tradutor Samir Machado de Machado.

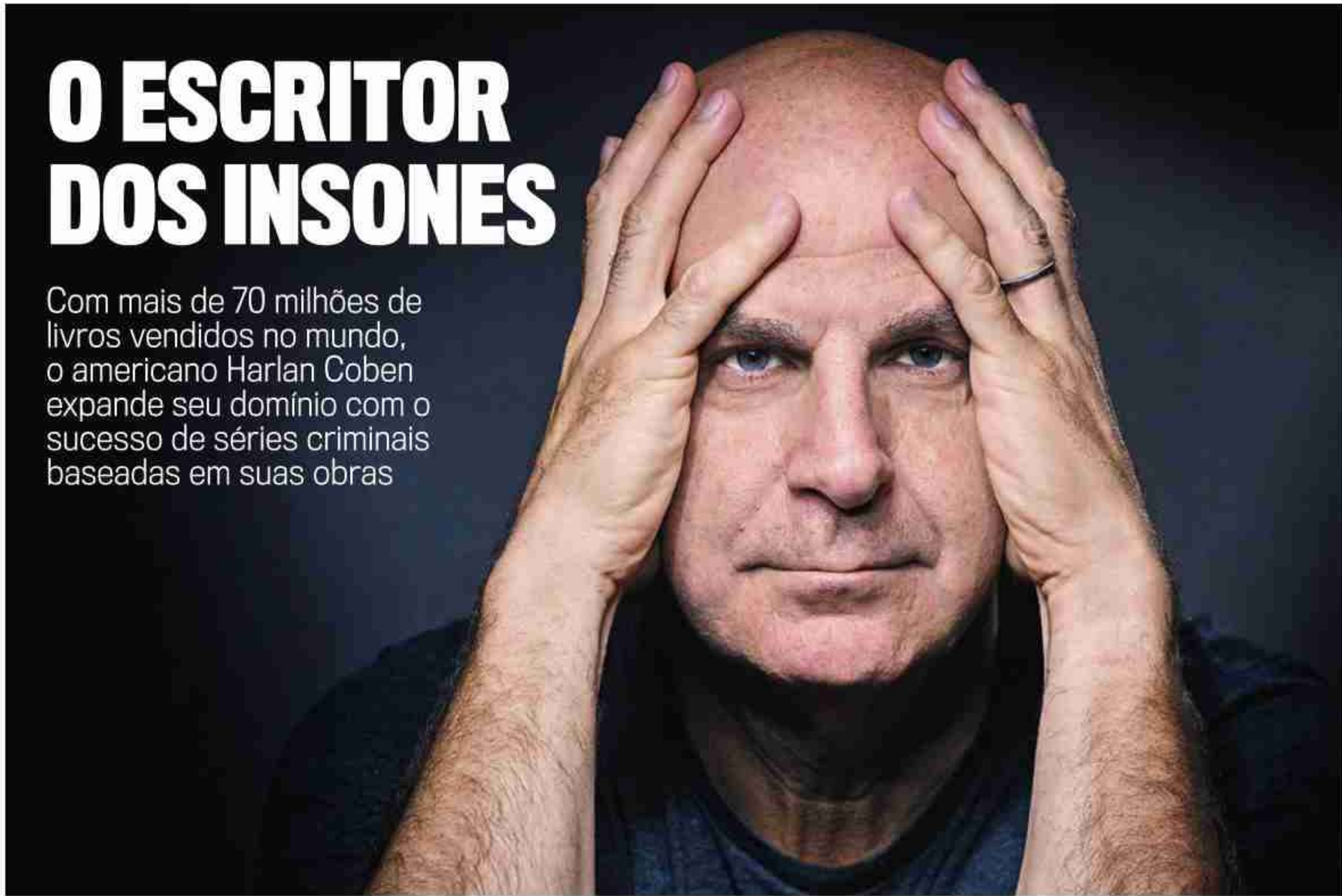
Quando viva, a autora também teve uma celeuma com a militância feminista. Em 1961, negou entrevista a uma revista francesa com as seguintes

palavras: “Nada me horroriza mais que esses artigos sobre os ‘grandes assuntos femininos’”. A trajetória da própria Agatha, contudo, é uma resposta a quem a acusa de desmerecer as mulheres. Com seu pioneirismo, ela abriu caminho para várias gerações de autoras policiais, da americana Patricia Highsmith à inglesa P.D. James.

Ironicamente, a evolução extraordinária das sucessoras pôs à prova as qualidades de Agatha. Centrado em exercícios de dedução, seu *whodunnit* tornou-se pueril perto da ficção criminal moderna, com tipos mais dúbios e alta densidade psicológica. A autora, no entanto, criou dois personagens que conservam seu charme à moda antiga: Hercule Poirot, o pequenino detetive belga de imensa vaidade, e Miss Marple, a velhinha xereta que expõe os assassinos e as hipocrisias do interior inglês. Mesmo seu estilo supostamente datado continua por aí, onipresente. A receita básica do “quem matou?” permanece em voga dos thrillers juvenis às novelas brasileiras. Novas adaptações e homenagens mostram que, com um providencial banho de loja, suas obras recuperam o viço (*leia o quadro à esquerda*). “Se você olhar bem no fundo, Agatha está sempre lá”, diz o biógrafo Tito Prates. Nunca menospreze a vovozinha do crime. ■

# O ESCRITOR DOS INSONES

Com mais de 70 milhões de livros vendidos no mundo, o americano Harlan Coben expande seu domínio com o sucesso de séries criminais baseadas em suas obras



JOEL SAGET/AFP

**NOITES EM CLARO** O autor de *Não Fale com Estranhos*: tramas com forma de thrillers intrincados, mas coração de novelão

**NADA DÁ** mais prazer a Harlan Coben que detectar olheiras profundas em seus leitores — entre os quais se inclui o ex-presidente americano Bill Clinton. “Eu adoro quando as pessoas falam que sentem uma ‘raiva boa’ de mim. Elas se deitam na cama por volta da meia-noite, pegam um dos meus livros pensando que só vão ler um pouco antes de dormir — e, quando se dão conta, são 6 da manhã”, gabou-se Coben em entrevista a VEJA. Ostentar com orgulho o epíteto de “escritor das madrugadas”, como é conhecido nos Estados Unidos, não é só vaidade fortuita nesse caso: com trinta obras no currículo, Coben já vendeu 75 milhões de livros em 43 idiomas — 1,6 milhão deles apenas no Brasil.

Coben cimentou de vez sua fama mundial graças a seu bem-sucedido trabalho como roteirista e produtor de séries. Desde 2018, quando criou

o thriller *Safe*, é parceiro da Netflix. Atualmente, faz sucesso com *Não Fale com Estranhos*. Inspirada no livro homônimo de Coben, a série trata de famílias que levam sua vida perfeita em um vilarejo inglês até uma forasteira surgir para revelar segredos perturbadores sobre os moradores. “Eu gosto de explorar a dimensão da família em meus livros. Aquele espaço grande entre o ‘não mato ninguém, mas mato se os meus filhos estiverem em perigo’. É entre este sim e não que se encontram minhas histórias”, diz. Ainda em 2020, mais dois projetos policiais do escritor chegam ao streaming. As histórias de Coben exploram com eficácia uma receita de bolo curiosa: exibem a forma de suspenses criminais intrincados e sofisticados, mas, no fundo, são mesmo é novelões folhetinescos. Em *Não Fale com Estranhos*, o

espectador vai sendo cevado por uma teia cada vez mais enrolada de mistérios — até deparar com um final clichê que cheira a melodrama de Gilberto Braga.

Do alto de seu 1,93 metro, o grandalhão Coben sonhava em ser jogador de basquete. Ele cursava ciência política quando descobriu o gosto pela literatura sobre crime. Na universidade, aliás, frequentava a mesma fraternidade estudantil que outro campeão dos best-sellers de suspense, Dan Brown (de *O Código Da Vinci*), de quem é amigo até hoje. Aos 58 anos, Coben divide seu tempo entre a criação de quatro filhos — e a de seus muitos livros, é claro. “Começo a trama pelo final e vou desenrolando o novelo”, diz, referindo-se a seu peculiar processo de produção. ■

Eduardo F. Filho



**VENCEDORA** A verdadeira Madam C.J. Walker (na direção): volta por cima

# MAGNATA DA BELEZA

Otimista e arrebatadora, nova série da Netflix resgata a história de Madam C.J. Walker, filha de ex-escravos que foi a primeira mulher milionária dos Estados Unidos **RAQUEL CARNEIRO**

**É COM FERVOR** quase religioso que Sarah Breedlove (Octavia Spencer) reúne mulheres ao seu redor, em uma feira de rua, para falar sobre um produto para cabelos crespos. A palavra milagre é repetida como um slogan poderoso que ela combina a outros apelos que parecem saídos de uma pregação: isso mudou minha vida e vai mudar a sua, garante, pouco antes de ouvir de uma das transeuntes um “amém”. A crença no produto vai além do resultado prático: tem uma missão capitalista nobre. Sarah promete empoderar mulheres negras, deixando-as mais bem-apegoadas, para que consigam melhores empregos e, assim, fi-

quem independentes. O cenário é o começo do século XX, e os efeitos da escravidão (abolida nos Estados Unidos em 1863) ainda são patentes. Na vida real, Sarah (1867-1919) batalhou com tenacidade para tirar seu discurso motivacional do âmbito dos sonhos. Ela foi de lavadeira a empreendedora da indústria dos cosméticos, tornando-se a primeira mulher milionária dos Estados Unidos. A trama de superação com algo de conto de fadas acaba de ganhar uma adaptação da Netflix: a minissérie em quatro capítulos *A Vida e a História de Madam C.J. Walker*.

Antes de se casar com C.J. Walker (Blair Underwood), de quem toma-



NETFLIX

ria emprestado o sobrenome que ficaria famoso no rótulo de seus produtos, Sarah viveu uma trajetória dramática. Filha de ex-escravos, ela fica órfã aos 7 anos. Aos 14, casa-se e engravida. Aos 20, já está viúva. Para sobreviver, trabalha colhendo algodão — atividade habitual aos escravos americanos, e que continuou por muito tempo nas mãos dos negros livres. Em Indianápolis, no Meio-Oeste do país, Sarah lava roupas para famílias brancas. Afetada por uma doença no couro cabeludo comum às negras da época por diversos fatores, entre eles a falta de produtos adequados, ela é socorrida por



Addie Monroe (Carmen Ejogo), mulher de cabeleira cacheada que cria um cosmético para cabelo afro.

O produto inspirará Sarah a dar uma guinada, não sem antes provocar um conflito entre ela e Addie — que representa Annie Malone, outra empreendedora da vida real que ficaria milionária. A relação entre ambas é espinhosa: Addie, uma mestiça, não quer Sarah, negra de pele mais escura, associada à sua marca. A futura Madam C.J. Walker então elabora os próprios produtos em sua cozinha e os vende de porta em porta, até abrir o primeiro salão de beleza, depois a primeira fábrica e enfim se mudar para uma mansão em

Nova York, transitando entre pensadores, políticos e famosos.

Em essência, a série da Netflix é fiel à jornada da empresária. Mas uma bem-vinda liberdade criativa dá leveza aos episódios. Em vez de enveredar pelo tentador melodrama sobre uma vida de adversidades, o roteiro olha para as soluções encontradas por Madam C.J. Walker. A cada dificuldade, o humor surge como antídoto, aliado a intervenções oníricas imaginadas pela protagonista, uma mulher que não sabia ouvir “não” — e foram muitos, quase todos superados.

Honrando o discurso da protagonista, que buscava elevar seus iguais,

**PIONEIRA** Octavia Spencer, na série da Netflix: protagonista empoderada que não sabia ouvir “não”

o time de roteiristas e diretoras é formado por mulheres negras — entre elas uma trineta de Sarah, a escritora A’Lelia Bundles, que assina a biografia que inspira a série. Caminho idêntico segue a trilha sonora, na qual standards do blues do século XX se mesclam ao hip-hop e rap atuais, com jovens talentos como a rapper Santi-gold e a cantora de soul Andreyana Triana. Sarah, por si só, é uma personagem fabulosa. A embalagem de luxo da série faz jus ao estilo de vida que ela almejou — e alcançou. ■



MICHELE K. SHORT/NETFLIX

**PERDA IRREPARÁVEL** Amy e Thomasin: luta contra o consenso da polícia sobre prostitutas serem pessoas descartáveis

## A VERDADE DÓI

Baseado em um caso verídico, o excelente *Garotas Perdidas*, disponível na Netflix, tem uma atuação poderosa de Amy Ryan – mas seu maior mérito é dar alguma justiça às vítimas reais **ISABELA BOSCOV**

**EM UMA NOITE** de 2010, Mari Gilbert (Amy Ryan) esperou que Shannan, sua filha mais velha, viesse visitá-la na hora do jantar. Shannan não veio, mas, como ela não levava uma vida muito regular, sua mãe não chegou a se preocupar; apenas ficou desapontada. Foi Sherre (Thomasin Mckenzie), a filha do meio, quem deu o alarme: nem mesmo o namorado de Shannan sabia dela, e ligara perguntando por alguma informação. Aí começou a peregrinação da mãe, atrás do namorado, do motorista que levava Shannan aos seus encontros, dos moradores do condomínio em que ela fo-

ra vista pela última vez, atendendo um cliente. Mari descobriu que a filha fugira correndo de uma casa, gritando que tentavam matá-la, e ligara para a emergência pedindo socorro — mas só uma hora depois uma viatura dera as caras por lá, quando já não havia nem sinal de Shannan. Na delegacia, Mari não conseguiu que lhe dessem ouvidos: Shannan “devia estar drogada”, uma hora qualquer reapareceria, colocara-se ela mesma no caminho do perigo. Quando o cão de um patrulheiro por acaso farejou um cadáver nas imediações do local do sumiço, um cenário tétrico começou a se des-

cortinar, mas nem aí o desprezo em torno de Shannan se desfez. Ela era, afinal, uma prostituta. Eis o fio condutor do primeiro longa de ficção da experiente e talentosa documentarista Liz Garbus: em *Garotas Perdidas* (*Lost Girls*, Estados Unidos, 2020), produção da Netflix já disponível na plataforma, a diretora se vale de um caso verídico para, como em muitos de seus trabalhos, destrinchar a maneira indecorosamente desigual como a justiça é distribuída.

Há tempo a Netflix não lançava um filme original com o nível de competência e a força dramática de *Garotas Perdidas*. Com rigor naturalista e sob a luz desoladora do outono, Liz Garbus cria um quadro austero em cujo centro está um vulcão de energia, teimosia e indignação: Mari, a mãe que parece aos detetives muito fácil julgar — pela tintura barata dos cabelos, pelos modos bruscos, pelos pro-



## O LADO BOM DO CORONAVÍRUS

É difícil, mas necessário, extrair ensinamentos da situação atual

blemas que já teve com Shannan e por aceitar empréstimos do dinheiro que a filha ganhava com prostituição. Igualmente fácil, para eles, é julgar as dez ou mais moças cujos cadáveres são descobertos, todas prostitutas que anunciavam seus serviços no mesmo site. Os corpos foram reenterrados recentemente, sinal de que o assassino está tentando afastar a investigação de seu lugar de ação. Um deles é identificado como de uma garota desaparecida no meio da década de 90; ou seja, há quinze anos jovens vêm sendo mortas sem que ninguém faça caso delas. “Pelo menos o culpado não escolha suas vítimas entre os cidadãos em geral”, diz um detetive.

Mari e as mães e irmãs das outras vítimas, entretanto, cuidam de que o espectador não esqueça que as moças são antes de mais nada pessoas queridas de alguém, por mais imperfeito que esse “alguém” seja. Amy Ryan é uma atriz poderosa, que sabe como poucas exprimir os estados de ânimo e as forças e fraquezas das americanas de origem proletária, em trabalhos como a série *The Wire* e em outro thriller sobre um desaparecimento, *Medo da Verdade* (2007). Aqui, com sua garra, ela faz um belo contraponto com a excelente Thomasin McKenzie, de *Jojo Rabbit*, no papel da filha do meio delicada e ponderada que descobre mais do que gostaria de saber no curso da investigação, e repete uma de suas melhores parcerias — com Gabriel Byrne, com quem contracenou na série *Em Terapia*. Ainda assim, a verdadeira estrela de *Garotas Perdidas* é a justiça com que Liz Garbus, ao menos, trata as vítimas: não como peças de um mistério policial, mas como indivíduos que deixam atrás de si uma ausência irreparável. ■

O CORONAVÍRUS chegou ao Brasil, e é o único assunto possível nesta semana. Talvez neste mês. Neste ano? É impossível prever o alcance dos danos que a pandemia ainda causará no país e no mundo. Na cultura, os impactos já são enormes: começou com o cancelamento ou adiamento de importantes feiras culturais e de negócios, como a Feira do Livro de Paris, de Londres, a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, a Art Basel Hong Kong, e de shows e festivais de música, como o Coachella e o Lollapalooza. Agora, cinemas e teatros estão fechados, shows da Broadway foram suspensos, filmagens e lançamentos de filmes e séries estão adiados — até as novelas da Globo foram afetadas. Na Europa, museus e monumentos históricos também não abrem mais. No mercado global, a perda no setor de entretenimento está na casa dos 5 bilhões de dólares.

Especialmente no Brasil, a cultura é uma das áreas que mais sofrerão. Afinal, cinemas, shows e museus pressupõem aglomerações. O esvaziamento dos palcos, livrarias e cinemas vai afetar todo um grupo de trabalhadores já tão vilipendiados pela ausência de políticas públicas e pela guerra ideológica travada pelo atual governo. Tudo isso me preocupa, e muito. Já foi dito que o papel da ficção é justamente colocar “pessoas ordinárias em situações extraordinárias” e ver como se comportam. Daí os filmes-catástrofe e livros como *A Peste*, de Albert Camus, e *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, cujas vendas cresceram exponencialmente diante da pandemia. Antes da realidade, cabe à literatura e às artes visuais projetar atitudes humanas e consequências sociais diante de uma grave crise.

Em situações-limite, caem as máscaras e revelamos nossa verdadeira face. Agora, de onde escrevo, tenho mesmo a impressão de ter mergulhado em uma ficção que só vem revelando o pior lado de seus personagens. Nos mercados, as prateleiras estão vazias, e as pessoas estão estocando comida, papel higiênico, álcool em gel. Em São Conrado, no Rio, um casal com coronavírus obrigou a doméstica a continuar trabalhando. Muitos confundem quarentena com feriadão, e praias, bares e restaurantes seguem lotados. Igrejas e academias ainda recebem seus fiéis. O egoísmo impera. E a ignorância também.

“Onde está o lado bom?”, você me pergunta. Realmente, há que fazer um esforço para enxergá-lo. Em meio ao caos, torço para que o coronavírus nos sirva de lição — dolorosa, sem dúvida, mas transformadora. Que seja uma chance de valorizarmos

**“Podemos sair engrandecidos da pandemia, como seres humanos, como sociedade. Só depende de você”**

os serviços públicos de saúde, e cobrar-mos isso dos governantes. Que seja uma oportunidade de exercer a solidariedade e a empatia, pensar no outro, no vulnerável, não só em si mesmo. Na Itália, o lema é: “Jovens, seus avós foram para a guerra. A vocês, só pedimos que fiquem em casa”. A agitação da vida cotidiana — reuniões, festas, prazos — está suspensa. É tempo de se isolar, refletir, buscar o autoconhecimento, aproveitar o silêncio, ler mais, repensar escolhas, imaginar. Lave bem as mãos, não saia de casa, proteja seus pais e seus avós. Cuide-se para cuidar de todos. Cobre dos demais essa responsabilidade. Apesar dos pesares, podemos sair engrandecidos da pandemia, como seres humanos, como sociedade. Só depende de você. ■



**CINEMA**

**ÁRTICO** (*Arctic*, Islândia, 2018. Disponível no Looke e em outras plataformas)

Extraviado no inverno ártico após a queda do seu aviãozinho, o homem vê sua única chance literalmente se espantiar quando o helicóptero de resgate também cai. Determinado, ele põe a outra sobrevivente do acidente, uma moça inuíte gravemente ferida, em um trenó e sai puxando-a pelo gelo. Com apenas essa locação e esses dois personagens — um deles vivido pelo formidável Mads Mikkelsen —, o paulistano Joe Penna faz um filme exemplar na força, na concentração e na austeridade. Radicado nos Estados Unidos, onde estudava para ser cirurgião cardiotorácico, Penna foi um dos primeiros astros virais do YouTube (era conhecido como MysteryGuitar-Man). Já está rodando uma nova produção, sobre um passageiro clandestino para Marte.

**DRAMA NO GELO** Mads Mikkelsen, em *Ártico*: uma bela produção internacional com direção brasileira



**BRISA MARÍTIMA** Seafret: a dupla de indie pop chega ao segundo disco

**DISCO**

**MOST OF US ARE STRANGERS**, de Seafret (Independente; disponível nas plataformas de streaming)

O clima marítimo da pequena Bridlington, na Inglaterra, inspirou Jack Sedman e Harry Draper na hora de batizar o duo Seafret, junção de *sea* (mar) e *fret* (traste de violão). Quatro anos após o álbum de estreia, *Tell Me It's Real*, o duo volta à cidade natal, longe das grandes gravadoras, para lançar de maneira independente o trabalho. Além da boa faixa-título, o indie melancólico da dupla é bem representado por *Be My Queen* e *Fall*. O Seafret deve tocar no país em maio — se o coronavírus deixar, é claro.

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

## OS MAIS VENDIDOS

### FICÇÃO

- 1 **O CONTO DA AIA**  
Margaret Atwood [1 | 112#] ROCCO
- 2 **TEXTOS CRUÉIS DE MAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE** TCD [2 | 83#] GLOBO
- 3 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**  
George Orwell [5 | 86#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 4 **1984**  
George Orwell [6 | 46#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 5 **A GAROTA DO LAGO**  
Charlie Donlea [4 | 45#] FARO EDITORIAL
- 6 **FAHRENHEIT 451**  
Ray Bradbury [8 | 20#] BIBLIOTECA AZUL
- 7 **A PACIENTE SILENCIOSA**  
Alex Michaelides [9 | 13#] RECORD
- 8 **O QUE ACONTECE EM LONDRES**  
Julia Quinn [0 | 1] ARQUEIRO
- 9 **O HOMEM DE GIZ**  
C.J. Tudor [0 | 62#] INTRINSECA
- 10 **ADMIRÁVEL MUNDO NOVO**  
Aldous Huxley [0 | 9#] BIBLIOTECA AZUL



### NÃO FICÇÃO

- 1 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [1 | 166#] L&PM
- 2 **21 LIÇÕES PARA O SÉCULO 21**  
Yuval Noah Harari [5 | 73#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 3 **RÁPIDO E DEVAGAR**  
Daniel Kahneman [10 | 60#] OBJETIVA
- 4 **ESCRavidÃO – VOL. 1**  
Laurentino Gomes [2 | 28] GLOBO LIVROS
- 5 **MINHA HISTÓRIA**  
Michelle Obama [6 | 59#] OBJETIVA
- 6 **SUZANE – ASSASSINA E MANIPULADORA**  
Ullisses Campbell [4 | 8] MATRIX
- 7 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**  
Djamila Ribeiro [7 | 10#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 8 **HOMO DEUS**  
Yuval Noah Harari [0 | 137#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 9 **A GUERRA CONTRA O BRASIL**  
Jessé Souza [0 | 1] ESTAÇÃO BRASIL
- 10 **QUARTO DE DESPEJO**  
Carolina Maria de Jesus [0 | 2#] ÁTICA



### AUTOAJUDA E ESOTERISMO

- 1 **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**  
Napoleon Hill [1 | 49#] Citadel
- 2 **DO MIL AO MILHÃO**  
Thiago Nigro [4 | 61#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 3 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**  
Dale Carnegie [3 | 46#] COMPANHIA EDITORA NACIONAL/SEXTANTE
- 4 **O PODER DO HÁBITO**  
Charles Duhigg [0 | 176#] OBJETIVA
- 5 **ESPECIALISTA EM PESSOAS**  
Tiago Brunet [6 | 3] ACADEMIA
- 6 **MINDSET**  
Carol S. Dweck [10 | 45#] OBJETIVA
- 7 **O MILAGRE DA MANHÃ – DIÁRIO**  
Hal Elrod [5 | 2] BESTSELLER
- 8 **A SUTIL ARTE DE LIGAR O F\*DA-SE**  
Mark Manson [8 | 111#] INTRINSECA
- 9 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**  
Clarissa Pinkola Estés [0 | 2#] ROCCO
- 10 **PAI RICO, PAI POBRE PARA JOVENS**  
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [9 | 6#] ALTA BOOKS



### INFANTOJUVENIL

- 1 **LEAGUE OF LEGENDS: REINOS DE RUNETERRA** Riot Games [0 | 1] GALERA RECORD
- 2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**  
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 296#] VÁRIAS EDITORAS
- 3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**  
J.K. Rowling [4 | 251#] ROCCO
- 4 **ANNE DE GREEN GABLES**  
Lucy Maud Montgomery [3 | 7] AUTÉNTICA
- 5 **A CINCO PASSOS DE VOCÊ**  
Rachael Lippincott [5 | 47#] GLOBO
- 6 **EXTRAORDINÁRIO**  
R.J. Palacio [6 | 115#] INTRINSECA
- 7 **MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA** Adriana Carranca [8 | 14#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 8 **POR LUGARES INCRÍVEIS**  
Jennifer Niven [2 | 2] SEGUINTE
- 9 **HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA**  
J.K. Rowling [10 | 153#] ROCCO
- 10 **O MUNDO SEGUNDO FELIPE NETO**  
Felipe Neto [0 | 17#] PIXEL



**LIVRO**  
A ODISSEIA DE PENÉLOPE,  
de Margaret Atwood (tradução  
de Celso Nogueira; Rocco;  
128 páginas; 29,90 reais e  
19,90 reais na versão digital)

Penélope, esposa de Odisseu, herói da *Odisseia*, de Homero, é uma figura sem cor no épico grego. Melancólica e fiel ao marido, que saiu de casa rumo a Troia e ficou fora por vinte anos, ela é obrigada a manter um reino de pé e driblar pretendentes na ausência do herói. Pela óptica da autora de *O Conto da Aia*, Penélope ganha outra tonalidade e se torna a protagonista, narrando a trama depois que ela morreu e vive nos Campos Elíseos — onde tromba com a prima Helena e o próprio Odisseu. Há tempos fora de catálogo, o livro ganha nova tradução brasileira. ■

Pesquisa: BookInfo / Fontes: Aracaju: Escariz; Balneário Camboriú: Curitiba; Belém: Leitura; Belo Horizonte: Disal Livrarias, Leitura; Betim: Leitura; Blumenau: Curitiba; Brasília: Cultura, Disal Livrarias, Leitura, Saraiva; Cachoeirinha: Livraria Santos; Campina Grande: Cultura, Leitura; Campinas: Copola Livraria, Cultura, Disal Livrarias, Leitura, Loyola; Campo Grande: Leitura; Campos dos Goytacazes: Leitura; Caxias do Sul: Saraiva; Contagem: Leitura; Criciúma: Curitiba, Curitiba; Curitiba: Disal Livrarias, Livraria da Vila; Florianópolis: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva; Fortaleza: Saraiva; Foz do Iguaçu: Curitiba, Kunda Livraria Universitária; Goiânia: Leitura, Saraiva; Governador Valadares: Leitura; Guaiabá: Livraria Santos; Guarulhos: Disal Livrarias, Livraria da Vila; Ipatinga: Leitura; Itajaí: Curitiba; Joinville: Curitiba; João Pessoa: Leitura, Saraiva; Juiz de Fora: Leitura; Jundiá: Leitura; Lins: Kolônia Livros; Londrina: A Página, Curitiba, Livraria da Vila; Macapá: Leitura; Macaé: Leitura; Manaus: Leitura; Maringá: Curitiba; Mogi das Cruzes: Leitura, Saraiva; Natal: Leitura; Palmas: Leitura; Passo Fundo: Livraria Santos; Pelotas: Vanguarda; Ponta Grossa: Curitiba; Porto Alegre: Cameron, Disal Livrarias, Livraria Santos, Saraiva; Porto Velho: Leitura; Recife: Cultura, Disal Livrarias, Leitura, Saraiva; Ribeirão Preto: Disal Livrarias, Saraiva; Rio de Janeiro: Disal Livrarias, Leitura, Livraria Argumento, Saraiva; Rio Grande: Vanguarda; Salvador: Disal Livrarias, Leitura, Saraiva; Santa Maria: Livraria Santos; Santo André: Disal Livrarias, Saraiva; Santos: Loyola, Saraiva; São Caetano do Sul: Disal Livrarias; São José: Curitiba; São José do Rio Preto: Leitura; São José dos Campos: Curitiba; São José dos Pinhais: Curitiba; São Luís: Leitura; São Paulo: Americanas, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal Livrarias, Inovação Distribuidora, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saraiva, Selecta Livros, WMF Martins Fontes; Sete Lagoas: Leitura; Sorocaba: Saraiva; Taboão da Serra: Curitiba; Taguatinga: Leitura; Taubaté: Leitura; Teresina: Leitura; Uberlândia: Leitura; Vila Velha: Saraiva; internet: Amazon, Americanas, Cultura, Curitiba, Leitura, Saraiva, Submarino, Vanguarda.

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas



# CAFÉ COM LEITE

O BRASIL é cheio de situações inusitadas quando se trata de Presidência da República: são presidentes (dois) que morrem antes de tomar posse, é presidente que renuncia com plano frustrado de voltar nos braços do povo, são outros dois que sofrem impedimento em menos de 25 anos, é presidente que se suicida, é presidente derrubado por golpe militar, enfim, já tivemos de quase tudo, mas nunca tivemos o que temos agora: um presidente no cargo, mas fora do exercício precípua da Presidência.

Tantas Jair Bolsonaro fez no primeiro ano de mandato que os Poderes da República cansaram e, na hora da crise dramática de saúde pública com repercussões seriíssimas na economia e na política, o deixam de lado e vão ao trabalho. Ainda bem.

Enquanto no mundo os chefes de Estado são os porta-vozes da dimensão da gravidade, aqui o mandatário minimiza, mantém o travo de desafio político e faz cenas canhestras. As movimentações, tomadas de providências e reuniões de autoridades federais para tratar do andamento da pandemia da Covid-19, ocorrem sem a presença do presidente, que em palco paralelo contraria a realidade (planetária, diga-se) numa demonstração de completo descaso em relação ao conjunto dos governados.

Em contrapartida, Bolsonaro contribui para a deterioração de sua imagem/credibilidade/popularidade até junto aos simpatizantes e por isso tem recolhido malefícios. No seu afã diuturno de testar limites, desta vez ultrapassou uma fronteira perigosa, transitando do terreno das relevâncias fáticas para o ambiente das irrelevâncias práticas do qual se tornou cidadão ho-

norário nesta crise. A figura dele remete à qualificação de “café com leite”, para alguém que não entende as regras do jogo e passa a ser visto pelos demais como a pessoa que joga sem valer.

Jair Bolsonaro assemelha-se hoje a um chefe café com leite. Ele fala e o país toca o baile ao ritmo das necessidades objetivas. O noticiário mais sério já começa a reduzir o espaço dele. A ponto de dia desses o *Jornal Nacional* simplesmente ignorar mais uma declaração do presidente sobre histerias e festinhas de aniversário, ocupado que estava em informar à população sobre o estado de calamidade pública e as precauções necessárias.

De fato, o Brasil e o mundo têm coisas mais importantes a fazer do que dar atenção a bobagens, ainda

## “Nunca se viu um presidente no cargo, mas fora do exercício da Presidência”

que presidenciais. Isso não quer dizer que não tenhamos um problema adicional por aqui, dado que ignorar o mandatário talvez seja o melhor remédio nesta hora aguda, mas obviamente não é uma opção de caráter duradouro.

A pandemia e seus desdobramentos não criaram a figura do Bolsonaro desprovido de senso político, social e, sobretudo, humanitário. Antes, permitiram que essa característica emergisse em público de maneira exacerbada e descontrolada que foi reprovada por todos. Nem a turma

da linha de frente embarcou na canoa da negação. Descontados um ou outro ato de submissão, mesmo dentro do governo as reações foram da crítica à condenação, marcadas todas pela perplexidade.

Ficamos, e ficaram autoridades e especialistas de todos os setores, perplexos porque ao senso comum faltam parâmetros para compreender a razão de alguém, notadamente no exercício da Presidência da República, desafiar a racionalidade de atitudes que visam a preservar vidas.

O impulso é dizer que tal pessoa é portadora de personalidade sociopata. Isso pode até satisfazer de imediato a revolta, mas não explica as coisas, muito menos indica um caminho para a administração do problema. Ocorre coisa semelhante quando se diz que o presidente é fascista, e encerra-se assim a discussão de conceitos não necessariamente comprovados em face da história e da ciência.

A definição mais simples talvez seja a mais correta: trata-se de um homem reacionário, desprovido do mínimo preparo para qualquer ofício público de destaque. Nisso, Jair Bolsonaro encontra-se em igualdade de condições com milhares, provavelmente milhões de cidadãos e cidadãs que, no entanto, não estão onde ele está.

Surge, então, a pergunta: o que fazer? Antes da eclosão da urgência de saúde pública a questão do impedimento entrava na pauta ainda que como hipótese remota. Agora isso não cabe até em atenção ao sentido da emergência outra, mas a questão permanece no radar, pronta para amadurecer assim que o atual vendaval passar.

Pode ser mais rápida ou lentamente. O ritmo vai depender do próprio presidente, a quem cabe sopesar alcance e consequências de sua atuação, que, ao pesar cada vez menos, correm o risco de acabar não valendo nada. ■



# Segurança e desempenho que acompanham seu Honda.

O Óleo Genuíno Honda agora é **Pro Honda**.



No trânsito, dê sentido à vida.

publicis

Para saber mais sobre o Óleo Pro Honda, escaneie o QR Code e acesse o site.



# VICTOR HUGO



SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO - SALVADOR - AEROPORTO DE CONGONHAS - CURITIBA - PORTO ALEGRE - BRASÍLIA - BELO HORIZONTE - FORTALEZA - CUIABÁ - SÃO LUIS - VITÓRIA - MANAUS - BELÉM  
GOIÂNIA - FLORIANÓPOLIS - SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - CAMPINAS - SOROCABA - RIBEIRÃO PRETO - MAIA GUARULHOS - TAMBORÉ BARUERI - PIRACICABA - SANTO ANDRÉ  
MOGI DAS CRUZES - SÃO CAETANO DO SUL - SANTOS - BAURU - JUNDIAÍ - UBERLÂNDIA - CAMPO GRANDE - CAXIAS DO SUL - TERESINA - MARINGÁ - LONDRINA - BALNEÁRIO CAMBORIÚ - BLUMENAU - FOZ DO IGUAÇU

BOLSA ROMA EM MIX LEOPARDO / BK - 10 X R\$ 236,00 OU À VISTA R\$ 2.360,00. • WATCH VICTOR HUGO EM INOX GOLD - 5 X R\$ 152,00 OU À VISTA R\$ 760,00.

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 17/05/2020 OU ENQUANTO DURAREM OS ESTOQUES (PREVALECENDO O QUE OCORRER PRIMEIRO).

WWW.VICTORHUGO.COM.BR [f](#) OFICIAL\_VICTORHUGO [i](#) @VICTORHUGO\_OFICIAL

# Canal Único PDF O Jornaleiro



Cadê o Jornaleiro, gente?!

Acesse nosso Canal no Telegram:

[t.me/jornaiserevistas](https://t.me/jornaiserevistas) ou [@jornaiserevistas](https://t.me/@jornaiserevistas)